

Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado

Projecto Educativo

2014-2015



PROJECTO EDUCATIVO (Biénio 2011/13)

Documento Aprovado em Reunião do Conselho Geral Transitório em 04 / 04 / 2011

Equipa de Trabalho:

António Coelho, David Beirante, Helena Ricardo, José Luís Avelino, Manuel Lourenço e Maria Cristina Monteiro

Com base nos Projectos Educativos da:

- Escola Secundária Dr. Ginestal Machado (Equipa de Trabalho): José Luís Avelino, Madalena Consciência e Vítor Barreto (2009)

- Agrupamento de Escolas Mem Ramires (Equipa de Trabalho): Alexandra Amorim, Ângela Rito, Carmina Santos, David Beirante, Ivone Rodrigues e Lurdes Gabirra (2010)

ÍNDICE GERAL

NOTA DE APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO	9
1.1 – A importância do Projecto Educativo.....	9
1.2 – Conceção educativa subjacente ao Projecto Educativo.....	10
1.3 – Princípios Orientadores.....	16
1.4 – Enquadramento Histórico e Territorial.....	19
CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO	30
2.1 – Estabelecimentos da Educação Pré-Escolar.....	30
2.2 – Estabelecimentos do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	43
2.3 – Escola do 2º e 3º Ciclos de Mem Ramires.....	55
2.4 – Escola Secundária Dr. Ginestal Machado	74
CAPÍTULO 3 – MISSÃO E OBJECTIVOS DO AGRUPAMENTO	100
3.1 – A Missão e a Visão do Agrupamento	100
3.2 – Gestão Relacional do Agrupamento.....	105
3.3 – Objectivos Gerais do Projecto Educativo	111
3.4 – Linhas Gerais de Orientação para a Constituição de Turmas e Distribuição de Serviço.....	112
CAPÍTULO 4 – ÁREAS DE INTERVENÇÃO.....	115
4.1 – Dimensão Pedagógico-Curricular	115
4.2 – Dimensão das Actividades de Complemento Curricular	119
4.3 – Dimensão da Formação.....	122
4.4 – Dimensão dos Recursos Materiais	125
4.5 – Dimensão Administrativo-Financeira.....	128
4.6 – Dimensão da Segurança	130
4.7 – Dimensão Operativa.....	133
4.8 – Dimensão das Relações Humanas.....	136
4.9 – Dimensão Institucional	138
CAPÍTULO 5 – MONITORIZAÇÃO DO PROJECTO EDUCATIVO	141
BIBLIOGRAFIA.....	145

ÍNDICE QUADROS

Quadro 1 – Indicadores de Contextualização do Concelho de Santarém	21
Quadro 2 – Evolução do Número de Alunos no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado entre os Anos Lectivos de 2006/07 e 2010/11	27
Quadro 3 – Evolução do Número de Crianças nos Estabelecimentos da Educação Pré-Escolar do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado	28
Quadro 4 – Evolução do Número de Alunos nas Escolas do 1º Ciclo.....	28
Quadro 5 – Evolução do Número de Alunos na Escola Mem Ramires.....	28
Quadro 6 – Evolução do Número de Alunos na Escola Secundária.....	28
Quadro 7 – Número de Alunos no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado, por Ciclo de Ensino (2010/11)	29
Quadro 8 – Número de Turmas no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado, por Ciclo de Ensino (2010/11).....	29
Quadro 9 – Elementos Materiais do Estabelecimento.....	31
Quadro 10 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento.....	31
Quadro 11 – Distribuição do Pessoal Não Docente do Estabelecimento	31
Quadro 12 – Distribuição dos Alunos do Estabelecimento.....	32
Quadro 13 – Elementos Materiais do Estabelecimento	34
Quadro 14 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento.....	34
Quadro 15 – Distribuição do Pessoal Não Docente do Estabelecimento	34
Quadro 16 – Distribuição dos Alunos do Estabelecimento.....	35
Quadro 17 – Elementos Materiais do Estabelecimento	36
Quadro 18 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento.....	36
Quadro 19 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento.....	37
Quadro 20 – Distribuição dos Alunos do Estabelecimento.....	37
Quadro 21 – Análise SWOT da Educação Pré-Escolar	42
Quadro 22 – Distribuição do Pessoal Docente da EB1 C/JI do Pereiro.....	43
Quadro 23 – Distribuição do Pessoal Não Docente da EB1 C/JI do Pereiro.....	43
Quadro 24 – Distribuição das Turmas por Anos de Escolaridade.....	44
Quadro 25 – Distribuição dos Alunos por Anos de Escolaridade	44
Quadro 26 – Distribuição dos Alunos por Turmas da EB1 C/JI do Pereiro.....	44
Quadro 27 – Distribuição dos Alunos de Outras Nacionalidades	44
Quadro 28 – Distribuição do Pessoal Docente da EB1 Santarém N°7 Leões	46
Quadro 29 – Distribuição do Pessoal Não Docente da EB1 Santarém N°7 Leões.....	46
Quadro 30 – Distribuição das Turmas por Anos de Escolaridade.....	47
Quadro 31 – Distribuição dos Alunos por Anos de Escolaridade	47
Quadro 32 – Distribuição dos Alunos por Turmas.....	47
Quadro 33 – Distribuição dos Alunos de Outras Nacionalidades	47

Quadro 34 – Taxas de Transição das Escolas do 1º Ciclo (Pereiro e Leões) por Anos	48
Quadro 35 – Taxas de Transição das Escolas do 1º Ciclo (Pereiro e Leões) por Ciclo	48
Quadro 36 – Taxas de Sucesso em Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio das Escolas do 1º Ciclo (Pereiro e Leões) por Ano	48
Quadro 37 – Aproveitamento Escolar da EB1 Pereiro (1º Ano).....	49
Quadro 38 – Aproveitamento Escolar da EB1 Pereiro (2º Ano).....	49
Quadro 39 – Aproveitamento Escolar da EB1 Pereiro (3º Ano).....	49
Quadro 40 – Aproveitamento Escolar da EB1 Pereiro (4º Ano).....	49
Quadro 41 – Aproveitamento Escolar da EB1 Leões (1º Ano).....	50
Quadro 42 – Aproveitamento Escolar da EB1 Leões (2º Ano).....	50
Quadro 43 – Aproveitamento Escolar da EB1 Leões (3º Ano).....	50
Quadro 44 – Aproveitamento Escolar da EB1 Leões (4º Ano).....	50
Quadro 45 – Alunos com Planos de Recuperação da EB1 Pereiro.....	51
Quadro 46 – Alunos com Planos de Recuperação da EB1 Leões.....	51
Quadro 47 – Alunos com Planos de Recuperação (1º Ciclo).....	51
Quadro 48 – Alunos com Planos de Acompanhamento (1º Ciclo).....	52
Quadro 49 – Alunos com Necessidades Educativas Especiais (1º Ciclo).....	52
Quadro 50 – Elementos Materiais do Estabelecimento EB23 Mem Ramires.....	57
Quadro 51 – Elementos Materiais do Estabelecimento EB23 Mem Ramires.....	58
Quadro 52 – Distribuição do Pessoal Docente da EB23 Mem Ramires.....	60
Quadro 53 – Distribuição do Pessoal Não Docente da EB23 Mem Ramires.....	60
Quadro 54 – Distribuição dos Alunos da EB23 Mem Ramires.....	61
Quadro 55 – Distribuição dos Alunos que usufruem dos Serviços de Apoio Social Educativo (SASE) da EB23 Mem Ramires.....	61
Quadro 56 – Distribuição dos Alunos de Outras Nacionalidades.....	62
Quadro 57 – Taxas de Transição dos Alunos da EB23 Mem Ramires por Ano de Escolaridade (2007/2008 a 2009/2010).....	62
Quadro 58 – Taxas de Transição dos Alunos da EB23 Mem Ramires por Ciclo (2007/2008 a 2009/2010).....	62
Quadro 59 – Taxas de Alunos Transitados a Todas as Disciplinas da EB23 Mem Ramires por Ano de Escolaridade (2007/2008 a 2009/2010).....	63
Quadro 60 – Taxas de Alunos Transitados a Todas as Disciplinas da EB23 Mem Ramires por Ciclo (2007/2008 a 2009/2010).....	63
Quadro 61 – Taxas de Alunos da EB23 Mem Ramires que Transitaram com Um ou Dois Níveis Inferiores a Três por Ano de Escolaridade.....	63
Quadro 62 – Taxas de Alunos da EB23 Mem Ramires que Transitaram com Três ou Mais Níveis Inferiores a Três por Ano de Escolaridade.....	63
Quadro 63 – Alunos da EB23 Mem Ramires com Planos de Recuperação por Ano de Escolaridade.....	63
Quadro 64 – Taxas de Sucesso da EB23 Mem Ramires por Disciplina e por Ciclo.....	64
Quadro 65 – Taxas de Insucesso da EB23 Mem Ramires por Disciplina e por Ano de Escolaridade.....	65
Quadro 66 – Classificações dos Exames do 9º Ano da EB23 Mem Ramires (Nº de Alunos).....	66

Quadro 67 – Alunos da EB23 Mem Ramires com Necessidades Educativas Especiais.....	66
Quadro 68 – Alunos da EB23 Mem Ramires Aprovados e Retidos ao Abrigo do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro (2009/2010).....	66
Quadro 69 – Abandono Escolar da EB23 Mem Ramires (2009/2010).....	66
Quadro 70 – Distribuição do N.º de Alunos da ESGM por Ano de Escolaridade (2010/11).....	77
Quadro 71 – Situação Profissional dos Docentes da ESGM por Grupo de Recrutamento (2010/11).....	78
Quadro 72 – Distribuição das Idades dos Docentes da ESGM por Grupo de Recrutamento (2009/10).....	79
Quadro 73 – Distribuição dos Pais e Encarregados de Educação da ESGM por Idade e Sexo (2009-10).....	79
Quadro 74 – Habilitações Literárias dos Pais e Encarregados de Educação da ESGM (2009-10).....	80
Quadro 75 – Local de Trabalho e Residência dos Pais e Encarregados de Educação da ESGM (2009-10).....	80
Quadro 76 – Nº de Turmas no Ensino Básico da ESGM (2010-11).....	80
Quadro 77 – Nº de Turmas no Ensino Secundário Regular da ESGM (2010-2011).....	81
Quadro 78 – N.º Turmas no Ensino Secundário Profissional da ESGM (2010-11).....	81
Quadro 79 – Taxas de Transição e de Abandono no Ensino Básico da ESGM.....	84
Quadro 80 – Resultados Obtidos nas Disciplinas e Áreas Curriculares Não Disciplinares – Ensino Básico da ESGM (2008/2009 A 2009/2010).....	86
Quadro 81 – Número de exames e médias das CF e CE de Língua Portuguesa (2006/2010).....	87
Quadro 82 – Número de exames e médias das CF e CE de Matemática (2006/2010).....	88
Quadro 83 – Taxa de Transição do Ensino Secundário da ESGM (%).....	89
Quadro 84 – Taxa de Abandono do Ensino Secundário da ESGM(%).....	90
Quadro 85 – Resultados Obtidos nas Disciplinas do Ensino Secundário Abrangidas pelo DL N.º 74/2004 na ESGM (2008/2009 A 2009/2010).....	91
Quadro 86 – Resultados Obtidos nas Disciplinas Anuais do Ensino Secundário Abrangidas pelo DL N.º 74/2004 (2008/2009 A 2009/2010).....	92
Quadro 87 – Número de exames e médias CIF e CE dos exames nacionais do Ensino Secundário (2009/ 2010).....	93
Quadro 88 – Número de Matrículas e Abandonos nos Cursos Profissionais.....	94
Quadro 89 – Taxas de Conclusão e Abandono dos Cursos Profissionais (%).....	94
Quadro 90 – Médias dos Resultados obtidos nas disciplinas dos Cursos Profissionais.....	96
Quadro 91 – Pontos Fortes e Pontos Fracos Por Domínios.....	97

ÍNDICE FIGURAS

Figura 1 – Localização dos Estabelecimentos de Ensino do Concelho de Santarém (2008/09)	25
Figura 2 – Evolução do Número de Alunos por Nível de Ensino Público no Concelho de Santarém.....	26
Figura 3 – Evolução do Nº de Alunos no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado.....	27
Figura 4 – Evolução da Taxa de Transição no Ensino Básico da ESGM (%).....	84
Figura 5 – Evolução da Taxa de Abandono no Ensino Básico da ESGM (%).....	84
Figura 6 – Taxa de Transição no Ensino Básico da ESGM (%).....	85
Figura 7 – Taxa de Abandono no Ensino Básico da ESGM (%).....	85
Figura 8 – Variação das CE de Língua Portuguesa (2006/2010).....	87
Figura 9 – Variação das CE de Matemática (2006/2010).....	88
Figura 10 – Taxa de Transição no Ensino Secundário da ESGM (%).....	89
Figura 11 – Evolução da Taxa de Transição no Ensino Secundário da ESGM (%).....	90
Figura 12 – Taxa de Abandono no Ensino Secundário da ESGM (%).....	90
Figura 13 – Evolução da Taxa de Abandono no Ensino Secundário da ESGM (%).....	91
Figura 14 – Taxas de Conclusão e Abandono dos Cursos Profissionais (%).....	95
Figura 15 – Taxas de Conclusão das Disciplinas dos Cursos Profissionais (%).....	95
Figura 16 – Pilares do Projecto Educativo.....	100
Figura 17 – Eixos Definidos em Função dos Pontos Fortes e Fracos.....	102
Figura 18 – Missão do Agrupamento Versus Oferta Educativa.....	104
Figura 19 – Diamante Relacional (Zorrinho, 1997).....	107

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Enquanto instrumento de autonomia o Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado constitui-se como o seu principal instrumento de orientação educativa estratégica, com um largo espectro de actuação.

À elaboração de um documento de orientação estratégica desta importância devem estar subjacentes critérios de rigor, nomeadamente no que se refere ao diagnóstico das diferentes dimensões do agrupamento, numa perspectiva sistémica, bem como de um processo mobilizador e participativo de toda a comunidade educativa.

A constituição do novo Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado (criado em Agosto de 2010), resultante da fusão das duas anteriores unidades de gestão (Agrupamento de Escolas Mem Ramires e Escola Secundária Dr. Ginestal Machado), gerou a necessidade de produzir um novo Projecto Educativo.

A Comissão Administrativa Provisória, sendo conhecedora da existência de dois projectos educativos recentes elaborados para cada uma das realidades anteriormente descritas, optou pela elaboração de um documento que procurasse articular os dois projectos anteriores, tirando partido da sua pertinência e adequação à realidade educativa em questão. Esta opção foi também condicionada pela inexistência de um processo de auto-avaliação global da nova unidade de gestão, sempre imprescindível na produção de um documento de raiz.

Neste quadro de referência, o Projecto Educativo que agora se apresenta deve ser entendido como um documento estruturante e orientador das primeiras fases da vida da nova unidade orgânica constituída, sendo desejável a sua substituição por um novo Projecto Educativo no prazo de um/dois anos lectivos, após a realização de um exaustivo processo de auto-avaliação e da participação de toda a comunidade educativa do novo Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado.

Santarém, Março de 2011

A Comissão Administrativa Provisória do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado

INTRODUÇÃO

O Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado pretende apresentar-se como um instrumento estruturante, com um largo espectro de actuação, envolvendo os diferentes níveis de ensino, pré-escolar e 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário ministrados nos diversos estabelecimentos de ensino que compõem o agrupamento de escolas, no quadro da função educativa deste agrupamento da cidade de Santarém.

Com efeito, as características e a especificidade de cada escola e, por conseguinte, do agrupamento de escolas reflectem-se no seu Projecto Educativo, sendo a expressão da sua identidade e o seu elemento aglutinador.

O fracasso ou sucesso de todo o sistema educativo depende fundamentalmente da qualidade de desempenho dos seus intervenientes. É, portanto, fundamental organizar a comunidade educativa com o objectivo principal de alcançar o sucesso do ensino, elevando-o a altos padrões de excelência.

Desta forma, apela-se ao carácter flexível das organizações escolares com enfoque na capacidade de adaptação a novas realidades, resultantes do pulsante desenvolvimento imposto pela modernização.

É neste sentido de adaptação à mudança, às novas realidade educativas, inovação e criatividade que desejamos que o Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado se posicione e é também neste mesmo sentido que é criado este Projecto Educativo.

A motivação deste trabalho é, em primeiro lugar e por excelência, o desenvolvimento sociocultural do aluno. São dirigidas, essencialmente, aos alunos as propostas, projectos e acções constantes neste Projecto Educativo.

Não esqueçamos que, subjacentes ao facto de colocar o aluno no centro das nossas preocupações, não podemos deixar de vincular a prática pedagógica à diferenciação da aprendizagem. Esta, por sua vez, está, directamente, vocacionada para a promoção da qualidade educativa e pressupõe a criação de uma rede territorialmente equilibrada e eficiente de recursos educativos, sociais e pedagógicos para apoio às escolas e professores. Neste contexto, deve ser valorizada uma forte integração entre professores, alunos, funcionários e comunidade em geral, num jogo construtivo de ideias e na busca de soluções úteis para a escola.

Não descuremos também o facto da organização educativa ser concebida como um conjunto de elementos estruturados que visam certos fins determinados pela sociedade. Neste sentido, procuramos estabelecer uma perspectiva sistémica da

escola que, embora possua alguma autonomia, é componente de um todo mais vasto. É, assim, desejável envolver a escola em práticas de cidadania, exercendo a sua autonomia num ambiente determinado por normas, regras, direitos e deveres. Desta forma, a educação para a cidadania potenciará a formação de jovens com uma sólida formação cívica e pessoal.

O que importa, acima de tudo, é que as nossas escolas sejam capazes de contribuir para a formação de pessoas livres, autónomas, criativas e empreendedoras, cultas, responsáveis e que disponham de um quadro cívico de referência que as leve a serem exigentes consigo mesmas e com os outros, e, sobretudo, interessadas em se valorizarem e em contribuírem para a construção de uma sociedade mais próspera, mais justa, mais aberta e mais responsável.

O documento que se apresenta encontra-se estruturado em seis capítulos fundamentais. O primeiro procura justificar a importância do Projecto Educativo e enquadrá-lo numa determinada concepção educativa. São apresentados ainda neste capítulo, os princípios orientadores e o enquadramento histórico e territorial do agrupamento de escolas.

No segundo capítulo, é feita a caracterização do agrupamento, nomeadamente dos Estabelecimentos de Educação Pré-Escolar, Estabelecimentos do 1º Ciclo, Escola do 2º e 3º Ciclos de Mem Ramires e Escola Secundária Dr. Ginestal Machado.

No terceiro capítulo, são enunciadas a missão e a visão do agrupamento, bem como os objectivos gerais deste projecto, eixos gerais da avaliação interna e linhas gerais de orientação para a distribuição de serviço.

No quarto capítulo, são referenciadas as várias dimensões das áreas de intervenção.

Conclui-se o documento com a monitorização do Projecto Educativo.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 – A importância do Projecto Educativo

A importância do Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado tem como questão central a melhoria da eficiência e da eficácia dos estabelecimentos de ensino do agrupamento de escolas. Este instrumento de gestão deve ter em conta a avaliação sociológica de cada um dos estabelecimentos e as necessidades da comunidade educativa.

A especificidade de cada escola e actualmente de cada agrupamento de escolas reflecte-se, fundamentalmente, no seu Projecto Educativo. A especificidade de cada comunidade educativa deve rever-se na escola e permitir, assim, que se criem as condições necessárias ao desenvolvimento integral dos alunos.

A autonomia dos estabelecimentos de ensino é um passo para considerar singular a Cultura de Escola e assenta precisamente, nesta individualidade, o Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado.

O sistema a adoptar deve ser aberto e permitir a constante partilha e colaboração de todos os elementos da comunidade escolar. Deve ter um carácter sistémico, constituído por um conjunto de elementos solidários, estabelecendo um fluxo de informações/comunicações verdadeiramente eficientes.

O Projecto Educativo deve passar por um conjunto de estratégias que permitam o sucesso escolar de acordo com verdadeiras situações de aprendizagem. Estas aprendizagens devem, fundamentalmente, ser significativas para os alunos e corresponder às necessidades culturais do grupo social existente no agrupamento.

De facto, o Decreto-Lei nº 75/2008, no seu artigo 9º (Instrumentos de Autonomia), considera o Projecto Educativo como um dos instrumentos de autonomia fundamentais dos estabelecimentos de ensino, juntamente com o Regulamento Interno, o Plano Anual de Actividades e o Orçamento.

Para o Decreto-Lei nº 75/2008, o Projecto Educativo é o documento que consagra a orientação educativa dos estabelecimentos do agrupamento de escolas. Elaborado e aprovado pelos órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, é nele que se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo as quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa.

Neste quadro de referência, o Projecto Educativo deve permitir coordenar em eixos estratégicos toda a actividade escolar, desde a dinâmica curricular de ensino-aprendizagem até às relações com os encarregados de educação e instituições

externas. Trata-se de um projecto que deve implicar todos os elementos da comunidade educativa.

A intervenção da escola deve basear-se na ideia de que o Projecto Educativo inclui os princípios da política interna em consonância com a visão estratégica, defendendo as suas identidade, singularidade e autonomia tendo em conta, os seus recursos e limitações.

A natureza da organização influencia a forma como se estabelecem as relações no seio da instituição. Assim, o Projecto Educativo é fundamental para regular todo o conjunto de projectos orientados para a inovação e mudança no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado.

O Projecto Educativo está sempre em construção. Deve, evidentemente, ser baseado na discussão permanente dos interesses e dinâmicas internas e externas, consubstanciando-se posteriormente em Planos Anuais de Actividades.

1.2 – Concepção educativa subjacente ao Projecto Educativo

«A educação é um processo que tem que ver com a pessoa humana e com as crianças e os jovens em particular, e que se traduz pelo contínuo relacionamento entre pessoas, por um enriquecimento mútuo, por uma interacção cultural e pela formação da personalidade, os quais começam na família, prolongam-se na escola e passam hoje de forma particularmente intensa pelos órgãos de comunicação social como elementos determinantes da própria formação e educação de cada indivíduo.¹»

Marçal Grilo

Na base da construção deste Projecto Educativo, está o planeamento estratégico que, por sua vez, assenta em alguns pilares essenciais, tais como: a escola inclusiva, a escola multicultural, o combate ao insucesso escolar, a educação para a cidadania e a articulação entre os diversos ciclos de ensino do agrupamento e a utilização das tecnologias de comunicação e informação como veículo motivador da aprendizagem,

O planeamento estratégico é essencial para qualquer organização, uma vez que permite pensar de forma antecipada, antevendo dificuldades e oportunidades de êxito, ou seja, é a racionalização do processo de tomada de decisões e da sua execução. Assim, há que pensar e planear as acções que visam o objectivo final deste agrupamento: **a excelência do ensino.**

¹ Conferência Internacional sobre Educação, Actas, 2005

O enquadramento das acções a realizar constitui a índole do planeamento estratégico deste Projecto Educativo que, por sua vez, permite estabelecer a orientação a ser seguida pela organização escolar, em interacção com o ambiente e com a participação de toda a estrutura organizacional, direccionada para atingir os resultados pretendidos.

Há que salientar que o desenvolvimento das estratégias deve levar em conta, em primeiro lugar, os principais actores do processo ensino/aprendizagem: alunos e professores.

Segundo Luís Barbosa (1990)², o acto educativo é caracterizado por ser consequência de uma nítida intenção de formar alguém, ou mais propriamente, de lhe influenciar o futuro. Neste sentido, o professor é considerado como um elemento indispensável e parte integrante do sistema que contribui para atingir os objectivos que reforcem a qualidade educativa. Cabe, então, ao professor, uma nova forma de encarar as relações estabelecidas com o aluno, tendo em conta as suas preferências, sem esquecer as necessidades pedagógicas essenciais inerentes à disciplina que lecciona. Como refere Pedro d'Orey da Cunha (1990)³, o que está implícito na formulação é a certeza de que a melhoria da educação em Portugal, a sua generalização a todas as camadas da população e a concretização da sua função social e económica só se podem realizar pela sistemática dignificação do seu promotor e instrumento: o professor. É, sobretudo, pelas razões apresentadas que, na actualidade, um plano de acção que vise a excelência do ensino, deve garantir a aprendizagem como foco do processo educativo.

O Projecto Educativo do Agrupamento é estabelecido de forma a clarificar as intenções da gestão do agrupamento em função de construir uma escola para todos, contando com a ajuda de todos. Tal como referido anteriormente, este projecto é modelado com base num planeamento estratégico que se ajusta a um modelo de gestão assente em alguns princípios fundamentais, que se apresentam de seguida.

A Escola Inclusiva

O primado da escola dita “inclusiva” assenta actualmente numa escola aberta a todos, que procura não só integrar alunos de diferentes origens geográficas, socioeconómicas e culturais, mas também alunos com diferentes capacidades e ritmos de aprendizagem e, por conseguinte, diferentes percursos escolares.

² In *Ciências da Educação e Fundamentos de Gestão da Relação Pedagógica – Manual de Tópicos*, Universidade Católica. Lisboa.

³ In *Ética e Educação*. Universidade Católica Editora. Lisboa.

A gestão das escolas é pautada por acções que visam a criação de padrões de excelência, responsabilidade e harmonia. Porém, trata-se de uma tarefa deveras complicada na conjectura actual em que a incerteza e imprevisibilidade caracterizam o dia-a-dia da escola. Assentando num princípio de compromisso, insiste-se na ideia de que, na acção escolar, deve prevalecer uma atitude de fazer bem, num clima de cooperação e entendimento, em detrimento do individualismo que, tantas vezes, apenas serve para criar instabilidade. Este Projecto Educativo pretende ser o primado da gestão cooperativa da escola, afastando a ideia da ética de responsabilidade individual para um colectivo de troca e partilha de ideias e experiências. Mais uma vez salienta-se a importância de ter uma escola para todos, contando com a participação e ajuda de todos.

“Escola para todos”, deve ser, portanto, o primado da escola dita «inclusiva». Trata-se de uma realidade em funcionamento e projecção no meio escolar e inclui várias concretizações previstas na legislação em vigor e adaptadas às especificidades de cada estabelecimento de ensino, como tem acontecido, nos últimos anos, nos estabelecimentos de ensino que constituem este agrupamento, com a criação, por exemplo, dos Cursos de Educação e Formação e os Cursos Profissionais.

A Escola Multicultural

A escola, reflexo da nossa sociedade, é, neste momento, um espaço de encontro de culturas. Podemos dizer, então, que estamos perante uma «escola multicultural». Falar de multiculturalidade é falar de diferenças. É falar de uma cultura que acolhe outras culturas. A escola, – assim como a sociedade – perante este fenómeno, é desafiada a repensar estratégias para acolher estes alunos, que, na maior parte das vezes, só dominam a língua do seu país de origem. Tais estratégias terão como objectivo a integração destes alunos na comunidade escolar, para que adquiram as aptidões necessárias para se realizarem na sociedade que os acolhe – com um emprego e com capacidade para intervir na política, cultura ou religião –, sem perderem as suas origens.

Como a assunção da escola multicultural é já um dado adquirido neste agrupamento, há que pensar actualizar os objectivos que lhe estão subjacentes. Assim, há que centrar os princípios orientadores de um projecto de inclusão das diferentes culturas na escola com base nas relações entre essas culturas e a cultura escolar; nas respostas que a escola tem dado às culturas diversas presentes na

sociedade; na evolução das concepções educativas que vão desde o mero contacto entre culturas à interacção cultural; nos papéis que os professores podem ter no desenvolvimento do currículo, e especificamente, quando ele pretende atender à diversidade; nas potencialidades da educação intercultural na renovação de um currículo que concretize o princípio da “escola para todos”.

Embora já estejam em funcionamento projectos de inclusão dos alunos de nacionalidade estrangeira, o Projecto Educativo prevê a criação de novas iniciativas e projectos ao nível da multiculturalidade assente na participação dos alunos de culturas diferentes num projecto que visa, essencialmente, a partilha de diferentes aspectos culturais entre alunos estrangeiros e a restante comunidade escolar. Desta partilha, objectiva-se, fundamentalmente, uma integração mais fácil destes alunos no contexto escolar português e, particularmente, nas escolas do agrupamento. Por outro lado, a dinamização dessa partilha de culturas permite, aos jovens cidadãos nacionais, formarem a sua personalidade para a aceitação de culturas diferentes e, desta forma, estarem preparados para o exercício da cidadania global.

O Combate ao Insucesso Escolar

A importância dos diferentes níveis de ensino é indiscutível. É nestes diferentes graus de ensino que se concretizam as primeiras aprendizagens, se adquirem regras de conduta, se consolidam hábitos de estudo e de trabalho, se cultiva o gosto de aprender e se preparam os alunos para o prosseguimento de estudos de nível superior e/ou para a integração no mercado de trabalho.

Já nos projectos educativos anteriores, os quais, servem, em parte, de base de construção deste novo Projecto Educativo, se apresentam projectos que visam, essencialmente, o combate ao insucesso escolar. As intervenções, neste contexto, foram, na sua maioria, bem sucedidas. Porém, ainda existe um longo caminho a percorrer neste campo.

Todos os projectos ou acções que visem, directa ou indirectamente, o combate ao insucesso, devem ter em conta a participação da comunidade escolar no sentido de resolver este flagelo. Porém, há que dirigir estas acções a quatro elementos com papel preponderante: o próprio aluno, o Director de Turma⁴, o Encarregado de Educação e o psicólogo(a) da escola. Assim, promover o diálogo entre o aluno, o Encarregado de Educação e o Director de Turma torna-se essencial no estabelecimento de algumas

⁴ In *Ética e Educação*. Universidade Católica Editora. Lisboa.

estratégias para superar as dificuldades diagnosticadas. Ademais, é este espírito de entreajuda e compromisso que reforça a importância que a escola atribui à participação dos Encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos. Já do âmbito dos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar/Serviços de Apoio Educativo, pretende-se que sejam identificados obstáculos à aprendizagem e que se estabeleçam metodologias adequadas para evitar o insucesso escolar do aluno.

Em traços gerais pretende-se que, num contexto de escola que visa combater o insucesso, se cumpram os seguintes princípios:

- Garantir a igualdade de oportunidades, tendo em conta que todos os alunos são diferentes;
- Desenvolver políticas baseadas na liberdade, na autonomia e na responsabilidade;
- Controlar a qualidade do ensino diferenciado baseado em mecanismos permanentes e sistemáticos;
- Alterar o modelo de actuação da comunidade educacional exigindo uma participação de todos;
- Melhorar a qualidade do acesso e nível de formação;
- Garantir os processos de formação permanente e contínua.

Os Recursos Tecnológicos

Os meios tecnológicos, cada vez mais popularizados no meio escolar, são uma mais-valia ao serviço do ensino na actualidade e constituem, um dos exemplos, dos recursos materiais, onde mais se investiu nos últimos anos. O aumento da utilização dos recursos tecnológicos, pelos professores e alunos, bem como a sua crescente aceitação em meio escolar, é uma oportunidade de futuro que não podemos descurar. Porém, o uso das «novas» tecnologias pode ser ainda mais explorado, já que a utilização dos recursos informáticos, tanto em sala de aula como em jeito de e-learning, constituem um factor essencial para a aprendizagem, tornando a dinâmica de ensino mais enriquecedora.

Por outro lado, o desenvolvimento de estratégias que visem a inclusão do e-learning permitirá atingir novos mercados, nomeadamente na componente de formação contínua. Não obstante, refira-se que não se entende o e-learning como uma ameaça ao ensino tradicional, mas, sobretudo, como uma oportunidade de apoio ao

mesmo. Deste modo, torna-se necessário, tal como refere Marçal Grilo (2009)⁵, (...) procurar criar as condições que permitam uma mais eficaz utilização dos equipamentos e dos materiais por parte dos professores e dos estudantes, numa lógica de vulgarização desta nova forma de acesso à informação e ao conhecimento.

Assim, a escola não poderá, nem deverá, ter intenções de competir directamente com a internet ou outros meios tecnológicos, sejam estes de carácter lúdico, de comunicação ou de outra qualquer espécie, visto serem, na actualidade, recursos muito apelativos e bastante populares entre os nossos jovens. Em vez disso, deve integrar cada vez mais os Media e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação no processo de ensino-aprendizagem e na sala de aula, possibilitando desta forma um conjunto de aprendizagens mais sugestivo, actualizado e eficaz.

Articulação entre Ciclos de Ensino

A articulação entre todos os estabelecimentos de ensino e concomitantemente entre os diferentes ciclos é fundamental para o bom funcionamento do agrupamento de escolas

O posicionamento estratégico para que esta articulação seja operacionalizada da melhor forma, constitui um desafio ímpar à organização educativa desde agrupamento e envolve uma quantidade significativa de recursos, quer materiais, quer humanos. Este Projecto Educativo pretende que essa articulação seja instrumentalizada da melhor forma e propõe, para isso, uma dinamização de acções, que, por sua vez, consolidem este objectivo.

Estas acções devem ser tão pragmáticas quanto eficazes e serão, em parte, propostas por equipas de trabalho/órgãos de gestão que, dentro dos seus objectivos e âmbito de actuação, perspectivarão a articulação entre os diversos ciclos de ensino dos estabelecimentos do agrupamento. A responsabilidade dessa articulação não se esgota nas propostas e acções estratégicas destas equipas e terá de ser uma preocupação de todas as estruturas dos estabelecimentos e de toda a comunidade escolar.

⁵ In *Ética e Educação*. Universidade Católica Editora. Lisboa.

Escola Aberta

Caminharemos no sentido de construir uma escola aberta à comunidade envolvente e a uma crescente colaboração com os pais e encarregados de educação dos nossos alunos, criando oportunidades para uma maior participação e envolvimento destes, na vida da escola.

Como projecto dinâmico, propõe-se mobilizar continuamente a comunidade em volta de um projecto educativo assumido por todos. Enquanto instrumento dinamizador de atitudes e de processos educativos, simultaneamente impulsionador de mudanças e de um aprofundamento qualitativo de vectores, já em desenvolvimento, pretende-se, com o presente Projecto Educativo do agrupamento de escolas, explicitar os principais vectores de desenvolvimento da acção educativa dos estabelecimentos de ensino do agrupamento e dos diversos intervenientes, de acordo com as suas funções.

1.3 – Princípios Orientadores

Definem-se, neste capítulo, alguns princípios orientadores deste Projecto Educativo, que servirão de referência, tanto para a definição dos objectivos gerais, como para o delineamento das áreas de intervenção prioritárias e o estabelecimento de estratégias adequadas.

Cultura de escola

Uma cultura de escola assente em três pilares fundamentais:

- exigência, rigor e disciplina;
- boa relação entre todos os elementos da comunidade educativa;
- bons resultados escolares como consequência da promoção do sucesso educativo.

Aspectos Diferenciadores

Destacam-se aqui, um conjunto de aspectos e de princípios que sejam diferenciadores em relação a outros agrupamentos, a saber:

- aposta em projectos de âmbito local e nacional;

- forte dinâmica relacional com o meio;
- qualidade do desenho curricular.

Capacidade de Liderança

Capacidade de liderança determinada por:

- colaboração entre as diferentes estruturas;
- partilha entre os diversos órgãos de gestão dos estabelecimentos de ensino.

Cooperação

A nível da cooperação destacam-se:

- um clima de confiança e de cooperação entre os intervenientes no processo educativo;
- grupos de trabalho unidos de uma capacidade acrescida de adaptação aos desafios do futuro, com responsabilidade e espírito de iniciativa conducentes à excelência do ensino.

Educar para a Cidadania

Os princípios orientadores duma estratégia que vise a educação para a cidadania devem basear-se em alguns pressupostos essenciais, tais como:

- a promoção de uma cultura de responsabilidade, de autonomia e de participação nos processos de decisão cívica;
- o desenvolvimento do sentido de pertença múltipla, do debate de ideias, da intervenção cívica, da auto motivação, do estímulo à liderança, do empreendedorismo, da criatividade, do gosto pelo risco, da iniciativa e do gosto pelo trabalho em grupo;
- a apropriação de princípios, conhecimentos e capacidades que proporcionem o diálogo intercultural e a inovação social, bem como o gosto e a vontade de aprender, de participar e de agir aos níveis político, social e cultural;
- a oferta a todos os alunos das nossas escolas de uma base comum de conhecimentos, atitudes e competências através de uma adequada educação

para os direitos, os deveres e as responsabilidades, numa perspectiva de educação para a cidadania global.

Há que referir que o papel da família e, em particular, dos Encarregados de Educação, é de responsabilidade primeira pela educação dos seus educandos, pois são os principais transmissores dos valores que estão na base das atitudes e dos comportamentos que enquadram o exercício da cidadania.

A escola, por sua vez, constitui a outra estrutura organizativa da sociedade, onde a criança e o adolescente têm a oportunidade de se educar e formar e onde se encontram e convivem com os outros, ou seja, com aqueles que desconhecem e com quem vão passar a viver em conjunto, no seio da sociedade a que pertencem.

Em relação ao papel da escola na educação e formação das crianças e adolescentes, parece importante referir que os seus objectivos na área da educação para a cidadania não devem ser encarados numa perspectiva específica, mas sim num quadro muito alargado que integra:

- O ensino dos conhecimentos e saberes considerados essenciais;
- A aquisição de atitudes e comportamentos que habilitem os jovens a enfrentar um mundo muito competitivo e em mudança;
- O respeito e a prática dos valores como base para a formação de cidadãos livres, solidários e respeitadores da liberdade dos outros.⁶

O gosto em aprender

Tanto ou mais importante do que os conhecimentos de base são todas as outras características que dependem igualmente da formação adquirida na escola e que têm que ver, em particular, com o gosto de aprender, com a importância que se atribui à leitura, à reflexão e ao conhecimento, bem como com o sentido da responsabilidade, o espírito de iniciativa e de liderança, o gosto pelo risco e um espírito empreendedor que proporcione a cada individuo um grau de autonomia e de

⁶ in *Se não estudas estás tramado*, Lisboa, 2010

actuação capazes de o transformarem num cidadão autónomo independente e capaz de enfrentar a vida com determinação e vontade de vencer.⁷

1.4 – Enquadramento Histórico e Territorial

Território

O concelho de Santarém, com 560 Km², tem uma dimensão intermédia ao nível nacional e é constituído por 28 freguesias com e por cerca de duas centenas de lugares. Trata-se do concelho mais povoado da Lezíria do Tejo, registando das mais elevadas densidades populacionais desta NUT III.

O concelho de Santarém é, em termos físicos, constituído por três áreas distintas de Sul para Norte. A zona da planície do Tejo e seus principais afluentes, seguida de uma área de planaltos baixos e pequenas colinas, ambas intensamente humanizadas e com diversos aglomerados populacionais ao longo das vias de comunicação; no extremo Norte, encontramos a área da Serra (Maciço Calcário), menos povoada.

Em termos de acessibilidades no contexto nacional, o concelho de Santarém apresenta-se numa situação privilegiada. Desde há cerca de duas décadas, assistiu-se à construção de um conjunto de infra-estruturas rodoviárias nacionais e regionais que permitiram ganhos de acessibilidade muito fortes do município relativamente a outras áreas do país. No que se refere à rede viária, os principais eixos viários são a A1/IP1 (ligação às duas principais metrópoles nacionais), a A15/IP6 (ligação ao Oeste) e A13/IC3 e IC10 (ligação à margem sul da região de Lisboa, ao Alentejo e ao Algarve). O concelho de Santarém é ainda servido pela Linha do Norte (principal eixo ferroviário do país).

Ao longo do século XX, o concelho de Santarém viu os seus quantitativos populacionais aumentarem progressivamente, passando dos 40.560 habitantes em 1900 para os 63.435 habitantes em 2009, de acordo com as estimativas do INE. Por sua vez, a cidade de Santarém que engloba as freguesias de Marvila, S. Nicolau, S. Salvador e Ribeira de Santarém possui actualmente cerca de 30 mil habitantes, concentrando assim mais de 45% do valor concelhio.

⁷ in *Se não estudas estás tramado*, Lisboa, 2010

Não obstante, esta estabilização demográfica concelhia esconde diferenciações inter-freguesias relevantes. Com efeito, o concelho de Santarém tem demonstrado nos últimos vinte anos uma forte tendência de concentração intra-concelhia, expressa em taxas de variação populacional consideráveis nas três freguesias urbanas do planalto. Pelo contrário, as freguesias rurais não têm conseguido estancar as quebras populacionais resultantes das saídas para espaços urbanos e do acentuado envelhecimento demográfico.

Este fenómeno de polarização urbana, comum em outras partes do território nacional, traduz o crescente protagonismo das cidades médias do país, nas quais Santarém se insere, não só pela sua dimensão demográfica, mas, sobretudo, pelo seu estatuto de capital de distrito, gerando uma concentração assinalável de equipamentos de âmbito supra-local.

Nos últimos anos, é a componente do saldo fisiológico a principal responsável pelas alterações populacionais do município de Santarém. Com efeito, apesar do concelho conseguir absorver alguma população exterior, a taxa de crescimento natural tem sido negativa. Este comportamento sugere um declínio acentuado do número médio de filhos por mulher, levando a que não se atinja o limiar de renovação de gerações; de facto, o declínio da taxa de natalidade é o fenómeno demográfico recente mais marcante da sociedade portuguesa.

A quebra da fecundidade e o aumento da esperança média de vida levaram a que a estrutura demográfica do concelho de Santarém sofresse, nos últimos anos, profundas transformações. Reforçou-se a tendência, já anteriormente esboçada, para o envelhecimento da população, quer na base quer no topo.

Durante a última década de 90, registou-se no país uma evolução globalmente positiva do mercado de trabalho que se manifestou num acréscimo na criação de emprego.

Os processos de reestruturação empresarial e a alteração no mercado de trabalho implicaram todavia que concomitantemente se assistisse a um crescimento da taxa de desemprego que já se anunciava em 2001. O concelho de Santarém tinha valores inferiores à média da Lezíria e à média nacional, mas o sentido crescente da taxa de desemprego tem sido evidente.

Nos últimos anos, alterou-se profundamente a estrutura do emprego nacional, regional e local. Efectivamente, acelerou-se o processo de terciarização, tendo o concelho de Santarém acentuado a sua vocação como concelho de serviços, com valores superiores à média regional e nacional. Todavia, este ritmo de crescimento feito à custa da redução simultânea de activos agrícolas e industriais foi um pouco mais lento no concelho de Santarém do que no resto do país.

É importante salientar que este processo de terciarização parece estar dependente da afirmação da capital concelhia como centro de serviços desconcentrados da administração pública e privada e à implantação de um conjunto diversificado de actividades características de uma capital de distrito: serviços de saúde, ensino, segurança social e administração interna

Quadro 1 – Indicadores de Contextualização do Concelho de Santarém

Indicadores	Ano	Santarém	Lezíria Tejo	Continente
Superfície (Km ²)	2006	560,3	4.275,1	88.966,7
Nº de Freguesias	2006	28	91	4.047
População (nº hab.)	2001	63.563	240.832	9.869.343
População (nº hab.)	2009	63.435	249.900	10.144.940
Densidade (hab/Km ²)	2009	113,2	58,5	114,0
Variação da População (%) (1991/2001)	2001-09	-02	3,8	2,8
Taxa de Natalidade (‰)	2009	9,2	8,8	9,3
Taxa de Mortalidade (‰)	2009	12,4	12,1	9,8
Taxa de Mortalidade Infantil (‰)	2009	4,7	3,2	3,9
Índice de Envelhecimento (%)	2009	151,9	148,8	120,3
Índ. Poder de Compra per capita	2003	96,2	75,0	101,3
Ind. Desenvolvimento Social (IDS)	2003	0,88	0,86	0,91
Taxa de analfabetismo (%)	2001	9,9	12,7	8,9
Taxa de Actividade (%)	2001	47,5	48,1	48,4
Taxa de Desemprego (%)	2001	6,7	8,1	8,9
Sociedades Sedeadas	2001	2.134	7.020	297.476
Pop. Activa – Sector Primário (%)	2001	5,0	10,0	4,8
Pop. Activa – Sector Secundário (%)	2001	27,8	31,8	35,5
Pop. Activa – Sector Terciário (%)	2001	67,2	58,2	59,7

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

História

A cidade de Santarém apresenta uma história rica e multifacetada, traduzindo a sua importância geoestratégica que outrora possuiu no contexto ibérico.

A sua história interliga-se com a passagem dos diversos povos pela Península Ibérica, que deram a Santarém um carácter único, de grande riqueza patrimonial e cultural.

Em 138 A.C., os romanos ocuparam a área de Santarém, traduzindo o nome indígena para Scallabis. A sua localização favorável face ao eixo viário que se estendia para Bracara, a norte, e para Emerita Augusta, a oriente, fazia de Santarém um importante local de controle da romanização das faixas territoriais circundantes do rio Tejo. A parte alta da urbe estruturava-se como uma acrópole, com funções de defesa do espaço interior e circundante, tendo-se construído um porto fluvial e surgido dois núcleos ribeirinhos (Alfange e Ribeira).

No século V D.C., Scallabis é tomada por povos alanos e vândalos, que inicialmente lhe vão atribuir o nome de Escalabicastro. No final do século VII, a difusão da lenda de Santa Iria faz com que o rei dos Visigodos, então já cristão convicto, modifique o nome da urbe para Sant'Arein ou Shantarim.

A ocupação árabe inicia-se no século VIII, contribuindo para a introdução de um novo urbanismo. A planta irregular do centro histórico, com as suas ruas estreitas e tortuosas e os seus becos, é ainda testemunho da presença árabe. A sua área de influência administrativa diminuiu face ao período clássico, mas a sua importância agrícola, comercial e cultural permaneceu.

Durante os séculos X e XI, a urbe é palco de violentas batalhas entre Mouros e Cristãos, que sucessivamente a tutelam. Em 15 de Março de 1147 é definitivamente reconquistada pelos cristãos, através de uma acção surpresa liderada por D. Afonso Henriques. Recebe então a actual toponímia de Santarém.

A importância estratégica de Santarém manteve-se durante a Idade Média, atendendo à riqueza agrícola da Lezíria e à sua localização, favorável ao fomento do processo de Reconquista para sul. A partir do século XIII, Santarém torna-se também um importante centro religioso, por influência de pregadores Dominicanos e Franciscanos. A conjuntura económico-social favorável permite que se edifiquem na urbe algumas das mais notáveis construções góticas do país.

Nos séculos XIV e XV, a urbe vive um período áureo da sua existência, sendo um dos principais centros demográficos, económicos e religiosos do país. Aqui se reuniram por diversas vezes as cortes, tendo a cidade assumido, o estatuto de capital do reino durante parte do reinado de D. Afonso IV.

O século XVI corresponde ao apogeu como urbe portuária, constituindo o rio Tejo a principal via de ligação entre as economias complementares do Vale do Tejo e de Lisboa. De Santarém partiam produtos agrícolas produzidos nos solos férteis da Lezíria, as manufacturas e o peixe do rio. Neste período, ocorreram importantes mutações arquitectónicas, que passaram por um surto do estilo Manuelino.

Após a Restauração, Santarém confirma o seu processo de expansão urbana, absorvendo as ideias das correntes estéticas do Maneirismo, particularmente no

campo da pintura. Curiosamente, a arquitectura barroca só muito tardiamente se manifestou em Santarém, nunca chegando a impor-se. Reflectiu-se apenas na decoração de algumas fachadas, capelas e decorações interiores, à base de talha dourada e azulejos.

No início do século XIX, Santarém era a décima cidade do país, com cerca de 10 mil habitantes. A evolução urbanística patenteada durante o Antigo Regime permitia estruturá-la em cinco núcleos urbanos: a Alcáçova, Marvila, a área extramuros, a Ribeira de Santarém e Alfange.

O crescimento da Santarém citadina ao longo da segunda metade do século XIX e de todo o século XX assenta em três características essenciais. Em primeiro lugar, ocorre a expansão para fora das muralhas, deslocando-se o seu eixo de gravidade; em segundo lugar, e em íntima relação com a característica anterior, a cidade espalha-se por algumas das suas setes colinas; finalmente, os núcleos ribeirinhos da Ribeira de Santarém e de Alfange entram em degradação acelerada, como resultado da introdução da linha de caminho-de-ferro que lhes retirou unidade, trazendo várias roturas à sua coesão urbana.

A construção de novos equipamentos públicos no exterior do centro histórico induz o crescimento da cidade para outras áreas. Assim, surgem as Escolas Públicas, o Liceu Nacional, a Praça de Touros, a Penitenciária, o Matadouro Municipal e os novos edifícios da Câmara. Progressivamente, a cidade vai crescer rapidamente em direcção aos extremos das diversas colinas que a delimitam.

Durante os anos 60 e 70, a implantação do Campo Infante da Câmara (local da Feira do Ribatejo), da Praça de Touros, da Escola Industrial e do Colégio Madre Andaluz, acentua a expansão urbana em direcção ao Outeiro da Forca; esta fase de urbanização consolida-se com a construção da Av. Afonso Henriques e com o aparecimento de blocos de apartamentos de maior densidade de ocupação nas imediações daqueles equipamentos.

Desde os princípios da década de oitenta, que a cidade de Santarém abriu novas frentes de expansão urbana para fora do planalto, motivadas pela ausência de espaços livres que aí se verifica (há excepção do campo da Feira da Agricultura, entretanto transferido para o espaço do CNEMA, inaugurado em Junho de 1994) e pelo aparecimento de novos equipamentos colectivos, como o Hospital Distrital, as Escolas Alexandre Herculano, D.João II e o Complexo Aquático Municipal. Surgem assim novos bairros no perímetro urbano, casos de S. Domingos, Jardim de Baixo e de Cima, do Alto do Bexiga, da Portela das Padeiras, das Fontainhas e do Grainho.

Educação no Concelho

Com base nos elementos disponíveis na Carta Educativa de Santarém (devidamente homologada pelo Ministério da Educação em 2006) e no respectivo processo de monitorização efectuado em 2009, apresenta-se em seguida uma breve caracterização da oferta e da procura de ensino no concelho de Santarém.

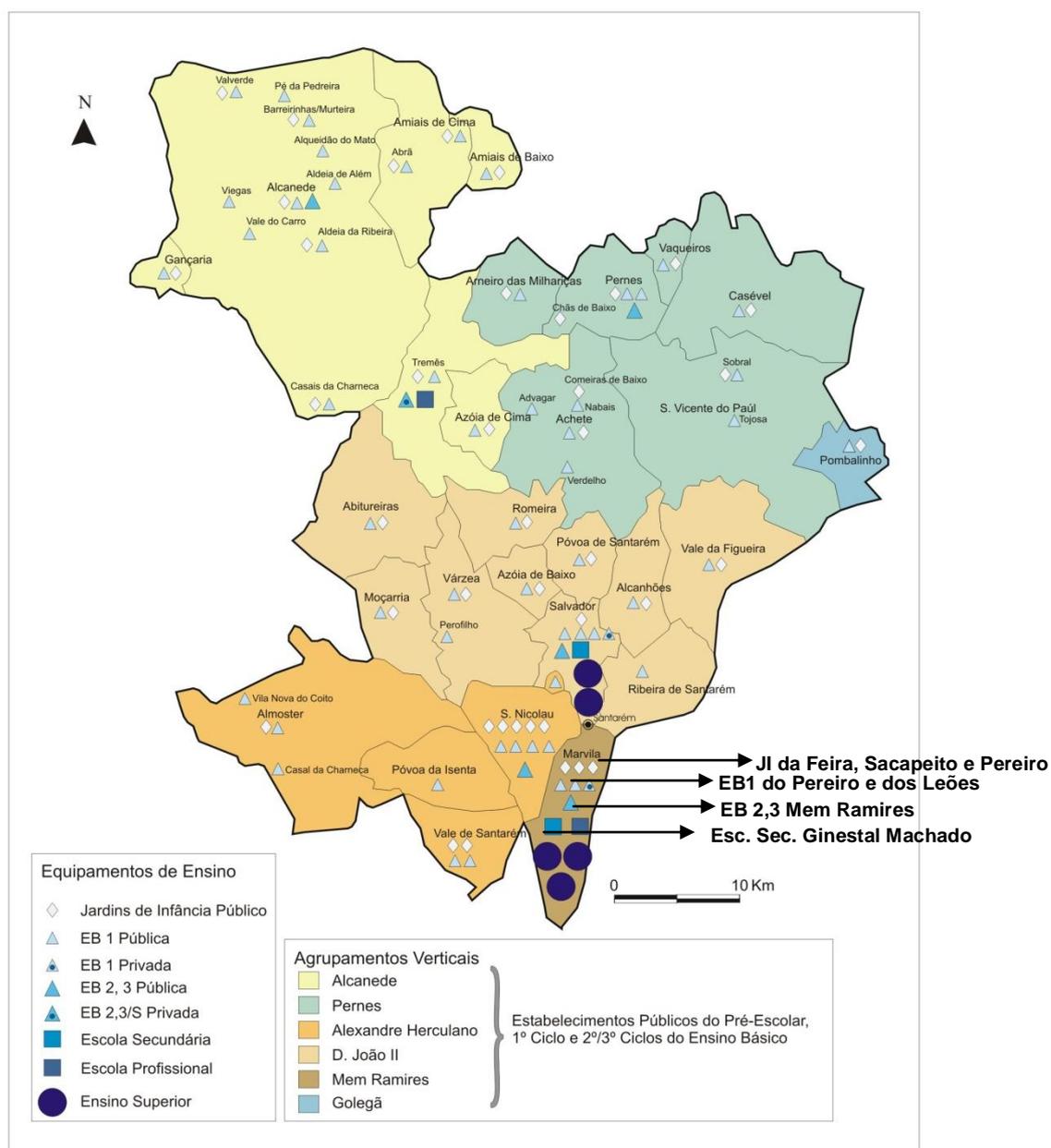
No concelho de Santarém, a oferta de ensino em estabelecimentos públicos abarca todos os níveis:

- Pré-Escolar: abrange as crianças dos 3 anos de idade até ao primeiro ano de ingresso no ensino básico, estando presente em 26 freguesias do concelho (onde se inclui a freguesia de Marvila, servida pelos **Jardins de Infância da Feira, do Sacapeito e do Pereiro** – neste último caso em simultâneo com o 1º ciclo);
- 1º Ciclo do Ensino Básico: engloba quatro anos de escolaridade, estando a oferta assegurada em mais de cinco dezenas de estabelecimentos da rede pública localizados em todas as 28 freguesias do concelho, onde se incluem as **Escolas do 1º Ciclo do Pereiro (EB1 nº 4 de Santarém) e dos Leões (EB1 nº7 de Santarém) e**
- 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico: englobam cinco anos de escolaridade, sendo leccionados em cinco escolas de tipologia EB 2,3, três na cidade (Alexandre Herculano, D. João II e **Mem Ramires**) e duas em freguesias do norte do concelho (Pernes e Alcanede), sendo o 3º ciclo do ensino básico também leccionado nas duas escolas secundárias (Escolas Secundárias Sá da Bandeira e **Escola Secundária Dr. Ginestal Machado**);
- Ensino Secundário: os 10º, 11º e 12º anos de escolaridade de frequência facultativa, são leccionados nas duas escolas secundárias através de uma oferta diversificada de Cursos Gerais e de Cursos Profissionais;
- Ensino Superior: está representado pelo Instituto Politécnico de Santarém, através das Escolas Superiores Agrária, de Educação, de Gestão e de Enfermagem de Santarém.

O ensino particular apresenta também uma considerável importância no concelho e, em particular, na cidade de Santarém, na medida em que inclui todos os níveis de ensino. Pela sua relevância, importa destacar a oferta particular e solidária na educação pré-escolar e no ensino superior a presença de uma instituição do ensino particular (ISLA). Fora da cidade de Santarém, importa destacar a situação da freguesia de Tremês, onde se localiza um estabelecimento com os 2º e 3º ciclos do ensino básico e um estabelecimento do ensino profissional.

A distribuição territorial dos estabelecimentos de ensino no município de Santarém faz realçar a importância da sede de concelho, uma vez que é aí que são ministrados todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao superior, passando pelos três níveis do ensino básico e pelo ensino secundário. A concentração de equipamentos de ensino na cidade de Santarém resulta não só do facto de ser a maior cidade da região, mas também por ser capital de distrito, sendo a sua área de influência considerável para o ensino superior.

Figura 1 – Localização dos Estabelecimentos de Ensino do Concelho de Santarém (2008/09)



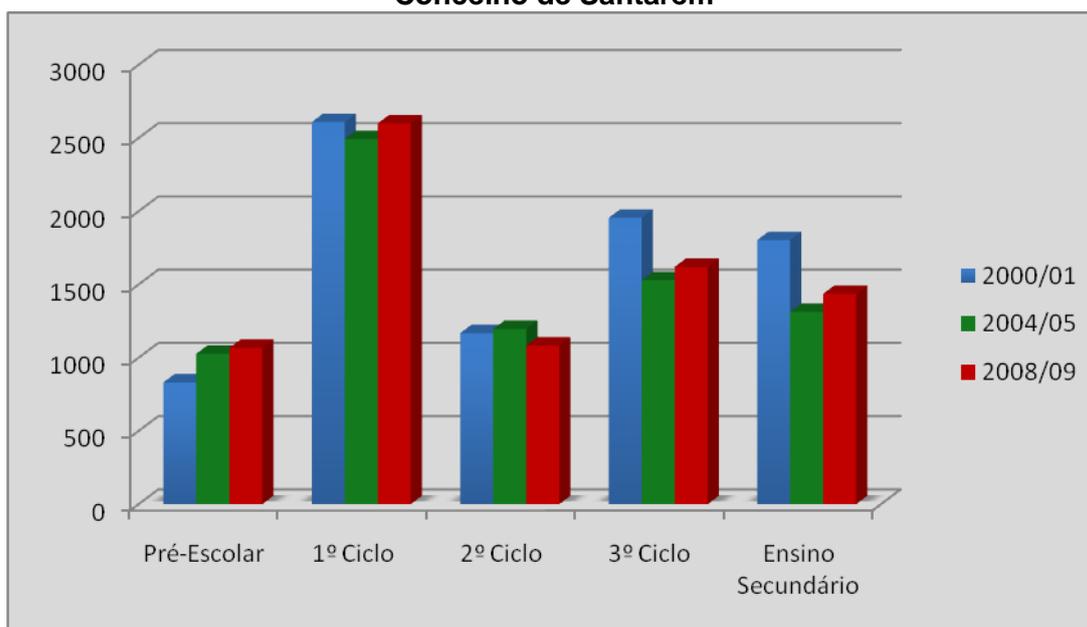
No que diz respeito à procura, e tendo em consideração a informação presente na Carta Educativa e no respectivo processo de monitorização, constata-se que o

número de alunos nos diferentes estabelecimentos de educação pré-escolar, básico (do 1º ao 3º ciclo) e secundário, no concelho de Santarém, entre 2000/01 e 2008/09 diminuiu ligeiramente, na medida em que passou de 8.366 para 7.806, o que corresponde a um decréscimo global de 6,7%.

Contudo, estes valores escondem diferenciações consideráveis entre os diversos níveis e ciclos de ensino:

- na educação pré-escolar pública, o número de crianças inscritas aumentou;
- no 1º ciclo do ensino básico, registou-se uma estagnação no número de crianças inscritas;
- nos 2º e 3º ciclos do ensino básico, o número de alunos inscritos diminuiu ao longo dos últimos anos lectivos;
- no ensino secundário, ocorreu um decréscimo muito significativo no número de alunos inscritos (quase quatro centenas de alunos).

Figura 2 – Evolução do Número de Alunos por Nível de Ensino Público no Concelho de Santarém



Fonte: Câmara Municipal de Santarém

Analisando com maior detalhe a evolução do número de alunos no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado constata-se em termos agregados que o número de alunos registou um ligeiro acréscimo nos últimos 5 anos, passando de 1984 alunos em 2006/07 para 2107⁸ alunos em 2010/11.

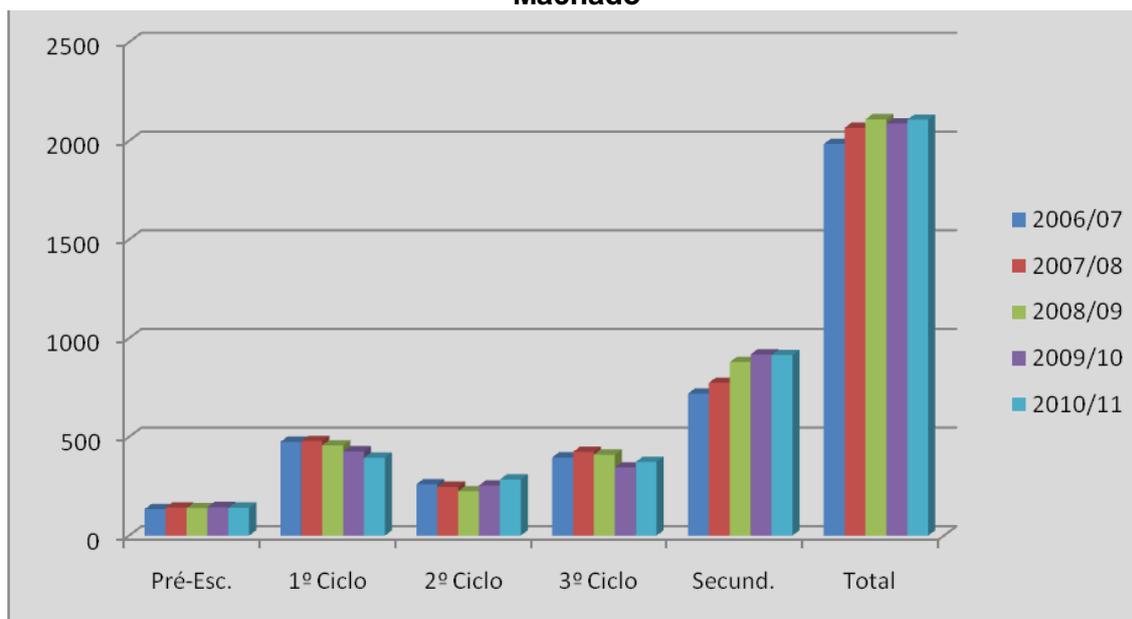
⁸ Excluem-se os 21 alunos dos CEF da Escola Mem Ramires.

Contudo, esta variação não é idêntica nos diversos estabelecimentos e ciclos de ensino. De facto, enquanto no ensino secundário se registou um acréscimo considerável no número de alunos, no 3º ciclo constata-se uma estagnação no número de alunos e nos restantes níveis verifica-se um decréscimo no número de alunos.

Quadro 2 – Evolução do Número de Alunos no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado entre os Anos Lectivos de 2006/07 e 2010/11

Ano Lectivo	Pré-Esc.	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secund.	Total
2006/07	134	475	260	396	719	1.984
2007/08	142	479	247	424	774	2.066
2008/09	139	457	224	410	879	2.109
2009/10	144	427	254	345	918	2.088
2010/11	141	394	284	373	915	2.107

Figura 3 – Evolução do Nº de Alunos no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado



Quadro 3 – Evolução do Número de Crianças nos Estabelecimentos da Educação Pré-Escolar do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado

Ano Lectivo	J.I. Feira	J.I. Sacapeito	Jl Pereiro	Total
2006/07	39	70	25	134
2007/08	49	70	23	142
2008/09	43	71	25	139
2009/10	45	75	24	144
2010/11	46	70	25	141

Quadro 4 – Evolução do Número de Alunos nas Escolas do 1º Ciclo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado

Ano Lectivo	EB1 dos Leões	EB1 do Pereiro	Total
2006/07	312	163	475
2007/08	306	173	479
2008/09	309	148	457
2009/10	302	125	427
2010/11	276	118	394

Quadro 5 – Evolução do Número de Alunos na Escola Mem Ramires

Ano Lectivo	2º Ciclo	3º Ciclo	Total
2006/07	260	202	462
2007/08	247	243	490
2008/09	224	251	475
2009/10	254	173	427
2010/11	284	184	468

Quadro 6 – Evolução do Número de Alunos na Escola Secundária Dr. Ginestal Machado

Ano Lectivo	3º Ciclo	Secundário	Total
2006/07	194	719	913
2007/08	181	774	955
2008/09	159	879	1038
2009/10	172	918	1090
2010/11	189	915	1104

Quadro 7 – Número de Alunos no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado, por Ciclo de Ensino (2010/11)

Estabelecimento	Pré-Esc.	Ensino Básico					Ensino Secundário			TOTAL GLOBAL
		1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	CEF - N2	Sub-Total	C. C. Hum.	C. Prof.	Sub-Total	
Jl da Feira	46	-	-	-	-	0	-	-	0	46
Jl do Sacapeito	70	-	-	-	-	0	-	-	0	70
EB1/Jl do Pereiro	25	118	-	-	-	118	-	-	0	143
EB1 dos Leões	0	276	-	-	-	276	-	-	0	276
EB 2,3 Mem Ramires	0	-	284	184	21	489	-	-	0	489
ES/3 Ginestal Machado	0	-	-	189	-	189	691	224	915	1104
TOTAL	141	394	284	373	21	1072	691	224	915	2128

Quadro 8 – Número de Turmas no Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado, por Ciclo de Ensino (2010/11)

Estabelecimento	Pré-Esc.	Ensino Básico					Ensino Secundário			TOTAL GLOBAL
		1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	CEF - N2	Sub-Total	C. C. Hum.	C. Prof.	Sub-Total	
Jl da Feira	2	-	-	-	-	0	-	-	0	2
Jl do Sacapeito	3	-	-	-	-	0	-	-	0	3
EB1/Jl do Pereiro	1	6	-	-	-	6	-	-	0	7
EB1 dos Leões	0	14	-	-	-	14	-	-	0	14
EB 2,3 Mem Ramires	0	-	12	9	2	23	-	-	0	23
ES/3 Ginestal Machado	0	-	-	8	-	8	29	12	41	49
TOTAL	6	20	12	17	2	51	29	12	41	98

Obs: Na EB1 dos Leões funciona ainda a Unidade de Apoio Especializado (Multideficiência) com 7 crianças e a Unidade de Ensino Estruturado (Autismo) com 5 crianças.

CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO

2.1 – Estabelecimentos da Educação Pré-Escolar

Jardim-de-infância do Sacapeito

Caracterização

O Jardim-de-infância do Sacapeito insere-se num bairro de apartamentos, numa zona periférica da freguesia de Marvila, da cidade de Santarém. É uma zona essencialmente habitacional, com alguns pontos de comércio para manutenção do próprio bairro, alguns serviços, a Escola de 2º e 3º ciclos Mem Ramires, uma Escola Secundária e o Instituto Politécnico de Santarém. As crianças que frequentam o Jardim-de-infância são, na sua maioria, residentes desta zona.

O Jardim-de-infância do Sacapeito, com o número de código 629820, deve o seu nome ao bairro em que está inserido. Este Jardim de Infância funciona neste local desde 1997, tendo anteriormente estado a funcionar em situação provisória por 5 anos nas instalações da Assembleia Municipal, no campo da Feira, à espera da construção, de raiz, deste edifício em que se encontra.

Devido a problemas com a adequação do projecto do edifício, que só contemplava 2 salas de actividade, foi, em fase final de construção, conseguido o acordo com a Câmara Municipal, para que a 3.ª sala fosse no edifício da Escola Fixa de Trânsito, contígua ao Jardim de Infância. Deste modo, a actividade das crianças desta sala desenrola-se entre esse espaço e o edifício principal do Jardim-de-infância.

Entretanto, também a introdução do serviço de almoço, para o qual não foi previsto refeitório, aquando da construção do edifício, exigiu a transformação do salão polivalente em refeitório, espaço manifestamente pouco adequado a esta actividade.

**Quadro 9 – Elementos Materiais do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Sacapeito**

Espaços/Divisões	Nº	Tipo de Utilização
Salas de actividade	2 + 1*	Destinam-se às actividades das crianças
Salão polivalente	1	Actividades conjuntas refeitório e recreio de Inverno
Vestiário	1	Actividades da Componente de Apoio à Família
Recreio descoberto	1	Espaço para actividades de exterior
Sanitários	1 + 1*	Para as crianças
Sanitários	2	Para os adultos
Copa	1	Destina-se ao apoio de refeições
Arrecadações	4	Uma por sala e uma de apoio ao gabinete
Gabinete	1	Espaço de trabalho das Educadoras e recepção de pais
Dispensa	2	Uma de apoio à copa e outra para materiais de limpeza

* Sala Exterior, na Escola Fixa de Trânsito

Horário

O horário do Jardim-de-infância é de 40 horas semanais, podendo estender-se às 45 horas semanais de acordo com as necessidades das famílias, aferidas no início de cada ano lectivo, requerendo-se para tal autorização do Ministério da Educação. O horário diário desdobra-se em duas componentes:

- A lectiva, com o total de 5 horas diárias;
- A componente de Apoio à Família, com um total de 3 a 4 horas diárias.

Caracterização da Comunidade Escolar

**Quadro 10 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Sacapeito**

Ed. de Inf. QA	Grupo 1	
Ed. de Inf. QA	Grupo 2	Coordenadora de Departamento
Ed. de Inf. QA	Grupo 3	Coordenadora de Estabelecimento

**Quadro 11 – Distribuição do Pessoal Não Docente do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Sacapeito**

Assistentes Operacionais em colocação permanente	4
Assistentes Operacionais em colocação temporária	0
Auxiliares de Serviços Gerais em colocação permanente	0
Auxiliares de Serviços Gerais em colocação temporária	

Caracterização dos Alunos

O Jardim-de-Infância tem a capacidade para a frequência de 75 crianças. As idades abrangidas situam-se entre as crianças que completem 3 anos até 31 de Dezembro do ano em curso e as crianças que irão transitar para o 1º ciclo. No presente ano lectivo, a lotação do Jardim-de-infância é de 70 crianças, existindo 1 criança com N.E.E. que reduz o grupo em que se insere, em conformidade com a lei. Em situação de ausência de frequência de crianças com N.E.E, a lotação será de 75 crianças.

**Quadro 12 – Distribuição dos Alunos do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Sacapeito**

Crianças de 3 anos	Crianças de 4 anos	Crianças de 5 anos	Crianças de 6 anos
17	30	23	0

Crianças sinalizadas com Necessidades Educativas Especiais	Crianças Integradas no Programa de Intervenção Precoce
1	0

Grupos	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Crianças c/ 3 anos	13	0	4
Crianças c/ 4 anos	10	4	16
Crianças c/ 5 anos	2	16	5
Crianças c/ 6 anos	0	0	0
Total	25	20	25

Crianças que apresentam NEE	Caracterização	Idade	Sexo	Grupo em que está inserido(a)
1	Síndrome de Autismo	4 anos	Masculino	Grupo 2

Bolsa de Recursos Humanos do Estabelecimento

Através de protocolo anualmente renovável com a Escola Superior de Educação, este estabelecimento recebe alunas(os) estagiárias(os) do Curso de Educação de Infância, dos diversos anos. Este ano estão colocadas seis alunas estagiárias do terceiro ano; duas no Grupo 1, duas Grupo 2 e duas no Grupo 3.

No presente ano lectivo, este jardim-de-infância conta igualmente com a colaboração de uma docente de Educação Especial, que apoia o Grupo 2, uma vez por semana.

Para dinamização das actividades da Componente de Apoio à Família, dispõe também de uma Professora de Música, de uma Professora de Educação Física e de uma Professora de Expressão Dramática.

Jardim-de-infância da Feira

Caracterização

O Jardim-de-infância da Feira, em Santarém, iniciou o seu funcionamento com a publicação da portaria no ano de 1997, apresenta o nº de código 629832 e pertence à rede pública do Ministério da Educação. Está situado na freguesia de Marvila, o que permite um fácil acesso a vários sectores da vida da cidade, na medida em que se insere numa zona predominantemente habitacional, oferecendo, no entanto, espaços de comércio e serviços, dispersos num amplo recinto em vias de requalificação.

Existe também, neste meio envolvente, uma forte personalidade cultural, etnológica e folclórica, permitindo a amplitude de vivências, usos e costumes dos ribatejanos; vivências, usos e costumes estes que são durante todo o ano lembrados nas suas feiras tradicionais – Feiras da Piedade, Gastronomia e Feira do Milagre.

Funciona num edifício adaptado, antigo restaurante no ex-complexo da Feira da Agricultura, tendo sofrido obras de beneficiação nos anos de 1996, 2000 e 2003. No ano lectivo de 2003/2004, sofreu obras de beneficiação do espaço exterior, prolongado para a traseira do edifício de dois pisos. Foram colocados materiais educativos de exterior e plantadas árvores.

A frequência média aumentou nos últimos anos lectivos, o que poderá ter a ver com a divulgação da existência deste Jardim-de-infância. As crianças que frequentam

o jardim são, na sua maioria, filhos/educandos, de Pais/Encarregados de Educação que habitam ou trabalham na zona envolvente.

**Quadro 13 – Elementos Materiais do Estabelecimento
Jardim-de-infância da Feira**

Espaços/Divisões	Nº	Tipo de Utilização
Salas de Actividades	2	Destinam-se às actividades lectivas das crianças
Sala de Apoio à Família	1	Destinam-se às actividades extra-curriculares
Sanitários	4	Piso Inferior 1 – Crianças (com duas sanitas), 1 de Adultos Piso Superior 1 – Crianças (com duas sanitas), 1 de Adultos
Polivalente	1	Actividades lectivas e actividades de apoio à família
Arrecadação	1	Arrumação de materiais diversos
Pátio de recreio descoberto	1	Espaço com boas dimensões em bom estado de conservação e com aparelhos lúdicos de exterior

Horário

O horário do Jardim-de-infância é de 40 horas semanais, podendo estender-se às 45 horas semanais de acordo com as necessidades das famílias, aferidas no início de cada ano lectivo, requerendo-se para tal autorização do Ministério da Educação. O horário diário desdobra-se em duas componentes:

- A lectiva, com o total de 5 horas diárias;
- A componente de Apoio à Família, com um total de 3 a 4 horas diárias.

Caracterização da Comunidade Escolar

**Quadro 14 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento
Jardim-de-infância da Feira**

Ed. de Inf. QA	Grupo 1	Coordenadora do Estabelecimento
Ed. de Inf. QA	Grupo 2	

**Quadro 15 – Distribuição do Pessoal Não Docente do Estabelecimento
Jardim-de-infância da Feira**

Assistentes Operacionais em colocação permanente	2
Assistentes Operacionais em colocação temporária	2
Auxiliares de Serviços Gerais em colocação permanente	0
Auxiliares de Serviços Gerais em colocação temporária	1

Caracterização dos Alunos

O Jardim-de-infância tem a capacidade para a frequência de 50 crianças. As idades abrangidas situam-se entre as crianças que completem 3 anos até 31 de Dezembro do ano em curso e as crianças que transitam para o 1º ciclo. No presente ano lectivo, a lotação do Jardim-de-infância é de 50 crianças, pois não está integrada nenhuma criança com N.E.E., estando até ao momento matriculadas 46 crianças.

**Quadro 16 – Distribuição dos Alunos do Estabelecimento
Jardim-de-infância da Feira**

Crianças de 3 anos	Crianças de 4 anos	Crianças de 5 anos	Crianças de 6anos
12	10	24	0

Grupos	Grupo 1	Grupo 2
Crianças c/ 3 anos	8	4
Crianças c/ 4 anos	2	8
Crianças c/ 5 anos	11	13
Crianças c/ 6 anos	0	0
Total	21	25

Bolsa de Recursos Humanos do Estabelecimento

Para dinamização das actividades da Componente de Apoio à Família, este estabelecimento dispõe de uma Professora de Música, de uma Professora de Educação Física e de uma Professora de Expressão Dramática.

Jardim-de-infância do Pereiro

Caracterização

O Jardim-de-infância do Pereiro pertence à rede pública do Ministério da Educação e iniciou o seu funcionamento em Outubro de 2004, numa sala da E.B.1 c/ JI de Santarém. O Jardim-de-infância do Pereiro está situado na freguesia de Marvila, numa das partes mais antigas da cidade, o que permite um fácil acesso aos vários sectores da vida da cidade (comércio, serviços...). Existe também, neste meio envolvente, um grande e variado património cultural e histórico da cidade e a população que nele habita é socialmente bastante heterogénea.

**Quadro 17 – Elementos Materiais do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Pereiro**

Espaços/Divisões	Nº	Tipo de Utilização
Salas de Actividades	1	Destinam-se a actividades lectivas das crianças
Sanitários	2	1- Crianças (com três sanitas); 1 poliban
Polivalente	1	Actividades lectivas e actividades de apoio à família
Arrecadação	1	Arrumação de materiais diversos
Pátio de recreio descoberto	1	Espaço com boas dimensões em bom estado de conservação e com aparelhos lúdicos de exterior

Horário

O horário do Jardim-de-infância é de 40 horas semanais, podendo estender-se às 45 horas semanais de acordo com as necessidades das famílias, aferidas no início de cada ano lectivo, requerendo-se para tal autorização do Ministério da Educação. O horário diário desdobra-se em duas componentes:

- A lectiva, com o total de 5 horas diárias;
- A componente de Apoio à Família, com um total de 3 a 4 horas diárias.

Caracterização da Comunidade Escolar

**Quadro 18 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Pereiro**

Ed. de Inf. QA	1 Grupo	
----------------	---------	--

**Quadro 19 – Distribuição do Pessoal Docente do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Pereiro**

Assistentes Operacionais em colocação permanente	0
Assistentes Operacionais em colocação temporária	1
Auxiliares de Serviços Gerais em colocação permanente	0
Auxiliares de Serviços Gerais em colocação temporária	1

Caracterização dos Alunos

O Jardim-de-infância tem capacidade para a frequência de 25 crianças. As idades abrangidas situam-se entre as crianças que completam 3 anos até 31 de Dezembro do ano em curso e as crianças que irão transitar para o 1ºciclo. No presente ano lectivo estão inscritas vinte e cinco crianças.

**Quadro 20 – Distribuição dos Alunos do Estabelecimento
Jardim-de-infância do Pereiro**

Crianças de 3 anos	Crianças de 4 anos	Crianças de 5 anos	Crianças de 6anos
4	5	16	0

Bolsa de Recursos Humanos do Estabelecimento

Para dinamização das actividades da Componente de Apoio à Família, este estabelecimento dispõe de uma Professora de Dança, de uma Professora de Expressão Dramática e de uma Professora de Inglês.

ANÁLISE SWOT

Nesta secção serão apresentados os pontos fortes e fracos da Educação Pré-escolar bem como os factores que potenciam oportunidades de crescimento e possíveis constrangimentos:

Os pontos fortes

- **Estrutura organizacional coesa**

Este nível de educação promove e valoriza o trabalho de equipa (Pessoal Docente e Não Docente), o sentimento de pertença, as relações de cordialidade e a articulação com os diferentes estabelecimentos que compõem o agrupamento, autarquia, famílias e diferentes instituições da Comunidade como aspectos identificativos, de modo a proporcionar uma resposta de qualidade e a cumprir as suas finalidades educativas.

- **A Formação do Pessoal Docente**

A forte formação do Pessoal Docente assenta na sua disponibilidade e preocupação para aprofundar e melhorar a sua intervenção educativa, bem como na receptividade e flexibilidade para se adequar às diferentes situações no âmbito do quadro normativo. As docentes perspectivam assim o seu crescimento profissional/pessoal como um instrumento transversal à melhoria das suas práticas educativas, ao sucesso educativo das crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar e à valorização e prestígio desta primeira etapa da Educação ao longo da vida.

- **A Adequação dos Recursos Infra-Estruturais e Equipamentos**

As infra-estruturas dos estabelecimentos da Educação Pré-Escolar são razoáveis, apesar do edifício do Jardim de Infância da Feira não ser uma construção de raiz, mas adaptado e o Jardim de Infância do Pereiro resultar também de uma adaptação de uma sala de aulas do 1.º Ciclo. Os equipamentos na sua generalidade consideram-se razoáveis e diversificados, bem como os recursos físicos e materiais. Estes aspectos considerados indispensáveis e adequados são igualmente um factor

de qualidade e garantia em termos de segurança e bem-estar, procurando promover o crescimento harmonioso/saudável das crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar.

- **A Existência de material informático necessário**

A Educação Pré-Escolar dispõe ao nível dos três estabelecimentos de algum equipamento informático e de salas equipadas com esse material que contribuem, sempre que as condições contextuais e materiais o permitam para a sensibilização e iniciação às Tecnologias de Informação e Comunicação bem como ao enriquecimento e diversificação das práticas educativas.

Os pontos fracos

A identificação dos pontos fracos da Educação Pré-Escolar espelha não só a vertente reflexiva dos seus intervenientes mas, sobretudo, o desejo destes serem superados, transformados em possibilidades de crescimento e de constituírem “pontos e nós” de um processo que se pretende consistente e direccionado ao sucesso educativo.

- **Mobilidade Excessiva do Pessoal Não Docente**

O quadro de Pessoal Não docente muito restrito para as necessidades que presentemente se colocam à Educação Pré-Escolar, nomeadamente, nas suas responsabilidades sociais no âmbito da Componente de Apoio à Família, implica a necessidade de contratualizar Pessoal Não Docente. Estes contratos sendo precários e estando na interdependência do Centro de Emprego e da Autarquia, traduzem-se nos diferentes estabelecimentos numa frágil estabilidade destes elementos, bem como na sua adaptação à função, nem sempre correspondendo ao perfil adequado, aspectos que comprometem e afectam toda a estrutura organizacional nas suas diferentes vertentes (continuidade e qualidade de desempenho).

- **Tarefas Administrativas versus Tempo Atribuído**

Verifica-se, ao nível da Coordenação de Estabelecimentos uma intensa actividade de procedimentos administrativos, no âmbito do preenchimento de mapas de presenças de funcionários, de docentes, das actividades, de almoços e

prolongamentos de horário, bem como outras tarefas de gestão que se prolongam para além do tempo atribuído. Atendendo a que os Coordenadores de Estabelecimento da Educação Pré-Escolar desenvolvem também a sua Componente Lectiva com um Grupo de crianças, estes procedimentos administrativos evidenciam-se como ponto fraco na medida em consomem um tempo significativo que poderia reverter para outras dinâmicas.

- **Escassez de Oferta Formativa**

Apesar de mobilizados e disponíveis, o Pessoal Docente e Não Docente da Educação Pré-escolar constata a escassez/ausência de oferta formativa gratuita, prevista para este ano lectivo ao nível do Centro de Formação Contínua, considerando que a frequência destas acções formativas constitui momentos significativos de reflexão, questionamento e enriquecimento.

- **Manutenção das Infra-estruturas e Equipamentos**

Verifica-se a ausência de espaços adequados para a realização das actividades da Componente de Apoio à Família, o que constitui denominador comum aos três estabelecimentos, comprometendo as dinâmicas implementadas e acentuando o cansaço nas crianças, que em dias chuvosos, ou de muito frio, permanecem no mesmo espaço, nove horas diárias.

Ao nível da manutenção das infra-estruturas e equipamentos, esta tem vindo a deteriorar-se, manifestando a Autarquia dificuldades na realização de obras de raiz e de pequenas reparações, cobertura entre edifícios, isolamento e pintura de interiores (infiltrações), colocação de tomadas eléctricas, substituição de armários, vidros, caixas de areia, entre outros.

- **O Funcionamento e Manutenção de Equipamento Informático**

Nos estabelecimentos de Educação Pré-Escolar, apesar de existir equipamento informático, verifica-se que num dos estabelecimentos os computadores não estão a funcionar nas salas devido à não existência de tomadas eléctricas, situação já comunicada à autarquia. Por outro lado, verifica-se apenas uma ligação à Internet em cada estabelecimento, num computador vocacionado para serviço administrativo, o que não é muito prático. Igualmente o software é escasso e pouco diversificado, em todos os estabelecimentos.

As oportunidades

- **A Situação Geográfica**

A localização dos três Estabelecimentos de Educação Pré-Escolar no centro da cidade, emerge como uma oportunidade de escolha das famílias e da divulgação e valorização das práticas educativas desenvolvidas nestes Estabelecimentos.

- **O Envolvimento das Famílias**

A significativa participação, colaboração e envolvimento das famílias nas dinâmicas dos Jardins de Infância, nos momentos formais e informais constitui não só um referencial enquanto interveniente/parceria, como um contributo no processo regulador dos projectos e actividades desenvolvidas bem como a oportunidade da Educação Pré-Escolar constituir um alicerce fundador de uma educação mais participada (famílias e crianças) assente na partilha, curiosidade e no desejo de aprender.

- **O Desenvolvimento de Projectos e Actividades Comuns**

O desenvolvimento de projectos e actividades comuns entre os diferentes estabelecimentos da Educação Pré-Escolar e também com os outros estabelecimentos educativos do agrupamento bem como com outras instituições da comunidade constitui uma oportunidade de conhecimento mútuo ao reforçar laços de pertença, ao criar dinâmicas de cultura organizacional de escola, dando também visibilidade aos conteúdos e práticas da Educação Pré-Escolar.

As ameaças

- **O Decréscimo da Taxa de Natalidade**

Embora o agrupamento e a localização dos diferentes estabelecimentos se situe na zona central da cidade de Santarém e abranja uma freguesia com uma densidade populacional significativa e em crescimento em algumas zonas, com a

existência de famílias jovens, verifica-se todavia um decréscimo da taxa de natalidade que poderá comprometer a frequência destes Jardins de Infância.

- **A Alteração das Dinâmicas das Famílias**

Os horários laborais intensivos, a ausência de tempo útil para se viver a família, bem como outros factores sociais e afectivos que alteram as dinâmicas das famílias estão a traduzir-se na frequência de crianças nos Jardins de Infância com ausência de hábitos alimentares e de sono adequados aos seus níveis etários, com controle dos esfíncteres ainda dependente da manutenção de fraldas, com imaturidades e problemas ao nível da linguagem acentuados, aspectos que comprometem o desenvolvimento das crianças e com implicações ao nível do seu percurso educativo.

- **A Redução de Orçamento da Autarquia**

A redução de orçamento ao nível da Autarquia poderá acentuar mais a dificuldade na manutenção das instalações dos diferentes estabelecimentos e estes degradar-se-ão progressivamente.

Quadro 21 – Análise SWOT da Educação Pré-Escolar

Pontos fortes	Pontos fracos
<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura organizacional coesa; • A formação do pessoal docente; • A adequação dos recursos infra-estruturais e equipamentos; • A existência de material informático necessário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilidade excessiva do pessoal não docente; • Tarefas administrativas versus tempo atribuído; • Escassez de oferta formativa; • Manutenção das infra-estruturas e equipamentos; • O funcionamento e manutenção de equipamento informático.
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • A situação geográfica dos estabelecimentos de educação pré-escolar; • O envolvimento das famílias; • O desenvolvimento de projectos e actividades comuns. 	<ul style="list-style-type: none"> • O decréscimo da taxa de natalidade; • A alteração das dinâmicas das famílias; • A redução de orçamento da autarquia.

2.2 – Estabelecimentos do 1º Ciclo do Ensino Básico

EB1 C/JI do Pereiro

Caracterização

A EB1/JI do Pereiro fica situada na freguesia de Marvila. O edifício é denominado de P3, e remonta a 1982, embora não tenha o traço genuíno, por ter sofrido posteriormente algumas adaptações; a mais recente foi a inclusão de uma sala para o funcionamento do Jardim de Infância.

Elementos Materiais do Estabelecimento

Na escola funcionam 6 turmas (1 em curso duplo da manhã, 1 em curso duplo da tarde e 4 em regime normal), uma sala de professores, uma cozinha, um refeitório, um polivalente, uma casa de banho, 3 zonas sujas, um balneário, um pátio com algumas árvores e um pequeno parque infantil.

Caracterização da Comunidade Escolar

Quadro 22 – Distribuição do Pessoal Docente da EB1 C/JI do Pereiro

Prof. Q.A.	Prof. QZP
5	1

Prof. Titular de turma	Prof. Educação especial	Prof. Apoio Educativo
6	1 (+4h)	1

Quadro 23 – Distribuição do Pessoal Não Docente da EB1 C/JI do Pereiro

C.M.S.	P.O.C.*
3	2

* Funcionárias colocadas temporariamente pelo Centro de Emprego.

Caracterização Dos Alunos

No ano lectivo de 2010/2011, a população escolar é constituída por 118 alunos, distribuídos por 6 turmas.

Quadro 24 – Distribuição das Turmas por Anos de Escolaridade da EB1 C/JI do Pereiro

1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
2	1	1	2

Quadro 25 – Distribuição dos Alunos por Anos de Escolaridade da EB1 C/JI do Pereiro

1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
39	18	23	38

Quadro 26 – Distribuição dos Alunos por Turmas da EB1 C/JI do Pereiro

1º A	1º B	2º/3º A	3º A	4º A	4º B
17	22	22	19	18	20

Quadro 27 – Distribuição dos Alunos de Outras Nacionalidades da EB1 C/JI do Pereiro

Nº de alunos	Ano de escolaridade	Origem
3	2º/4º	Roménia
1	2º	Burkina Faso

Bolsa de Recursos Humanos da Escola

Esta escola tem actividades de enriquecimento curricular (Música, Actividade Física e Desportiva, Expressão Dramática, Inglês e Apoio ao Estudo) para todos os alunos da escola, a funcionarem na própria escola.

No presente ano lectivo, conta também com uma terapeuta da fala colocada na EB1 dos Leões (Unidade de Autismo).

EB1 Santarém Nº7 Leões

Caracterização

A EB1 Santarém nº 7 fica situada na freguesia de Marvila, nos terrenos de um antigo campo de futebol denominado “Campo dos Leões”. Entretanto, como identificação do bairro que nasceria sobre o velho campo transformado agora numa zona habitacional com um crescimento demográfico em progressiva expansão, permaneceu a denominação de “Leões”.

A escola é do tipo P3 e foi construída em 1984.

Elementos Materiais Do Estabelecimento

A escola é constituída por 12 salas de aula, inicialmente de área aberta, agora separadas por paredes, distribuídas por dois blocos. Cada bloco tem dois pisos com três salas e uma zona comum.

No bloco virado a Poente, no rés-do-chão e 1º andar, funcionam seis salas de aula em regime normal.

No bloco do lado Nascente, funcionam 2 salas de aula em regime duplo da manhã e da tarde, 1 sala de Multidificiência e 1 sala utilizada pelas AECs e reuniões.

No rés do chão, há um polivalente com dois tipos de pavimento, madeira e tijoleira, onde se realizam actividades na área das Expressões e onde se efectuam reuniões, convívios e festas em que se envolve toda a comunidade escolar, sendo também o espaço onde os alunos passam os intervalos nos dias de chuva; a sala de professores; um gabinete de atendimento da terapia da fala; a reprografia; a cozinha; casas de banho e arrecadações.

O refeitório funciona num anexo inaugurado em Outubro de 2007.

Nesta mesma zona do edifício escolar, funciona uma sala de Recursos com metodologia Teacch (Tratamento e educação de crianças autistas com problemas de comunicação) – Unidade de Ensino Estruturado.

Igualmente, nesta zona, funciona a Biblioteca Escola/Centro de Recursos da Escola Básica 1 dos Leões, designada de BECRE. Este espaço destina-se a servir os interesses de todos os seus utentes: alunos, professores, funcionários e restante

comunidade educativa, procurando ser um centro educacional que permita na escola o acesso à informação e a utilização lúdica do conhecimento.

A BE é coordenada por um professor bibliotecário que orienta a equipa de docentes/funcionários a trabalhar na BECRE.

O pátio de recreio tem uma grande área de terra batida, com algumas árvores, um pequeno parque infantil, mesas com bancos e um repuxo.

Existe ainda separado do recreio da escola por um muro, um espaço de lazer, onde se inclui um pequeno campo de jogos, aberto a toda a comunidade, e que poderá também ser utilizado pelos alunos.

Caracterização da Comunidade Escolar

Quadro 28 – Distribuição do Pessoal Docente da EB1 Santarém Nº7 Leões

Prof. Q.A	Prof. QZP	Prof. Contratado
19	3	1

Prof. Titular de turma	Prof. Educação Especial	Prof. Apoio Educativo	Prof. Português Língua Não Materna
14	1+2*+2*	1	1

Prof. U.E.E.	Prof. U.A.E.	Coord. de Estabelecimento	Prof. Bibliotecário
2*	2*	1	1

Quadro 29 – Distribuição do Pessoal Não Docente da EB1 Santarém Nº7 Leões

C.M.S.	P.O.C.*
9	5

* Funcionárias colocadas temporariamente pelo Centro de Emprego

Caracterização Dos Alunos

No ano lectivo de 2010/2011, a população escolar é constituída por 276 alunos, distribuídos por 14 turmas.

Quadro 30 – Distribuição das Turmas por Anos de Escolaridade da EB1 Santarém N°7 Leões

1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
3	4	3	4

Quadro 31 – Distribuição dos Alunos por Anos de Escolaridade da EB1 Santarém N°7 Leões

1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
51	83	71	71

Quadro 32 – Distribuição dos Alunos por Turmas da EB1 Santarém N°7 Leões

1º A	1º B	1º C
19	19	13

2º A	2º B	2º C	2º D
20	24	20	19

3º A	3º B	3º C	3º 4º D
24	20	22	19

4º A	4º B	3º 4º C
19	19	19

Quadro 33 – Distribuição dos Alunos de Outras Nacionalidades da EB1 Santarém N°7 Leões

Nº de alunos	Ano de Escolaridade	Origem
7	1º/2º/3º/4º	Ucrânia / Moldávia
2	1º/3º	Roménia / Bulgária
1	2º	Brasil
1	4º	EUA

Bolsa de Recursos Humanos da Escola

Este estabelecimento tem um protocolo com a Escola Superior de Educação de Santarém, através do qual recebe anualmente alunos estagiários dos diversos cursos e anos existentes naquela instituição.

Tem actividades de enriquecimento curricular (Música, Actividade Física e Desportiva, Inglês, Informática e Apoio ao Estudo) para todos os alunos.

Em função da existência de unidades de ensino estruturado e de apoio especializado, o Agrupamento necessita de técnicos especializados.

Caracterização das Escolas do 1º Ciclo (Pereiro e Leões)

Quadro 34 – Taxas de Transição nas Escolas do 1º Ciclo (Pereiro e Leões) por Anos

1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
97%	98%	100%	95%

Quadro 35 – Taxas de Transição nas Escolas do 1º Ciclo (Pereiro e Leões) por Ciclo

Transição	Total de alunos 1º ciclo
97,5%	415

Quadro 36 – Taxas de Sucesso em Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio das Escolas do 1º Ciclo (Pereiro e Leões) por Ano

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Língua Portuguesa	95%	92%	100%	99%
Matemática	95%	91%	98%	92%
Estudo do Meio	97%	100%	100%	96%

APROVEITAMENTO ESCOLAR DO 1º CICLO**EB1 PEREIRO****Quadro 37 – Aproveitamento Escolar na EB1 Pereiro (1º Ano)**

Alunos Turmas	Total	Transitados	Não transitados	Transitados sem aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
1º/2º Ano	16	16	0	0	0	0
TOTAL	16	16	0	0	0	0

Quadro 38 – Aproveitamento Escolar na EB1 Pereiro (2º Ano)

Alunos Turmas	Total	Transitados	Não transitados	Transitados sem aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
1º/2º A	3	2	1	1	1	1
2º A	19	18	1	1	1	1
TOTAL	22	20	2	2	2	2

Quadro 39 – Aproveitamento Escolar na EB1 Pereiro (3º Ano)

Alunos Turmas	Total	Transitados	Não transitados	Transitados sem aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
3º/4º A	17	17	0	0	1	0
3º/4º B	16	16	0	0	0	0
TOTAL	33	33	0	0	1	0

Quadro 40 – Aproveitamento Escolar na EB1 Pereiro (4º Ano)

Alunos Turmas	Total	Transitados	Não transitados	Transitados sem aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
3º/4º A	3	2	1	0	0	0
3º/4º B	3	3	0	0	0	0
4º A	19	19	0	0	0	0
4º B	21	18	3	0	6	3
TOTAL	46	42	4	0	6	3

EB1 LEÕES**Quadro 41 – Aproveitamento Escolar na EB1 Leões (1º Ano)**

Alunos Turmas	Total	Transitados	Não transitados	Transitados sem aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
1ªA	19	19	0	0	0	0
1º B	24	23	1	2	2	0
1º C	20	20	0	0	0	0
1ºD	20	19	1	2	2	2
TOTAL	83	81	2	4	4	2

Quadro 42 – Aproveitamento Escolar na EB1 Leões (2º Ano)

Alunos Turmas	Total	Transitados	Não transitados	Transitados sem aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
2º/3º C	2	2	0	0	0	0
2º A	23	23	0	1	0	0
2º B	20	20	0	0	0	0
2º C	24	24	0	4	6	0
TOTAL	69	69	0	5	6	0

Quadro 43 – Aproveitamento Escolar na EB1 Leões (3º Ano)

Alunos Turmas	Total	Transitados	Não transitados	Transitados sem aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
3º/4º A	18	18	0	0	0	0
3º/4º B	19	18	0	0	0	0
2º/3º C	18	18	0	0	0	0
3º/4º D	12	12	0	0	1	0
TOTAL	67	66	0	0	1	0

Quadro 44 – Aproveitamento Escolar na EB1 Leões (4º Ano)

Alunos	Total	Transitados	Não	Transitados sem
--------	-------	-------------	-----	-----------------

Turmas			transitados	aproveitamento a:		
				L.P.	Mat.	E.M.
4º A	21	21	0	0	0	0
4º B	24	24	0	0	0	0
4º C	23	22	1	1	2	1
3º/4º A	1	0	1	1	1	1
3º/4º B	1	0	1	0	0	0
3º/4º D	9	9	0	0	1	0
TOTAL	79	76	3	2	4	2

PLANOS DE RECUPERAÇÃO

Quadro 45 – Alunos com Planos de Recuperação na EB1 Pereiro

ANOS	TURMAS	P.R. / P.A.	ALUNOS RETIDOS	ALUNOS APROVADOS
2º ANO	1º/2º A	1 P.R.+1 P.A.	1 P.R.	1 P.A.
	2º A	2 P.R.+1 P.A.	0	3
4º ANO	4º B	3 P.R.	3	0

Quadro 46 – Alunos com Planos de Recuperação na EB1 Leões

ANOS	TURMAS	P.R. / P.A.	ALUNOS RETIDOS	ALUNOS APROVADOS
1º ANO	1º B	2 P.R.	1	1
	1º C	1 P.A.	0	1
2º ANO	2º A	3 P.R.	0	3
	2º C	7 P.R.	0	7
3º ANO	3º B	2 P.R.	0	2
	3º D	2 P.R.	0	2
4º ANO	4º A	1 P.R.	0	1
	4º B	1 P.R.	0	0
	4º C	2 P.R.	1	1

Quadro 47 – Alunos com Planos de Recuperação (1º Ciclo)

Nº de alunos/anos escolaridade	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Nº de alunos Aprovados	1	12	4	5
Nº de alunos Retidos	1	1	0	1
Total	2	13	4	6

Quadro 48 – Alunos com Planos de Acompanhamento (1º Ciclo)

Nº de alunos/anos escolaridade	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Nº de alunos Aprovados	1	1	0	0
Nº de alunos Retidos	0	0	0	0
Total	1	1	0	0

Quadro 49 – Alunos com Necessidades Educativas Especiais (1º Ciclo)

Alíneas	EB1 C/ JI PEREIRO	EB1 LEÕES	TOTAL
e)	8	11	19
Outras alíneas	9	11	20
TOTAL	17	22	39

ANÁLISE SWOT

Nesta secção serão apresentados os pontos fortes e fracos do 1º Ciclo do Ensino Básico bem como os factores que potenciam oportunidades de crescimento e possíveis constrangimentos:

Os pontos fortes

- **Forte formação do pessoal docente**

Os professores do 1º Ciclo deste agrupamento apostam em valorizar a sua formação docente, de forma a melhorar a qualidade do ensino futuro e, em resultado, aumentar o seu prestígio a médio e longo prazo.

- **Empenho do pessoal docente para responder às necessidades dos alunos**

Os professores do 1º Ciclo, tendo em conta a especificidade das turmas, têm revelado empenho, indo ao encontro das necessidades dos alunos, recorrendo a um trabalho ajustado às capacidades dos mesmos, nomeadamente as suas vivências no sentido de facilitar a interiorização e compreensão dos conteúdos.

- **Existência das unidades de Autismo e de multideficiência**

Estas unidades desempenham um papel activo na dinâmica da escola, trabalhando em parceria com os professores titulares de turma em prol dos alunos com NEE.

Os pontos fracos

- **Apreensão e mal-estar face às sucessivas mudanças emanadas do Ministério da Educação.**

As constantes alterações ao nível organizacional e curricular que todos os anos são emanadas do Ministério da Educação, não têm contribuído para a estabilidade nas escolas.

- **A articulação/interacção entre os diferentes ciclos**

De forma a estimular os alunos e a tornar o ensino mais apelativo deveriam existir, durante o ano lectivo, mais momentos de interacção dos alunos com as outras escolas do agrupamento, nomeadamente nas áreas das ciências e expressões.

- **Obsolescência/inexistência de equipamento informático e material de desgaste**

As novas tecnologias têm invadido o nosso dia-a-dia, no entanto, no agrupamento, as escolas do 1º Ciclo revelam carências a vários níveis como quadros interactivos, data show, material de desgaste informático, etc.

- **Falta de assistentes operacionais**

As escolas do 1º Ciclo revelam carências ao nível do número de funcionárias disponíveis para o acompanhamento permanente dos alunos com NEE em contexto de sala de aula, bem como para assegurar o normal funcionamento das escolas.

- **Instalações condignas para o desenvolvimento de actividades**

Desde que se iniciaram as Actividades de Enriquecimento Curricular, as escolas denotam a falta de instalações apropriadas, de modo a facilitar o bom funcionamento das mesmas, um bom ambiente de trabalho e o favorecimento das aprendizagens. Esses espaços apropriados evitariam as aulas em espaços comuns às salas como zona suja e polivalente.

2.3 – Escola do 2º e 3º Ciclos de Mem Ramires

Breve Historial

Até ao ano de 1987, o Ciclo Preparatório funcionou nas instalações do antigo Colégio Andaluz e albergou todos os alunos da cidade de Santarém que frequentavam aquele ciclo de escolaridade. Esta foi a solução encontrada pelo Ministério da tutela para libertar a Escola Secundária Sá da Bandeira e a Escola Secundária Ginestal Machado do ensino preparatório, uma vez que, naquela época, houve um grande acréscimo no número de alunos e aquelas escolas encontravam-se superlotadas. No entanto, desde há algum tempo que a Comissão Instaladora do Instituto Politécnico Superior reivindicava a totalidade daquele espaço, dando a informação ao Ministério de que seria necessário arranjar uma outra solução alternativa para o funcionamento do Ensino Preparatório.

Assim, depois de muitas diligências, em 1987, são criadas mais duas escolas na cidade de Santarém: uma delas, a Escola Preparatória nº 2 de Santarém.

Aos quinze dias do mês de Julho de 1987, tomou posse a Comissão Instaladora da Escola Preparatória nº 2 de Santarém. No mês de Setembro, em Reunião Geral de Professores, e depois de se ter pensado no nome de alguns ilustres, decidiu-se em plenário que Mem Ramires seria o patrono desta escola, ficando esta a denominar-se Escola Preparatória de Mem Ramires. O primeiro dia de aulas teve lugar a 30 de Outubro.

Ao longo dos anos, alguns momentos importantes marcaram a vida desta instituição:

- 1993 – a Escola Básica do 2.º Ciclo de Mem Ramires acolheu o Centro de Formação da Associação de Escolas de Santarém (CFAES), passando a ser a escola sede;
- 2001/2002 – esta escola que, começou por ter apenas o 2º ciclo e o 7º ano, passou a ter o 8º e 9º anos, apesar de não se ter realizado a construção de outro bloco de aulas;
- 2002/2003 – passa a funcionar na escola o 3º ciclo, já com um quadro próprio de professores;
- 2003 – a Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Mem Ramires entra em agrupamento, sendo esta a escola sede do mesmo;
- 2005 – foi instalado um sistema de controlo de entradas/saídas dos alunos através de um cartão magnético, de modo a fazer face ao reduzido número

de Auxiliares de Acção Educativa e visando uma maior eficácia ao nível da segurança;

- 2006 – foi inaugurado o Pavilhão Polidesportivo;
- 2007 – a biblioteca da escola passou a estar integrada na Rede de Bibliotecas Escolares, regendo-se pelas directrizes emanadas do órgão coordenador da Rede Nacional de Bibliotecas em articulação com o Plano Nacional de Leitura;
- 2008 – foi inaugurado o auditório;
- 2009 – foram criados gabinetes para todos os departamentos e o Laboratório de Ciências Naturais.
- 2010 – a escola é integrada numa nova unidade orgânica, resultante da fusão do Agrupamento Mem Ramires com a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado.

Elementos Materiais do Estabelecimento

A escola dispõe de 23 salas, sendo 13 as salas normais de aula, e 10 as salas específicas. Relativamente a estas últimas, refira-se o laboratório de Ciências Naturais, duas salas equipadas para as Tecnologias da Informação e Comunicação, uma sala adaptada para a disciplina de Ciências Físico-Química, duas salas de Educação Visual e Tecnológica e uma de Educação Visual, uma sala de Educação Musical, uma de Ciências da Natureza e uma outra de Matemática.

Para a deslocação de deficientes motores ao primeiro andar do Bloco A, onde funciona a Biblioteca, o auditório, a sala TIC, o gabinete dos Directores de Turma, o Departamento de Línguas e o Centro de Formação da Lezíria do Tejo, foi colocado um elevador no Verão de 2004.

**Quadro 50 – Elementos Materiais do Estabelecimento EB23 Mem Ramires
(Salas de Aula Normal)**

BLOCO	PISO	SALA	ÁREA (m ²)	TIPO DE SALA	OBSERVAÇÕES	
A	2	A 1	47,95	TIC	Sala de Informática	
C	1	EVT 1	60,71	C.F.Química	Sala adaptada para C.F.Q.	
		CN	59,57	Laboratório de Ciências	Sala específica para ciências	
		EVT 3	73,51	EVT	Sala específica para Ed. Visual e Tecnológica	
		EVT 4	84,12			
	2	C 1	48,65	Normal	Sala de aula normal	
		C 2	47,95			
		C 3	47,85			
		C 4	48,65			
		C 5	47,95			
		C 6	47,95			
		C 7	34,58			
	D	1	CN 1	59,57	Ciências	Sala específica para Ciências
			SMD	59,57	Normal	Sala de aula normal
GM			72,97	Matemática	Ginásio da Matemática	
EV			84,12	Ed. Visual	Sala específica para Ed. Visual	
2		D 1	48,65	Normal	Sala de aula normal	
		D 2	47,95			
		D 3	47,85			

BLOCO	PISO	SALA	ÁREA (m ²)	TIPO DE SALA	OBSERVAÇÕES
		D 4	60,70	Educação Musical	Sala específica para Educação Musical
		D 5	47,95	Normal	Sala de aula normal
		D 6	36,14		
		D 7	34,58		
		D 9	15	TIC	Sala de Informática
B	1	B1	45,94	Sala de Estudo	Sala de Estudo
Pavilhão Desportivo	-	-	30X19	Educação Física	Pavilhão de Educação Física
	-	-	16X14	Educação Física	Sala de Ginástica
				Gab. de trabalho de Ed. Física	Sala de trabalho
Exterior	-	-	42X32	Campo Polidesportivo	Campo Polidesportivo

Quadro 51 – Elementos Materiais do Estabelecimento EB23 Mem Ramires (Serviços de Apoio)

Bloco	Piso	Área (m ²)	Sala	Tipo de Apoio
A	2	133,68	Biblioteca Escolar	Didáctico- -Pedagógico
	2		Gab. de trabalho do Dep. Línguas	
D	1		Gab. de trabalho do Dep. Mat. e Ciências Experimentais	Sala de trabalho
	1		Gab. trabalho das Terapeutas	
	2		Gabinete de trabalho de Ed. Musical	
A	1	73,67	Sala de Professores	Sala de trabalho e de convívio

Bloco	Piso	Área (m ²)	Sala	Tipo de Apoio
A	2	23,98	Centro de Formação da Lezíria do Tejo	Gabinete de trabalho
A	1		Gab. de trabalho do Dep. Ciências Sociais e Humanas	Sala de trabalho
C	2		Gab. de trabalho da Educação Especial	
E	--	78,00	Antigos Balneários	Arrecadação
A	2	23,28	Gab. de trabalho dos Directores de Turma	Sala de trabalho
	1	23,46	Gabinete de trabalho da Coordenação da Escola	Geral
		17,34	Sala de atendimento dos Encarregados de Educação	
		54,28	Serviços Administrativos	
			Gabinete de Educação para a Saúde	
	2		Auditório	
B	1		Papelaria	
			Bufete	
			Reprografia	
			Refeitório	
			Cozinha	
			Convívio dos alunos	
			Convívio dos Funcionários	

A Comunidade Escolar**Quadro 52 – Distribuição do Pessoal Docente da EB23 Mem Ramires**

Departamentos	N.º Professores
Ciências Sociais e Humanas	9
Expressões	20
Línguas	15
Matemática e Ciências Experimentais	22
Total	66

Categorias profissionais	N.º Professores
Professores Quadro Escola	52
Professores Quadro Zona Pedagógica	4
Professores Contratados	10
Total	66

Quadro 53 – Distribuição do Pessoal Não Docente da EB23 Mem Ramires

Pessoal Não Docente	Número
Assistentes Operacionais	22
Assistentes Técnicos	4
Total	26

Caracterização Dos Alunos**Quadro 54 – Distribuição dos Alunos da EB23 Mem Ramires**

Anos de Escolaridade	N.º de Turmas	Total de Alunos
5º	6	141
6º	6	143
7º	3	56
8º	2	51
9º	4	77
CEF	2	25
Totais	23	493

Turmas CEF (Curso de Educação Formação – Operador de Informática e Práticas técnico-comerciais).

Quadro 55 – Distribuição dos Alunos que usufruem dos Serviços de Apoio Social Educativo (SASE) da EB23 Mem Ramires

Ciclo de Ensino	Escalão A	Escalão B
2º Ciclo	65	37
3º Ciclo	56	35
CEF	14	2
Totais	135	74

Quadro 56 – Distribuição dos Alunos de Outras Nacionalidades da EB23 Mem Ramires

Nacionalidades	Ano de escolaridade					N.º Alunos
	5º	6º	7º	8º	9º	
Brasil	2		1	1		4
Rússia			1	3		4
Moldávia	2	1		1		4
Ucrânia		1	1	4		6
Roménia	2		4	3	1	10
Alemanha			1			1
Bélgica		1				1
França		1				1
China				1		1
Guiné-Bissau		1				1
Total	6	5	8	13	1	33

Caracterização nos Domínios Cognitivo e Atitudinal**Quadro 57 – Taxas de Transição dos Alunos da EB23 Mem Ramires por Ano de Escolaridade (2007/2008 a 2009/2010)**

Ano lectivo	5º	6º	7º	8º	9º
2007/2008	96	98	86	89	80
2008/2009	98	97	76	82	86
2009/2010	95	96	80	96	86

Quadro 58 – Taxas de Transição dos Alunos da EB23 Mem Ramires por Ciclo (2007/2008 a 2009/2010)

Ano lectivo	2º ciclo	3º ciclo
2007/2008	96	84
2008/2009	98	81
2009/2010	96	88

Quadro 59 – Taxas de Alunos Transitados a Todas as Disciplinas da EB23 Mem Ramires por Ano de Escolaridade (2007/2008 a 2009/2010)

Ano lectivo	5º	6º	7º	8º	9º
2007/2008	81	70	70	50	45
2008/2009	88	85	50	52	39
2009/2010	77	77	65	65	57

Quadro 60 – Taxas de Alunos Transitados a Todas as Disciplinas da EB23 Mem Ramires por Ciclo (2007/2008 a 2009/2010)

Ano lectivo	2º ciclo	3º ciclo
2007/2008	75	59
2008/2009	87	47
2009/2010	78	62

Quadro 61 – Taxas de Alunos da EB23 Mem Ramires que Transitaram com Um ou Dois Níveis Inferiores a Três por Ano de Escolaridade

	5º	6º	7º	8º	9º
N.º de alunos	28	23	14	19	29
%	20	22	29	28	43

Quadro 62 – Taxas de Alunos da EB23 Mem Ramires que Transitaram com Três ou Mais Níveis Inferiores a Três por Ano de Escolaridade

	5º	6º	7º	8º	9º
N.º de alunos	4	2	3	5	0
%	3	2	6	7	0

Quadro 63 – Alunos da EB23 Mem Ramires com Planos de Recuperação por Ano de Escolaridade

	5º	6º	7º	8º	9º	Total
N.º de alunos	29	22	20	18		
N.º de alunos retidos	5	2	8	2		

Quadro 64 – Taxas de Sucesso da EB23 Mem Ramires por Disciplina e por Ciclo

Disciplinas		Percentagem de sucesso	
2.º Ciclo	3.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo
Ciências da Natureza	Ciências Naturais	96,4%	97,1%
Educação Visual e Tecnológica	Educação Visual	98,4%	96,1%
	Educação Tecnológica		99,5%
História e Geografia de Portugal	História	86,6%	88,8%
	Geografia		91,2%
Área de Projecto	Área de Projecto	98,8%	99,0%
Educação Física	Educação Física	98,0%	99,0%
Ed. Moral e Religiosa Católica	Ed. Moral e Religiosa Católica	100%	97,9%
Estudo Acompanhado	Estudo Acompanhado	97,2%	98,5%
Formação Cívica	Formação Cívica	99,2%	97,0%
Inglês	Inglês	83,8%	81,9%
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	95,2%	100%
Matemática	Matemática	87,0%	81,0%
	Design Gráfico Computorizado		100%
	Ciências Físico-Químicas		76,1%
	Francês		82,0%
	Espanhol		97,6%
	Expressão Plástica		100%
	Tecnol. Informação e Comunicação		100%
Educação Musical		98,2%	

Quadro 65 – Taxas de Insucesso da EB23 Mem Ramires por Disciplina e por Ano de Escolaridade

Disciplinas	5.º ano	6.º ano	7.º ano	8.º ano	9.º ano
Área de Projecto	1,4%	0,9%	3,5%	0%	0%
C. Físico-Químicas			19,3%	14,3%	36%
C. Naturais			8,7%	0%	1,3%
C. Natureza	3,5%	3,6%			
Design Gráfico Computorizado			0%	0%	
Educação Física	0,7%	3,6%	3,5%	0%	0%
Educação Moral e Religiosa Católica	0%	0%	6,7%	0%	0%
Educação Musical	0,9%	2,8%			
Educação Tecnológica			0%	0%	1,3%
Educação Visual			5,3%	2,3%	
Educação Visual e Tecnológica	2%	0,9%			
Estudo Acompanhado	4,2%	0,9%	0%	1,4%	20,9%
Formação Cívica	0,7%	0,9%	3,5%	0%	6,9%
Francês			34,5%	11,3%	18,6%
Espanhol			7,1%	0%	
Expressão Corporal e Dramática					2,6%
Expressão Plástica			0%	0%	
Geografia			12,3%	5,7%	6,9%
História			17,6%	12,9%	5,1%
História e Geografia de Portugal	14,9%	11,2%			
Inglês	14,2%	18,9%	26,3%	12,9%	16,6%
Língua Portuguesa	4,9%	4,5%	24,6%	5,7%	0%
Matemática	11,8%	14,4%	24,6%	21,1%	19%
Tecnologias da Informação e Comunicação					0%

Quadro 66 – Classificações dos Exames do 9º Ano da EB23 Mem Ramires (Nº de Alunos)

Disc./Nível	1	2	3	4	5
LP	0	11	35	27	2
MAT	2	19	33	15	6

Quadro 67 – Alunos da EB23 Mem Ramires com Necessidades Educativas Especiais

Ciclos	Alíneas	N.º Alunos
		2009/2010
2º Ciclo	e)	8
	outras	6
3º Ciclo	e)	1
	outras	8
Total		23

Quadro 68 – Alunos da EB23 Mem Ramires Aprovados e Retidos ao Abrigo do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro (2009/2010)

Nº Alunos	5º	6º	7º	8º	9º
Transitados/Aprovados	6	8	0	4	3
Retidos	0	0	0	0	2
Total	6	8	0	4	5

Quadro 69 – Abandono Escolar da EB23 Mem Ramires (2009/2010)

Ano de escolaridade	Nº Alunos
5º	-
6º	1
7º	2
8º	-
9º	-
CEF	3
Total	6

ANÁLISE SWOT

Os pontos fortes

Nesta secção são apresentados os principais pontos fortes da Escola Mem Ramires.

- **Forte formação do pessoal docente**

Esta escola aposta em valorizar o seu quadro docente, incentivando-o e motivando-o para a melhoria da qualidade do ensino e para a participação activa nos assuntos da escola.

- **Existência de material informático necessário**

A Escola Mem Ramires dispõe de material informático e de salas equipadas com esse material, contribuindo para a qualidade do ensino prestado. Existe também algum software didáctico específico para a leccionação, recorrendo às Tecnologias de Informação e Comunicação.

- **Criação de novos espaços e requalificação de outros**

A criação de novos espaços e a requalificação de espaços existentes são exemplo de uma escola com futuro que empreende todos os esforços para a concretização de um objectivo: a excelência do ensino. A Escola Mem Ramires apresenta infra-estruturas adequadas das quais se destacam:

- **Auditório:** Com equipamento multimédia, capacidade para 51 participantes, espaço confortável adequado para conferências, palestras e afins.
- **Biblioteca:** Espaço recentemente renovado, com coordenação a tempo inteiro, possuindo mais de 1500 publicações, videoteca, espaço multimédia, espaço de produção de trabalhos e espaço de leitura informal.
- **Laboratórios:** Todas as bancadas dispõem de água e acesso à corrente eléctrica permitindo a utilização de microscópios electrónicos e

computadores portáteis, acessíveis a 30 alunos. Bom equipamento para aulas experimentais.

- **Clubes:** Clube de Informática; Clube Europeu; Clube de Jornalismo; Clube de Matemática.
- **Ginásio da Matemática:** espaço equipado com diverso material lúdico-didático que permite aos alunos divertirem-se enquanto aprendem.
- **Instalações desportivas:** Um campo polidesportivo exterior; um pavilhão polidesportivo e uma sala de ginástica.
- **Espaço Saúde:** Um gabinete de informação e apoio aos alunos e restantes elementos da comunidade escolar, na promoção da saúde.
- **Gabinetes para todos os departamentos:** Todos os departamentos possuem uma área de trabalho individual equipada de forma a dar resposta às necessidades de cada departamento.

- **Projectos inovadores de ensino individualizado em Matemática e Língua Portuguesa**

Com projectos inovadores promovemos um ensino dirigido e individualizado. O projecto «Mais Sucesso Escolar» para a Matemática e Língua Portuguesa, e o aumento da carga curricular em Matemática são exemplos deste tipo de projectos.

- **Articulação entre ciclos de ensino**

A articulação entre os diversos ciclos de ensino, conseguida através de uma cooperação entre professores, permite um maior acompanhamento dos alunos que transitam de ciclo.

- **Forte elo de comunicação com os Pais e Encarregados de Educação**

Instituiu-se um forte elo de comunicação com os Pais e Encarregados de Educação.

- **Desporto escolar**

O Desporto Escolar incentiva os nossos alunos para a actividade desportiva, oferecendo um leque variado de modalidades e dispondo de um corpo docente motivado na formação destes jovens como desportistas e como cidadãos habituados a um estilo de vida salutar.

- **Segurança na escola**

A escola está equipada com sistema de vídeo vigilância e as entradas e saídas da escola são controladas por um funcionário. Os alunos possuem um cartão de identificação pessoal que, para além de servir o propósito de controlo da presença do aluno na escola, serve também para utilização no bar, na papelaria e na cantina.

- **Conservação e limpeza das instalações**

O empenho e bom serviço dos funcionários e entidades de limpeza da escola proporcionam um espaço agradável e limpo, propício ao bom ambiente da escola.

- **Convívio e confraternização da comunidade escolar**

A escola proporciona aos alunos, professores e funcionários diversos momentos de convívio e confraternização.

- **Actividades extracurriculares/Visitas de Estudo**

A escola proporciona aos alunos diversas actividades extracurriculares (Vide Clubes) e diversas visitas de estudo ao longo do ano lectivo.

Os pontos fracos

A correcta identificação dos pontos fracos da escola é muito importante quando se pretende proceder a novos desenvolvimentos. Nesta secção, são apresentados os pontos fracos desta escola, em particular aqueles que, pelas implicações directas ou indirectas na missão da escola, merecem uma referência especial.

- **Dificuldades em motivar os alunos a participarem na estratégia da escola**

Os alunos não dão muita importância aos objectivos traçados para a criação de uma escola de sucesso.

- **Baixo nível de actividades de investigação e desenvolvimento**

A nova deontologia docente deve estar alinhada com princípios orientados para a investigação. Infelizmente, não existe ainda uma consciência colectiva dos

professores no que diz respeito a esta tarefa, muitos optam pelas aulas expositivas, centrando a atenção no professor como divulgador unidireccional de saberes.

- **Desacreditação dos Cursos de Educação e Formação**

Os Cursos de Educação e Formação são, usualmente, conotados como uma saída para os alunos cujo insucesso escolar não lhes permite ir mais além nos seus estudos. São também turmas onde existem muitos alunos indisciplinados e com pouca motivação para os estudos.

- **Défice de trabalho cooperativo entre os professores na preparação e reflexão das práticas educativas**

Embora alguns grupos de trabalho funcionem num clima de cooperação e utilizem algum tempo para a preparação e reflexão das práticas educativas, a maioria dos professores preferem o trabalho individual e não possuem o espírito de cooperação e partilha de saberes tão desejável na conjectura actual da escola.

- **Deficiente articulação entre ciclos**

Muito se tem conseguido nos últimos tempos no que respeita à articulação entre ciclos de ensino. Contudo, é muito difícil essa articulação quando os respectivos ciclos estão em estabelecimentos diferentes.

- **Representatividade da Associação de Pais e Encarregados de Educação**

A consciência de uma participação proactiva dos pais e encarregados de educação na estratégia da escola é ainda algo deficitária. A Associação de Pais e Encarregados de Educação deve posicionar-se no sentido da articulação e interacção com as estruturas de gestão escolar, e estas, por sua vez devem criar mecanismos que facilitem a cooperação com este organismo.

- **Climatização das salas de aula/Biblioteca**

As salas de aulas da escola são muito frias no Inverno e muito quentes no Verão atingindo temperaturas de tal modo extremas que se torna muito difícil a leccionação e a aprendizagem nas referidas condições climatéricas.

As oportunidades

- **Forte motivação para responder às solicitações do mercado**

A escola está empenhada em responder às necessidades colocadas pelo mercado. Assim, está direccionada para melhoria da qualidade do ensino prestado e pretende que o seu plano curricular constitua a resposta às exigências de formação da região, às preferências dos alunos e às qualificações requeridas pelas empresas/organizações locais. Desta forma, a escola tenta munir-se da capacidade de resposta às necessidades do meio envolvente, que garanta a resposta às expectativas dos alunos e a satisfação das necessidades de empresas e organizações locais.

- **Incentivos à prática desportiva**

O Desporto Escolar constituiu uma oportunidade de incentivar os nossos jovens para a actividade desportiva, oferecendo um leque variado de modalidades e dispondo de um corpo docente motivado na formação destes jovens como desportistas e como cidadãos habituados a um estilo de vida salutar. Este trabalho tem vindo a ser bastante promissor, visto que tem criado, entre os alunos, mais “quadros de valor” que qualquer outro tipo de actividade desenvolvida na escola. Para além do referido, pretende-se dar continuidade à promoção da prática desportiva, utilizando o Desporto Escolar como mecanismo de detecção de novos talentos para as diferentes modalidades existentes a nível associativo.

- **Existência de necessidades de formação inicial e contínua**

A exigência do mercado de trabalho e a competitividade imposta pela globalização exige que a formação continua seja definida como estratégia principal na reciclagem de saberes, para que tenhamos uma classe trabalhadora competente, instruída e preparada para os desafios do futuro.

- **Crescente popularização do e-learning**

O aumento da utilização da Internet, pelos professores e alunos, bem como a sua crescente aceitação em meio escolar, colocam-se como uma oportunidade de futuro. Em Portugal, esta oportunidade está pouco explorada, mas o e-learning

poderá constituir uma mais-valia para o dinamismo da aprendizagem, tornando as instituições de ensino mais dinâmicas.

- **Interação entre ciclos de ensino**

Uma eficaz interação entre os ciclos de ensino e, conseqüentemente, entre estabelecimentos de ensino, permite a criação de uma rede cooperativa eficaz, visando essencialmente, o acompanhamento dos alunos no seu percurso escolar. Por outro lado, a prática cooperativa instituída, viabiliza a preparação do aluno para a mudança de estabelecimento de ensino no seio do agrupamento. Desta forma, considerando a integração dos alunos como um dos factores decisivos para o sucesso escolar, é importante viabilizar práticas de ensino resultantes do trabalho conjunto entre professores do agrupamento, de modo a “suavizar” a referida transição entre os ciclos e os estabelecimentos de ensino do agrupamento.

- **Dinamização do espírito de cooperação**

«Agrupar» significa, num contexto de escola, cooperar, criar uma maior amplitude de acção e acompanhamento do percurso escolar dos alunos.

É, desta forma, necessário que a escola apresente, a nível dos Recursos Humanos, um grupo forte de trabalho, motivado para a acção educativa, munido de uma capacidade acrescida de adaptação aos desafios do futuro, com responsabilidade, espírito de iniciativa e de cooperativismo.

As ameaças

- **A conotação associada aos CEF'S e aos cursos profissionais na sociedade Portuguesa**

Os Cursos de Educação e Formação e os cursos profissionais são, usualmente, conotados como uma saída para os alunos cujo insucesso escolar não lhes permite ir mais além nos seus estudos.

- **Redução da atractividade do Ensino Regular**

O panorama actual do mercado de trabalho é responsável pela evolução negativa da atractividade do Ensino Regular em detrimento dos Cursos de Educação e Formação.

- **Risco de representatividade no contexto do novo agrupamento**

Constitui uma ameaça a centralização do núcleo de gestão escolar num único estabelecimento de ensino. Assim, sem uma rede de informação e cooperação eficaz entre os estabelecimentos de ensino do agrupamento, corre-se o risco de afastamento e conseqüente pouca representatividade de um estabelecimento de ensino em particular.

- **Desmotivação ou falta de motivação para o trabalho cooperativo**

O conceito de ajuda é muito vago quanto aos benefícios para quem ajuda. O plano dos benefícios está, desta forma, inclinado para quem beneficia da ajuda e não directamente para o promotor da ajuda. Assim, o termo “entreaajuda” será o mais indicado quando se deseja um benefício global. Salienta-se, por esta razão, que a ajuda deve ser entendida como apenas uma parte do comportamento cooperativo e não o próprio comportamento cooperativo. Este comportamento, por sua vez, difere do comportamento altruísta, que ajuda sem esperar ser ajudado, ou egoísta, que apenas pretende o benefício próprio. O comportamento cooperativo tem mais que ver com a tomada de decisão individual que se aplicará melhor à interacção com os demais, isto é, cooperar é procurar o benefício próprio que seja simultaneamente o benefício do grupo. Para que tal seja possível cada elemento em interacção tem de se sentir motivado para cooperar a fim de obter resultados melhores. Um clima cooperativo tem como premissa o respeito pela individualidade e autonomia de cada um de modo a que pensar individualmente possa ser pensar em grupo e vice-versa.

2.4 – Escola Secundária Dr. Ginestal Machado

História

A 8 de Agosto de 1956 ao abrir o Diário do Governo número 168 podemos ler o Decreto 40725 que começa assim: “*Prossegue o Governo no propósito de tornar mais densa a rede das escolas técnicas, pondo ao alcance de cada vez maior número de famílias meios educativos que assegurem a sua necessária ascensão cultural*”. Continuando a leitura podemos encontrar a seguinte justificação: “*O núcleo populacional correspondente à escola de Santarém é seguramente superior a 60000 habitantes, pois nele devem incluir-se, ao menos parcialmente, os concelhos de Almeirim e de Alpiarça*”. No artigo 1º lemos: “*São criadas quatro escolas técnicas profissionais, a instalar em Espinho, Vila Nova de Famalicão, Guarda e Santarém, com a denominação ... Escola Industrial e Comercial de Santarém*”.

Nasceu nesta data a nossa Escola. Nasceu com os seguintes planos de estudos: Ciclo preparatório; Cursos de formação – serralheiro, formação feminina e geral de comércio.

Na verdade esta história não começa nesta data. Ao longo de duas décadas, várias foram as personalidades, entre as quais Alfredo da Silva Leitão, que tentaram, por um meio ou por outro, a criação de uma escola técnica profissional. No dia 4 de Janeiro de 1935 a Associação Comercial de Santarém apresenta ao Ministro de Instrução Pública uma solicitação para a criação da referida Escola. Os argumentos são vários mas, podemos destacar o seguinte: “*Em Santarém e arrabaldes, a preparação profissional dos indivíduos de ambos os sexos que se destinem a carreiras de indústria ou de comércio, em aulas teóricas, práticas e experimentais, em oficinas e escritórios, tendo na devida atenção as conveniências pedagógicas, aptidões físicas e psíquicas, traria um efeito definitivamente salutar à mocidade ribatejana*”. No entanto, só em 1956 este objectivo é alcançado.

No dia 18 de Janeiro de 1957, iniciam-se as aulas da Escola Industrial e Comercial de Santarém no remodelado edifício dos antigos Paços do Concelho na Praça Visconde Serra do Pilar. Foi primeiro director o Dr. Benjamim José Gonçalves. O corpo docente era composto neste primeiro ano por 8 professores.

Em 15 de Março do mesmo ano, realiza-se a inauguração oficial da escola com a presença Ministro da Educação Nacional, Prof. Leite Pinto. Em 1969 é inaugurado o actual edifício da escola pelo Presidente da República. A construção do edifício inicia-

-se em 23 de Maio de 1967 e conclui-se em Junho de 1969. No “Correio do Ribatejo” refere-se: *“A escola inaugurada situa-se no Planalto do Fau, tendo capacidade para 1200 alunos e custou 21800 contos, dos quais 17000 contos correspondem ao imóvel e 4800 contos ao seu equipamento”*

Na sessão solene, o então director da escola, Eugénio Chambel, refere: *“Constituindo a educação uma das primeiras preocupações do Governo, bem consciente da formação integral que é preciso conceder à juventude, terá, a partir de agora, esta escola, responsabilidades maiores. Dotada de um edifício onde a arquitectura funcional se conjuga com modernos requisitos pedagógicos ela reúne as condições favoráveis para que a formação dos seus jovens alunos seja mais concreta, mais próxima da e da acção.”*

Em 1979, no Diário da República do dia 22 de Novembro, a Portaria nº 608/79 altera a designação da Escola Industrial e Comercial para Escola Secundária de Marvila iniciando assim uma nova política de reestruturação da Educação do após 25 de Abril de 1974. Passados oito anos, a 2 de Abril de 1987, a escola adopta o nome que hoje ostenta: “ESCOLA SECUNDÁRIA DR. GINESTAL MACHADO”.

Desde o ano lectivo de 2001/2002, a escola comemora a 15 de Março, o dia da inauguração oficial da antiga Escola Industrial e Comercial, o DIA da ESCOLA.

Em Agosto de 2010, a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado foi integrada numa nova unidade orgânica de gestão, resultante da fusão com o anterior Agrupamento de Escolas de Mem Ramires; este novo agrupamento de Escolas passou a designar-se, por despacho da DRELVT, por Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado, constituindo a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado a sua sede.

Espaço Físico, Infra-estruturas e Equipamentos

Nos últimos anos, têm vindo a ser feitos esforços no sentido de tornar a escola um local agradável, bem cuidado e atractivo. Depois das remodelações a nível exterior, têm também sido feitas algumas remodelações no interior, nomeadamente nos balneários, instalações sanitárias dos rapazes, sala de convívio dos alunos, papelaria, sala de Direcção de Turma e Centro de Recursos. Assim, aliada à boa imagem visível do exterior a escola possui também espaços interiores agradáveis e acolhedores. Existe, contudo, necessidade de continuar a investir nalguns aspectos, como, por exemplo, nos Laboratórios de Física, Química e Biologia, num espaço físico

para instalação de um Laboratório de Matemática, numa pista de atletismo e no embelezamento de alguns espaços.

Em termos de disponibilidade física para a leccionação a escola possui 24 salas de aula normais e várias salas específicas, sendo elas, 2 Laboratórios de Física/Química, 1 Laboratório de Ciências Físico-Químicas, 2 Laboratórios de Biologia, 1 sala de Religião e Moral, 1 sala de Desenho, 2 salas de Desenho/Geometria Descritiva, 2 Laboratórios de Informática, 1 sala de Administração, 2 sala de TIC, 1 sala para Área de Projecto/Estudo Acompanhado, 1 sala Projecto Crie, 1 Laboratório de Electricidade, 1 Oficina de Electricidade, 1 Oficina de Mecânica, 1 sala Educação Tecnológica/Oficina de Expressão Artística, 2 Oficinas de Artes, 2 Ginásios. Para além destas, acresce ainda o auditório, com computador e projector fixo, que pode também ser utilizado para a leccionação. A escola dispõe ainda de dois campos de jogos.

Para além dos materiais existentes nas salas específicas os professores podem requisitar, na Plataforma GATO, outros materiais tais como retroprojector (existem 2 por cada piso), projector de slides, rádio/leitor de CD, televisão/vídeo, projector de computador (existem 3, sendo um deles do projecto CRIE) e computador portátil (existem 14 portáteis do projecto CRIE). Existem presentemente 4 quadros interactivos, 2 nas salas TIC, 1 na sala 4.5 (sala de aula normal) e um na sala do projecto CRIE (5.7).

Relativamente às restantes salas, a escola possui uma sala para reuniões, um gabinete para cada área disciplinar, a sala de Directores de Turma e a sala de Professores.

O Centro de Recursos recentemente remodelado representa um espaço de cultura e lazer bastante amplo e agradável onde alunos e professores podem consultar e requisitar livros/revistas, ouvir música, aceder à Internet, etc. Os alunos podem também usufruir da sala de convívio e da Associação de Estudantes, para além de todo o espaço exterior.

A escola tem à disposição vários serviços tais como Secretaria, S.A.S.E., Refeitório, Bar, Papelaria e Reprografia. Possui também os Serviços de Psicologia e Orientação que desempenham um importante papel no apoio aos alunos com necessidades educativas especiais, em particular, mas também, de um modo geral, a todos os alunos que necessitem de orientação escolar e profissional. De salientar também o apoio dos Serviços de Psicologia e Orientação à Direcção de Turma.

Corpo Discente

No ano lectivo de 2010/11, frequentavam a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado 1.104 alunos distribuídos por ano como se indica no quadro abaixo. No Ensino Secundário os alunos distribuem-se pelos cursos Científico-Humanísticos e Profissionais.

Quadro 70 – Distribuição do N.º de Alunos da ESGM por Ano de Escolaridade (2010/11)

Ano		N.º Total de alunos
3º Ciclo do Ensino Básico	7º	61
	8º	72
	9º	56
	Ensino Básico	189
Ensino Secundário	10º	217
	11º	262
	12º	212
	CCH – ES	691
Ensino Profissional	10º	74
	11º	73
	12º	77
	CP – EP	224
Total		1.104

Este número reflecte um acréscimo de procura que a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado tem vindo a registar, resultante, fundamentalmente, da consolidação da oferta do ensino profissional.

Corpo Docente

No mesmo ano lectivo de 2010/11, a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado possuía 134 professores, dos quais 92 pertenciam ao quadro de nomeação definitiva da escola (69%).

Quadro 71 – Situação Profissional dos Docentes da ESGM por Grupo de Recrutamento (2010/11)

Grupo Recrutamento	PQND	Destac.	PQZP	Contratado	Total
290	1	0	0	0	1
300	10	0	3	1	14
320	2	0	1	1	4
330	7	0	1	1	9
350	0	0	0	1	1
400	4	0	2	0	6
410	3	1	0	2	6
420	3	1	1	1	6
430	7	0	1	2	10
500	11	0	0	2	13
510	9	0	0	1	10
520	7	1	0	1	9
530	5	0	0	2	7
540	3	0	0	0	3
550	6	4	0	4	14
600	6	1	0	1	8
620	8	0	2	1	11
910	0	0	0	1	1
930	0	0	1	0	1
Total	92	8	12	22	134

De acordo com os dados apurados, a maioria dos docentes possui entre os 40 e os 59 anos de idade (cerca de 73% do total).

Quadro 72 – Distribuição das Idades dos Docentes da ESGM por Grupo de Recrutamento (2009/10)

Idade	Não Responde	Feminino	Masculino	Total
Não Responde	1	2	0	3
20-29	0	5	1	6
30-39	0	18	3	21
40-49	0	33	11	44
50-59	0	26	15	41
>=60	0	2	0	2
Total	1	86	30	117

Corpo Não Docente

Relativamente ao pessoal não docente, no ano lectivo de 2010-11 existiam 39 elementos, dos quais 25 eram assistentes operacionais (auxiliares de acção educativa), 9 eram assistentes técnicos⁹ (administrativos), existindo ainda uma psicóloga.

Pais e Encarregados de Educação

Nesta secção considerou-se uma amostra analisada no Relatório da Auto-Avaliação Interna da Escola, recolhida por amostragem estratificada e sistemática a 20%¹⁰, no ano lectivo 2009/2010. Apresentam-se seguidamente os principais dados.

Quadro 73 – Distribuição dos Pais e Encarregados de Educação da ESGM por Idade e Sexo (2009-10)

Idade	Não Responde	Feminino	Masculino	Total
Não Responde	2	2	2	6
<20	0	2	5	7
20-29	0	0	2	2
30-39	0	27	0	27
40-49	0	100	27	127
50-59	0	21	6	27
>=60	0	1	2	3
Total	2	153	44	199

⁹ Apenas estão incluídos os assistentes operacionais do Ministério da Educação, excluindo-se os assistentes técnicos provenientes do anterior Agrupamento Mem Ramires integrados nos quadros da Câmara Municipal de Santarém (4 assistentes técnicos).

¹⁰ Para o efeito, a estratificação foi efectuada tendo por base o ano de escolaridade a que pertenciam os seus educandos, tendo sido seleccionados em cada turma de quatro em quatro números.

Quadro 74 – Habilitações Literárias dos Pais e Encarregados de Educação da ESGM (2009-10)

Habilitações	Nº Inquiridos	% de Inquiridos
Não Responde	11	5,5
1º Ciclo	10	5,0
2º Ciclo	10	5,0
3º Ciclo	60	30,2
Secundário	42	21,1
Bacharelato / Licenciatura	56	28,1
Mestrado / Doutor	10	5,0
Total	199	100

Quadro 75 – Local de Trabalho e Residência dos Pais e Encarregados de Educação da ESGM (2009-10)

Local de Residência	Local de Trabalho				Total
	Não Responde	Freg. Urbana	Freg. Rural	Outro Concelho	
Não Responde	4	0	0	0	4
Cidade de Santarém	12	88	5	16	121
Outra Freg. Concelho	6	13	22	7	48
Outro Concelho	2	7	0	17	26
Total	24	108	27	40	199

Oferta Educativa

No ano lectivo de 2010-11, a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado possuía um total de 8 turmas do Ensino Básico, 29 turmas dos Cursos Científico-Humanísticos do Ensino Secundário Regular e 12 turmas do Ensino Secundário Profissional; a escola possuía um total de 49 turmas.

Quadro 76 – Nº de Turmas no Ensino Básico da ESGM (2010-11)

Ensino Básico	N.º de Turmas
7º Ano	3
8º Ano	3
9º Ano	2
Total	8

Quadro 77 – N.º de Turmas no Ensino Secundário Regular da ESGM (2010-2011)

Ensino Secundário Regular		N.º de Turmas
Ciências e Tecnologias	10º	4
	11º	5
	12º	5
Ciências Socioeconómicas	10º	1
	11º	1
	12º	1
Línguas e Humanidades	10º	2
	11º	2
	12º	2
Artes Visuais	10º	2
	11º	2
	12º	2
Total		29

Quadro 78 – N.º Turmas no Ensino Secundário Profissional da ESGM (2010-11)

Ensino Secundário Profissional		N.º de Turmas
Técnico de Multimédia	10º	1
	11º	1
Técnico de Manutenção Industrial	10º	1
	11º	1
Técnico de Instalações Eléctricas	10º	1
Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos	10º	1
	11º	1
	12º	2
Técnico de Secretariado	10º	1
	11º	1
	12º	1
Total		2

Resultados Escolares

A análise dos resultados dos alunos tem como objectivo encontrar um conjunto de características dos níveis de desempenho da escola e, sempre que possível, referenciá-los a nível concelhio, distrital e nacional. A disponibilização de informação objectiva é também um dos objectivos da auto-avaliação.

Por parte dos professores, o conhecimento destas informações poderá ser um contributo importante para a cultura de melhoria das suas práticas e, conseqüentemente, do sucesso dos seus alunos.

Assim, iremos apresentar informações sobre vários indicadores de sucesso para o Ensino Básico e Ensino Secundário, entre eles, a Taxa de Abandono (TA) e Taxa de Transição (TT)¹¹ cujas fórmulas de cálculos são respectivamente:

$$TA = \frac{n^{\circ} \text{ de alunos que anularam a matrícula ou que foram excluídos por faltas}}{n^{\circ} \text{ de alunos matriculados}} \times 100$$

$$e \quad TT = \frac{n^{\circ} \text{ de alunos que transitaram de ano}}{n^{\circ} \text{ de alunos matriculados}} \times 100$$

Por outro lado, desde 2005, o Júri Nacional de Exames disponibiliza em ficheiros de bases de dados (MDB) do ENEB, as classificações homologadas dos exames nacionais do 3º Ciclo do Ensino Básico (Língua Portuguesa e Matemática) e desde 2002, as bases de dados do ENES com as classificações homologadas dos exames nacionais do Ensino Secundário.

As classificações são homologadas sob anonimato, no sentido em que não é possível conhecer a identidade dos alunos a que correspondem as classificações. No entanto, o sistema de informação traz associado a cada número convencional diversos elementos que, não pondo em risco o anonimato, permitem elaborar estatísticas detalhadas.

Na elaboração de estatísticas por escola, concelho, distrito e nacional apenas foram considerados os alunos internos, ou seja, os alunos que fazem o seu percurso escolar normal. A razão para esta escolha é que não faz sentido imputar a uma escola

¹¹ Para o efeito, a estratificação foi efectuada tendo por base o ano de escolaridade a que pertenciam os seus educandos, tendo sido seleccionados em cada turma de quatro em quatro números.

qualquer responsabilidade por resultados de exames de alunos que nunca frequentaram a escola. Por outro lado, também foram excluídos deste estudo os alunos que, embora frequentando a escola, são autopropostos por terem reprovado na frequência ou anulado a matrícula. Estes alunos representam uma parcela ínfima relativamente aos alunos internos.

Passados seis (3º ciclo) e nove (Secundário) anos sobre as primeiras publicações das classificações dos exames, estes ficheiros são hoje um instrumento de trabalho nas escolas e de informação para professores, alunos, encarregados de educação e restante comunidade educativa. Quando são encarados como um estímulo à excelência, ajudam a melhorar o ensino e as aprendizagens e tornam-nos, a todos, mais exigentes.

Ensino Básico

Uma abordagem relevante dos resultados escolares prende-se com a análise das Taxas de Transição e de Abandono para os últimos cinco anos lectivos na escola, assim como dos resultados das diferentes disciplinas e áreas curriculares não disciplinares, salientando os resultados dos exames nacionais nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática.

Taxas de Transição e Abandono

Pela análise das Taxas de Transição (7º, 8º e 9º Anos) verificadas nos últimos cinco anos, constatamos que, tirando os anos de 2005-2006 a 2007-2008 no 7º ano, estas estão sempre acima dos 95%. No caso da Taxa de Transição do Ensino Básico desde 2006-2007 que tem vindo a subir, atingindo o máximo em 2009-2010 com 97,06%.

Analisando as taxas de abandono escolar nos últimos cinco anos, verificámos que estas tiveram um comportamento irregular, sendo, no entanto, bastante reduzidas.

Quadro 79 – Taxas de Transição e de Abandono no Ensino Básico da ESGM

	Ano	2005/2006	2006/2007	2007/2008	2008/2009	2009/2010
Taxa de Transição (%)	7º	93,2	86,8	93,9	97,8	95,6
	8º	96,4	95,5	96,7	97,9	98,2
	9º	98,2	98,2	95,7	95,1	97,9
	E.B.	95,88	94,74	95,56	96,77	97,06
Taxa de Abandono (%)	7º	6,2	0,0	0,0	4,0	0,0
	8º	1,7	1,5	1,6	0,0	0,0
	9º	3,4	3,6	0,0	4,8	0,0
	E.B.	3,95	1,55	0,55	3,13	0,00

Figura 4 – Evolução da Taxa de Transição no Ensino Básico da ESGM (%)

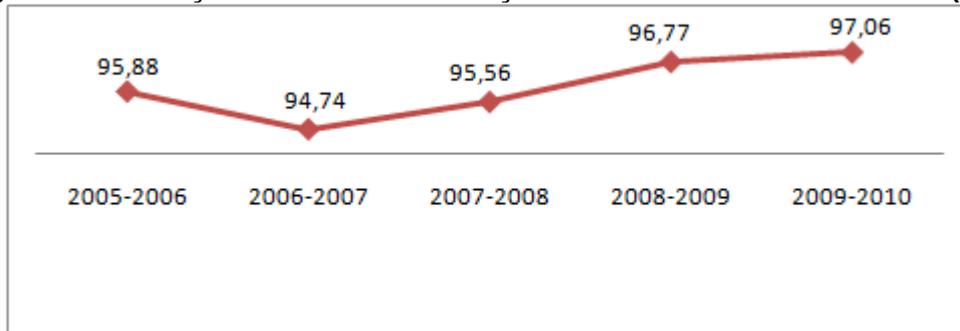


Figura 5 – Evolução da Taxa de Abandono no Ensino Básico da ESGM (%)

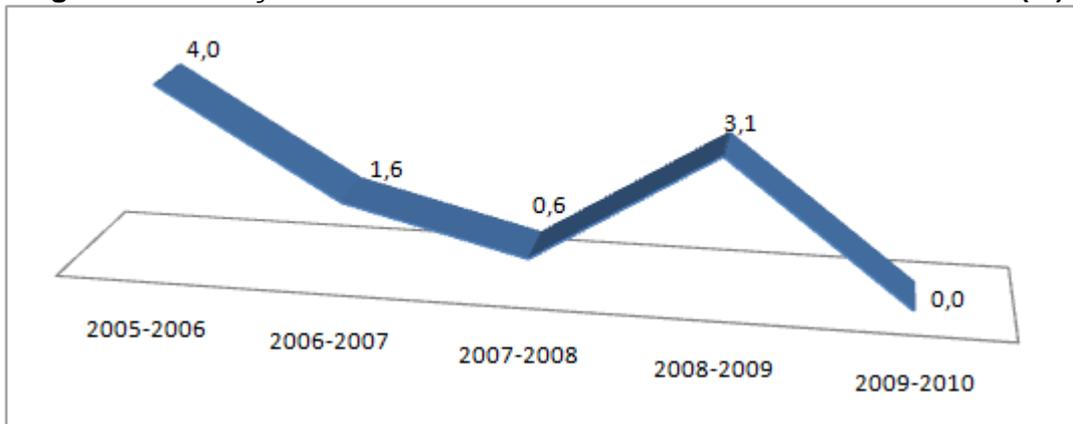


Figura 6 – Taxa de Transição no Ensino Básico da ESGM (%)

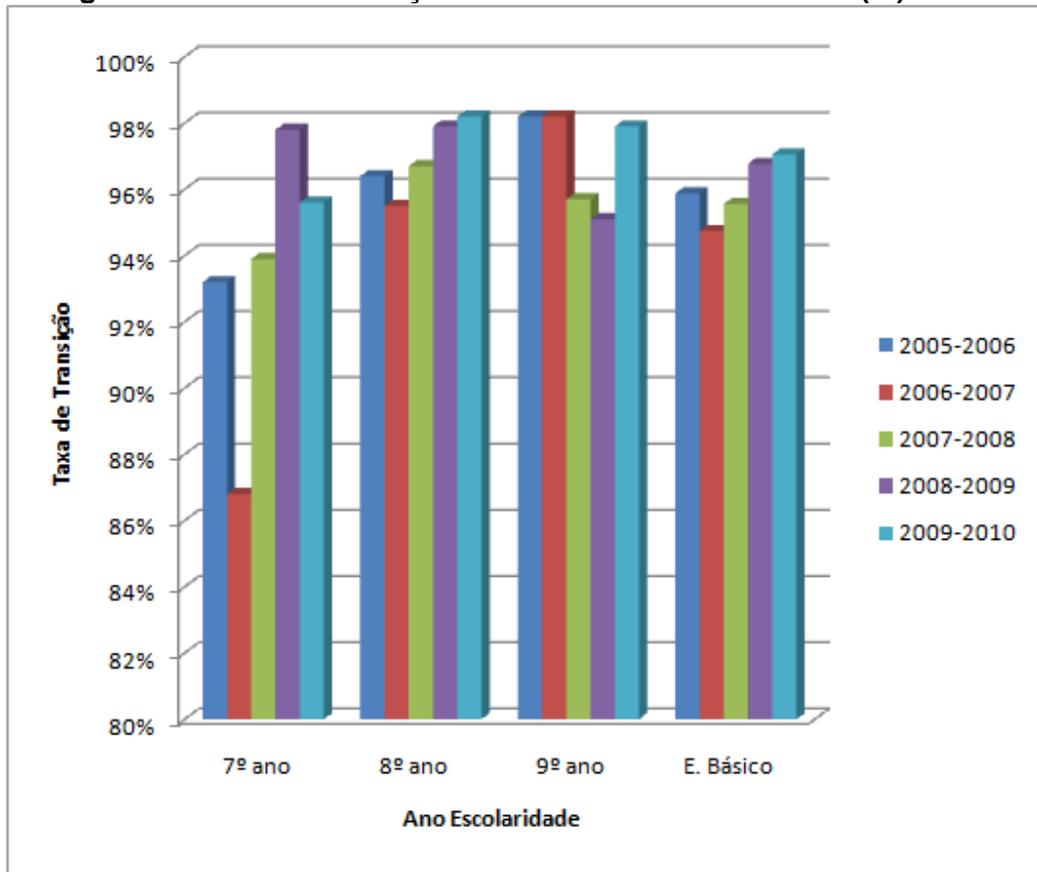
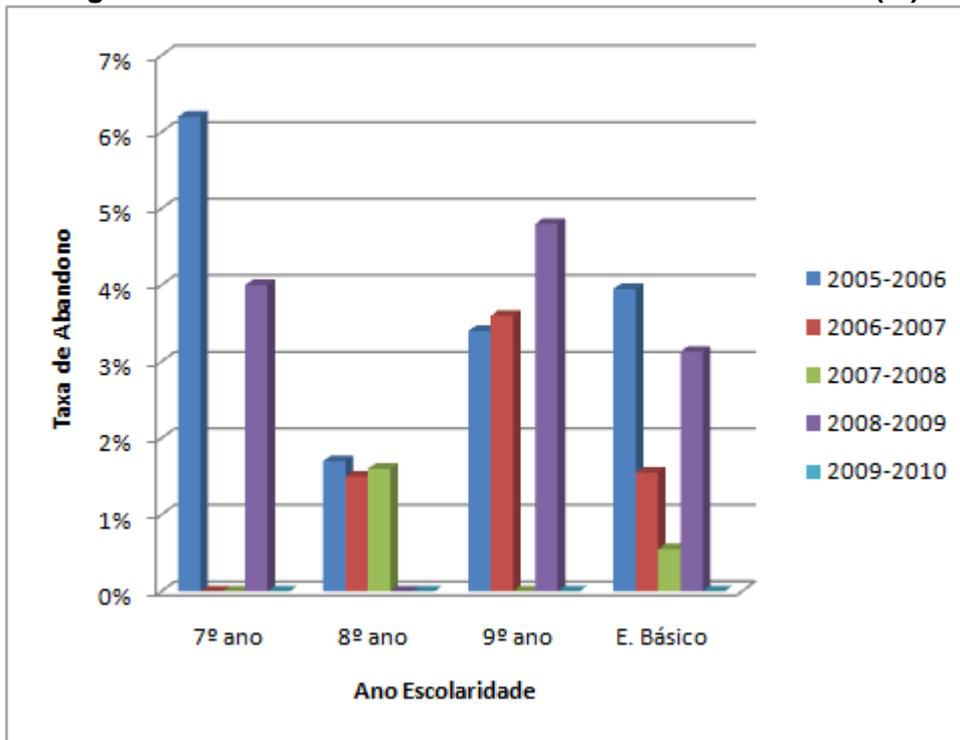


Figura 7 – Taxa de Abandono no Ensino Básico da ESGM (%)



Resultados Escolares por Disciplinas

Apresenta-se, em seguida, uma análise dos resultados obtidos nas diferentes Disciplinas e Áreas Curriculares Não Disciplinares do Ensino Básico nos dois últimos anos lectivos.

Deste modo, e tendo em consideração, a análise do quadro seguinte é possível efectuar a seguinte observação:

- As classificações médias das diferentes disciplinas foram sempre superiores a três. A média geral do 9º ano foi superior a quatro em 2009/2010.

Quadro 80 – Resultados Obtidos nas Disciplinas e Áreas Curriculares Não Disciplinares – Ensino Básico da ESGM (2008/2009 A 2009/2010)

	2008/2009			2009/2010		
	7ºano	8ºano	9ºano	7ºano	8ºano	9ºano
L. Portuguesa	3,52	3,60	3,41	3,75	3,72	3,40
Inglês	3,79	3,73	3,75	3,47	3,96	3,73
Francês	3,83	3,83	3,44	3,51	3,54	3,35
Matemática	3,31	3,52	3,34	2,97	3,13	3,48
F. Química	3,69	3,94	3,73	3,50	3,89	3,60
C. Naturais	3,77	4,44	3,73	3,51	3,91	4,27
História	3,60	3,75	3,45	4,03	3,65	4,17
Geografia	3,42	3,92	3,63	3,72	3,61	4,33
Ed. Visual	3,50	4,10	3,77	3,79	3,83	3,91
Ed. Física	3,79	4,00	3,84	4,10	4,30	4,29
Ed. Technol.	3,79	3,98	-	4,34	4,37	4,46
Of. Exp. Art.	3,96	4,08	-	4,24	4,33	-
ITIC	-	-	3,97	-	-	4,35
Ed. Moral	4,82	3,35	4,63	4,87	4,83	4,86
Área Projecto	SB	SB	SB	SB	SB	SB
E. Acomp.	SB	SB	SB	S	S	SB
F. Cívica	SB	SB	SB	SB	SB	SB
GERAL	3,75	3,86	3,54	3,83	3,93	4,02

Relativamente às Áreas Curriculares Não Disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado e Formação Cívica), foram consideradas as modas das classificações obtidas.

Resultados dos Exames Nacionais do 3º Ciclo do Ensino Básico

Nesta análise estatística foram tidas em conta as médias das classificações de frequência (CF) e as médias das classificações obtidas nos exames (CE), nos anos compreendidos entre 2006 e 2010 (inclusive).

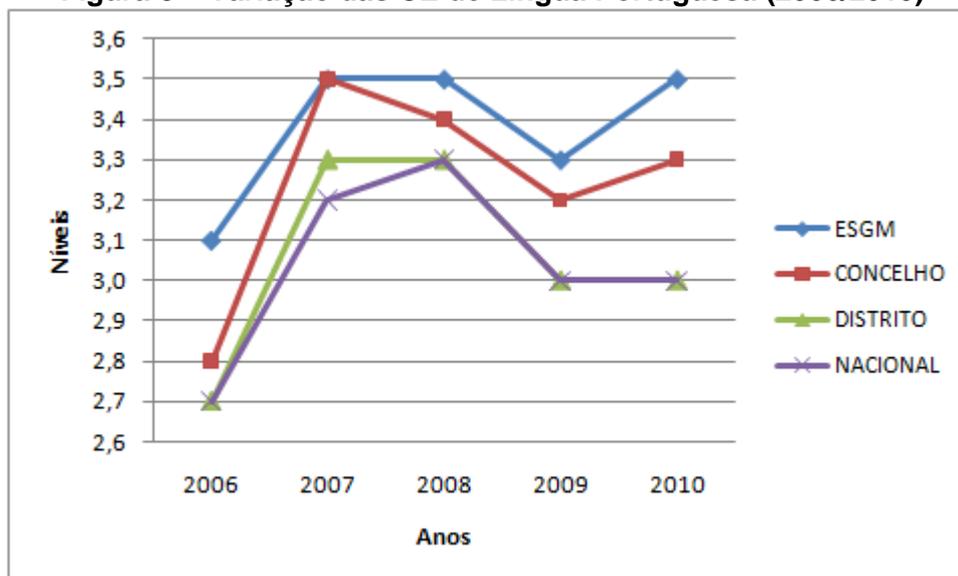
Língua Portuguesa

É de referir que as CE da nossa escola estiveram sempre acima dos resultados do concelho (excepto no ano de 2007 em que forma iguais) e muito acima dos resultados do distrito e nacional que são semelhantes. Em 2010, não houve alteração nas CE a nível distrital nem nacional em relação a 2009. No entanto as CE do concelho subiram uma décima e as CE da ESGM subiram duas décimas.

Quadro 81 – Número de exames e médias das CF e CE de Língua Portuguesa (2006/2010)

Ano	ESGM			Concelho			Distrito			Nacional		
	Nº Exames	CF	CE									
2006	54	3,7	3,1	471	3,2	2,8	3737	3,2	2,7	88990	3,2	2,7
2007	55	3,6	3,5	516	3,3	3,5	3811	3,3	3,3	90804	3,2	3,2
2008	65	3,4	3,5	505	3,3	3,4	3683	3,3	3,3	89734	3,3	3,3
2009	60	3,6	3,3	470	3,4	3,2	3581	3,3	3,0	85445	3,3	3,0
2010	46	3,4	3,5	443	3,3	3,3	3462	3,2	3,0	83843	3,3	3,0

Figura 8 – Variação das CE de Língua Portuguesa (2006/2010)



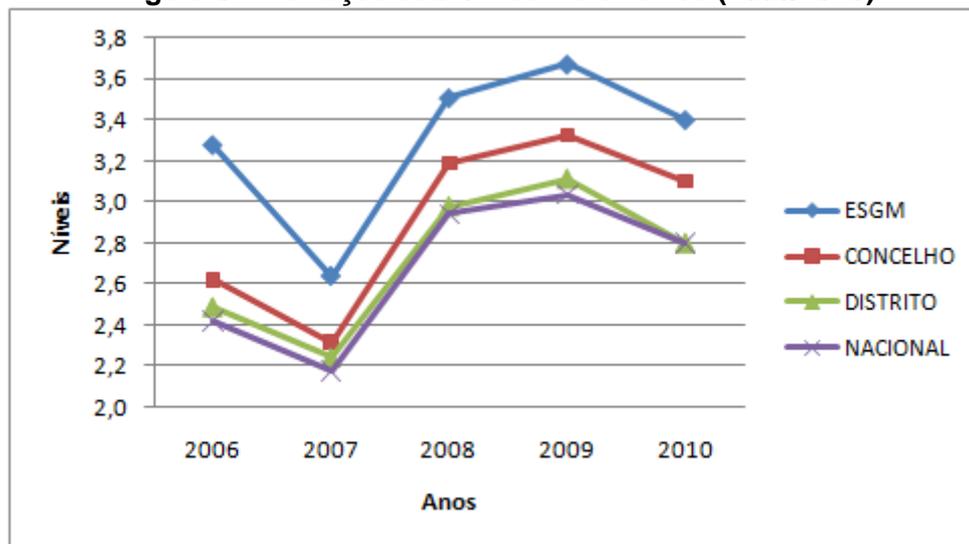
Matemática

Podemos referir que as CE da nossa escola foram sempre bastante superiores em comparação com os resultados do concelho, do distrito e nacional.

Quadro 82 – Número de exames e médias das CF e CE de Matemática (2006/2010)

Ano	ESGM			Concelho			Distrito			Nacional		
	Nº Exames	CF	CE									
2006	54	3,4	3,3	469	3,1	2,6	3724	3,0	2,5	88896	3,0	2,4
2007	55	3,3	2,6	516	3,2	2,3	3811	3,1	2,2	90688	3,1	2,2
2008	67	3,3	3,5	507	3,1	3,2	3691	3,1	3,0	90179	3,1	2,9
2009	61	3,5	3,7	475	3,3	3,3	3609	3,2	3,1	86031	3,2	3,0
2010	47	3,5	3,4	445	3,2	3,1	3486	3,2	2,8	84584	3,2	2,8

Figura 9 – Variação das CE de Matemática (2006/2010)



Conclusões: A partir das análises feitas com base nos quadros e figuras apresentados, podem-se estabelecer algumas considerações em relação à “prestação da ESGM” nos exames nacionais do 3º ciclo do ensino básico:

As CE da ESGM quando comparadas com as CE do concelho, distrito e nacionais são sempre superiores, tanto na Língua Portuguesa como na Matemática. As CE vão sendo cada vez mais baixas à medida que se alarga a área geográfica.

Ensino Secundário

Taxas de Transição e Abandono

A Taxa de Transição do Ensino Secundário que vinha a aumentar gradualmente desde 20065/2006 sofreu uma queda acentuada no último ano.

No que diz respeito à Taxa de Abandono, verifica-se que tem vindo a diminuir, sendo os seus valores bastante reduzidos.

Quadro 83 – Taxa de Transição do Ensino Secundário da ESGM (%)

Ano	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
10º	83,9	90,4	89,7	83,9	86,2
11º	87,3	88,1	89,7	96,9	86,2
12º	50,9	63,6	68,7	92,8	70,3
Ens. Secundário	81,6	85,7	90,4	93,1	82,5

Figura 10 – Taxa de Transição no Ensino Secundário da ESGM (%)

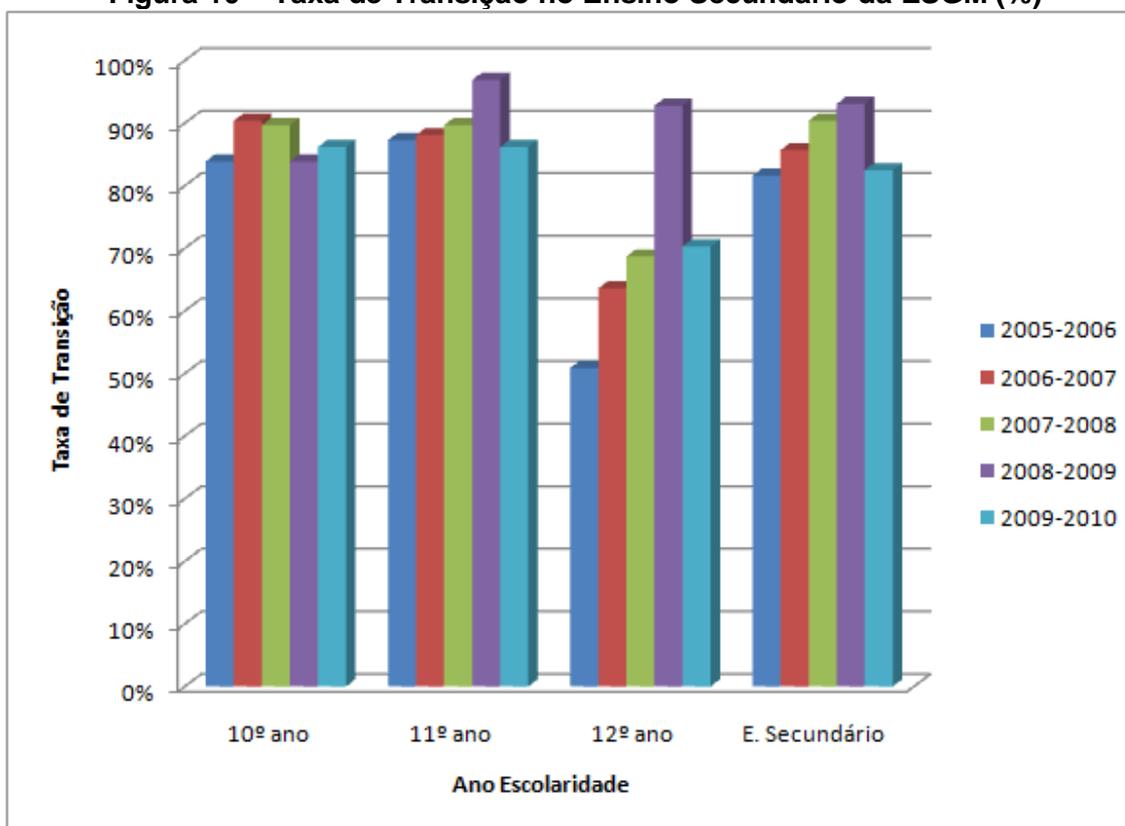
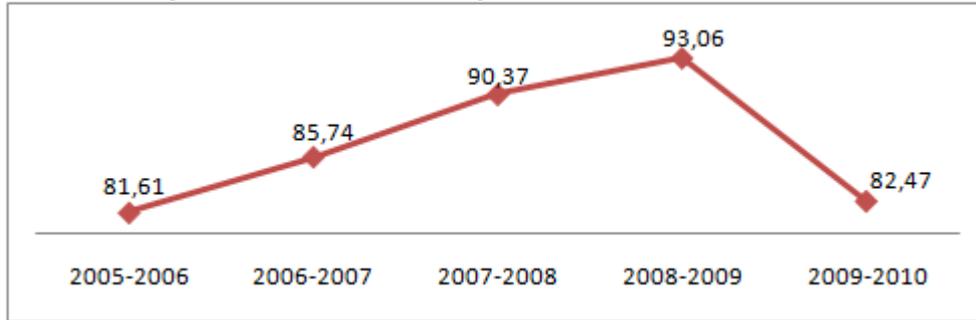


Figura 11 – Evolução da Taxa de Transição no Ensino Secundário da ESGM (%)



Quadro 84 – Taxa de Abandono do Ensino Secundário da ESGM(%)

Ano	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
10º	12,8	7,2	8,6	3,1	3,6
11º	5,9	8,4	9,0	5,6	3,6
12º	14,7	6,1	5,9	4,0	2,9
Ens. Secundário	11,4	7,2	8,0	4,6	2,7

Figura 12 – Taxa de Abandono no Ensino Secundário da ESGM (%)

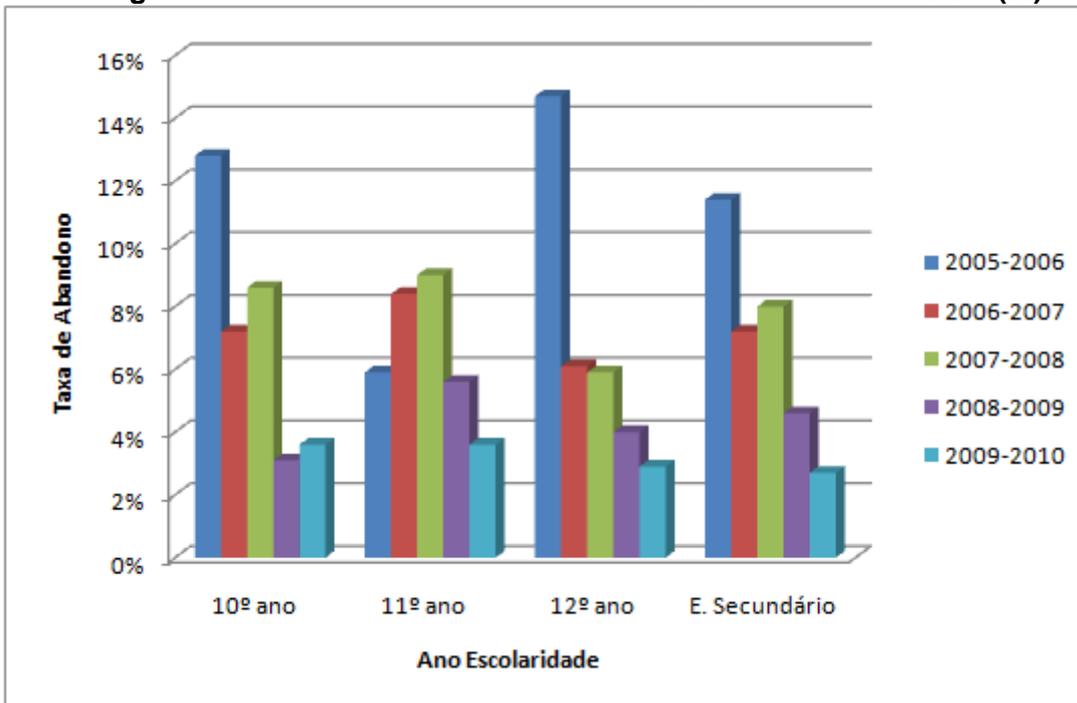
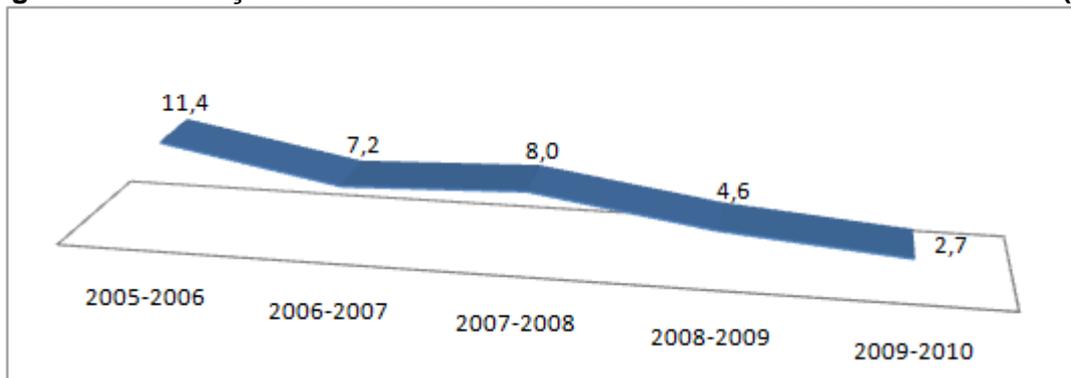


Figura 13 – Evolução da Taxa de Abandono no Ensino Secundário da ESGM (%)

Resultados Escolares por Disciplinas

À semelhança do que foi feito para o Ensino Básico, no Ensino Secundário também foram analisadas as classificações obtidas nas diferentes disciplinas nos dois últimos anos lectivos.

Quadro 85 – Resultados Obtidos nas Disciplinas do Ensino Secundário Abrangidas pelo DL Nº 74/2004 na ESGM (2008/2009 A 2009/2010)

	2008/2009			2009/2010		
	10ºano	11ºano	12ºano	10ºano	11ºano	12ºano
Português	13,35	13,15	13,09	12,98	12,78	13,06
Inglês (Cont.)	13,09	14,68	-	13,60	14,08	-
Francês (Inic.)	-	-	-	11,07	13,00	-
Francês (Cont.)	11,56	13,31	-	12,57	19,36	-
Filosofia	12,06	12,79	-	12,26	13,31	-
Ed. Física	14,39	15,53	15,66	15,13	15,50	15,60
Matemática A	11,51	13,20	13,80	11,41	11,49	13,20
Bio. e Geo.	13,20	13,29	-	13,91	13,16	-
F. Química A	12,14	11,25	-	11,39	11,95	-
Desenho A	15,59	14,52	14,55	14,13	16,00	14,48
Geo. D. A	12,61	13,95	15,86	12,28	13,79	-
Matemática B	11,19	13,63	-	9,79	13,00	-
H. C. Artes	10,63	11,22	11,89	10,32	12,69	-
Economia A	12,76	14,38	-	15,07	12,69	-
Geografia A	11,74	13,22	-	13,74	12,00	-
História A	12,00	12,57	13,04	12,18	11,81	12,91
MACS	13,13	12,27	-	12,54	11,41	-
E.M.R.	17,05	16,17	-	18,11	17,22	-

Quadro 86 – Resultados Obtidos nas Disciplinas Anuais do Ensino Secundário Abrangidas pelo DL Nº 74/2004 (2008/2009 A 2009/2010)

	2008/2009	2009/2010
	12ºano	12ºano
Biologia	17,05	15,89
Química	-	13,15
Física	16,48	16,55
Oficina Artes	15,25	13,95
Economia C	-	14,55
Geografia C	13,82	13,37
Psicologia B	15,22	14,94
Sociologia	-	12,77
Área Projecto	17,58	16,77
Oficina Multimédia	-	15,95

Resultados dos Exames Nacionais do Ensino Secundário

O distrito de Santarém está dividido em 21 concelhos. Nesta análise estatística, foram tidas em conta as médias das classificações internas de frequência (CIF) e as médias das classificações obtidas nos exames (CE) no último ano (2009/2010).

Os exames contemplados neste estudo foram:

1) Os das disciplinas terminais do 11º ano (sujeitos a exames nacionais) dos Cursos Científico Humanísticos:

- Biologia e Geologia (702) e Física e Química A (715) – Ciências e Tecnologias
- Geometria Descritiva A (708), História da Cultura e das Artes (724) e Matemática B (735) – Artes Visuais
- Economia (712) e Geografia (719) – Ciências Socioeconómicas
- Geografia (719) e MACS (835) – Línguas e Humanidades

2) Os das disciplinas terminais do 12º ano (sujeitos a exames nacionais) dos Cursos Científico Humanísticos:

- Português (639) – Todos os Cursos
- Matemática A (635) – Ciências e Tecnologias e Ciências Socioeconómicas
- Desenho A (706) – Artes Visuais
- História A (623) – Línguas e Humanidades

Em alguns exames, as CIF e CE da ESGM coincidem com as do concelho, pelo facto dos exames se realizarem apenas na ESGM.

Ao compararmos a CIF com a CE não nos podemos esquecer que as CIF resultam dos Critérios de Avaliação que contemplam as Atitudes e Valores, o que não acontece nas CE. Além disso, a CIF é o resultado da média de dois ou três anos de avaliação consoante as disciplinas.

Quadro 87 – Número de exames e médias CIF e CE dos exames nacionais do Ensino Secundário (2009/ 2010)

Cód. Disc.	ESGM			Concelho			Distrito			Nacional		
	Nº Exames	CIF	CE									
Biologia e Geologia	123	14,5	10,6	200	14,2	10,2	1706	13,7	9,7	39615	13,7	9,8
Física e Química A	143	13,5	9,3	234	13,3	9,0	1881	12,8	8,4	44199	12,8	8,7
Geometria Descritiva A	58	15,2	11,7	58	15,2	11,7	372	14,1	9,6	8637	14,1	9,3
História e Cultura das Artes	15	12,4	13,6	15	12,4	13,6	98	13,0	11,7	2796	13,1	11,0
Matemática B	15	12,5	11,6	15	12,5	11,6	81	13,3	11,4	2182	13,0	10,9
Economia A	9	14,2	10,7	34	14,0	11,2	225	13,8	11,2	6180	13,6	11,2
Geografia A	66	12,4	11,1	114	13,1	11,3	714	13,4	11,2	17131	13,2	11,0
Matemática Aplicada às Ciências Sociais	46	12,2	10,5	62	12,8	10,7	438	13,0	10,4	8740	13,0	10,7
Português	236	13,4	11,3	380	13,8	11,6	2621	13,7	11,5	60799	13,5	10,8
Matemática A	127	12,9	12,9	253	12,9	11,9	1750	13,0	11,6	37773	13,1	11,6
Desenho A	23	14,3	14,9	23	14,3	14,9	193	15,7	13,7	5069	15,2	12,6
História A	39	12,9	12,8	54	12,6	12,6	499	13,1	11,3	12581	13,0	11,9

Conclusão: A partir da análise feita com base neste quadro podemos constatar que, no ano lectivo 2009/2010, as CE da ESGM quando comparadas com as CE do concelho, distrito e nacionais são superiores na maioria das disciplinas.

Ensino Secundário Profissional

Em 2007/2008, tiveram início na ESGM quatro cursos profissionais de nível secundário (Frio, Electricidade, Informática e Secretariado) que terminaram em 2009/2010.

A análise dos indicadores estatísticos dos cursos profissionais, tendo em conta a sua especificidade, foi efectuada por ciclo de curso e não por ano de escolaridade. Os indicadores estatísticos analisados foram a Taxa de Abandono (TA) e Taxa de Conclusão (TC), cujas fórmulas de cálculos são as seguintes:

$$TA = \frac{n^{\circ} \text{ de alunos que anularam a matrícula ou que foram excluídos por faltas durante os três anos do curso}}{n^{\circ} \text{ de alunos que constituem o curso em 31 de Dezembro do 1}^{\circ} \text{ ano do curso}} \times 100$$

$$TC = \frac{n^{\circ} \text{ de alunos que concluíram o curso na última reunião de avaliação do 3}^{\circ} \text{ ano do curso}}{n^{\circ} \text{ de alunos que constituem o curso em 31 de Dezembro do 1}^{\circ} \text{ ano do curso}} \times 100$$

Triénio 2007/2010

Quadro 88 – Número de Matrículas e Abandonos nos Cursos Profissionais

Ano	Frio		Electricidade		Informática		Secretariado	
	Matrículas	Abandono	Matrículas	Abandono	Matrículas	Abandono	Matrículas	Abandono
2007/2008	11	1	15	4	29	1	21	6
2008/2009	10	1	11	1	28	2	15	0
2009/2010	9	0	13	0	26	0	17	0
Nº de alunos que concluíram o curso	8		6 (3 do triénio anterior)		15		8 (1 do triénio anterior)	

Quadro 89 – Taxas de Conclusão e Abandono dos Cursos Profissionais (%)

Curso	Frio		Electricidade		Informática		Secretariado	
	Conclusão	Abandono	Conclusão	Abandono	Conclusão	Abandono	Conclusão	Abandono
Taxa	72,7	18,2	40	33,3	51,7	10,3	38,1	28,6

Podemos constatar que estes cursos têm uma Taxa de Conclusão heterogénea, chegando a ser de 72,7% no Curso Profissional de Frio e de 38,1% no Curso Profissional de Secretariado.

Relativamente à Taxa de Abandono, esta atinge valores bastante consideráveis nestes cursos, sendo nos Cursos Profissionais de Electricidade e de Secretariado, que atinge os valores mais elevados, 33,3% e 28,6%, respectivamente.

Figura 14 – Taxas de Conclusão e Abandono dos Cursos Profissionais (%)

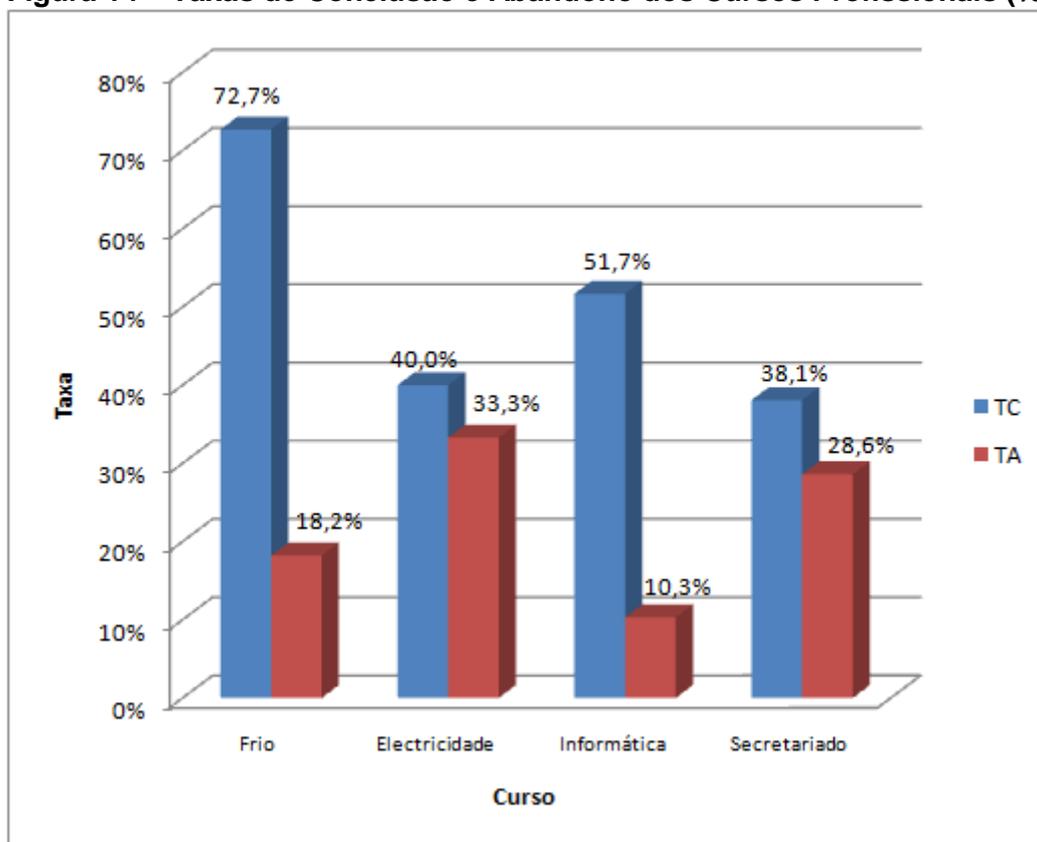
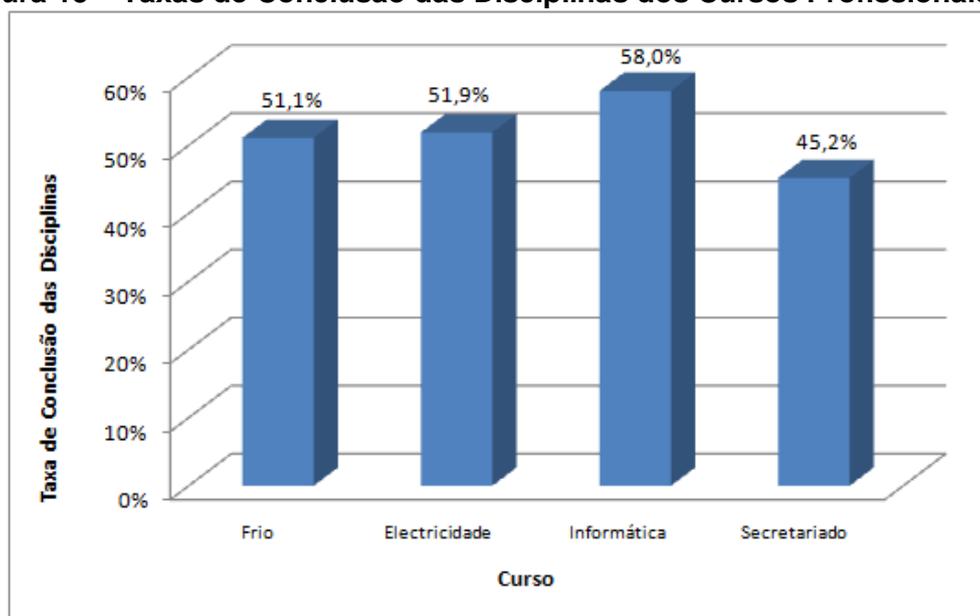


Figura 15 – Taxas de Conclusão das Disciplinas dos Cursos Profissionais (%)



Quadro 90 – Médias dos Resultados obtidos nas disciplinas dos Cursos Profissionais

Disciplina	Média
Português	12,33
Inglês	13,24
Área de Integração	12,35
Educação Física	14,26
Tecnologias de Informação e Comunicação	13,49
Matemática	12,07
Física e Química (Todos os Cursos Excepto Secretariado)	14,46
Tecnologias e Processos (Frio e Climatização)	12,00
Organização Industrial (Frio e Climatização)	12,11
Desenho Técnico (Frio e Climatização)	12,44
Práticas Oficinas (Frio e Climatização)	12,89
Electricidade e Electrónica (Instalações Eléctricas)	12,17
Tecnologias Aplicadas (Instalações Eléctricas)	12,33
Desenho Esquemático (Instalações Eléctricas)	12,33
Práticas Oficinas (Instalações Eléctricas)	13,50
Sistemas Operativos (P. G. Sistemas Informáticos)	15,17
Arquitectura de Computadores (P. G. Sistemas Informáticos)	13,08
Redes de Comunicação (P. G. Sistemas Informáticos)	13,16
Programação e Sistemas de Informação (P. G. Sistemas Informáticos)	-
Psicologia e Sociologia (Secretariado)	14,75
Economia (Secretariado)	11,92
Técnicas de Secretariado (Secretariado)	13,27
Francês (Secretariado)	11,57
Legislação Comercial, Fiscal e Laboral (Secretariado)	11,53
Técnicas de Cálculo e Contabilidade (Secretariado)	13,00
F.C.T (Formação em Contexto de Trabalho)	16,41
P.A.P (Prova de Aptidão Profissional)	15,43

Como se pode verificar, as médias mais elevadas são obtidas nas disciplinas de componente prática, F.C.T e P.A.P com médias de 16,41 e 15,43.

Síntese dos Pontos Fortes e Fracos

Apresenta-se, de seguida, a síntese dos pontos fortes e fracos, da Escola Secundária Dr. Ginestal Machado, tendo por base o processo de auto-avaliação desenvolvido durante o ano lectivo de 2009/10.

Quadro 91 – Pontos Fortes e Pontos Fracos Por Domínios

DOMÍNIOS AVALIADOS	PRINCIPAIS PONTOS FORTES	PRINCIPAIS PONTOS FRACOS
<p>ANÁLISE DOS RESULTADOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • médias nos Exames Nacionais do 3º Ciclo do Ensino Básico acima das médias concelhia, distrital e nacional • médias nos Exames Nacionais do Ensino Secundário acima das médias concelhia, distrital e nacional, na generalidade das disciplinas • taxas de abandono (residuais) • disciplina na escola • intervenção da Direcção em questões comportamentais • existência de uma Equipa de Gestão de Conflitos 	<ul style="list-style-type: none"> • análise dos progressos nas aprendizagens e dos resultados escolares ao nível da avaliação interna e por comparação com os resultados divulgados a nível nacional • diferenças acentuadas entre CIF e CE, em algumas disciplinas • abandono escolar nos Cursos Profissionais • inexistência de uma estratégia global no âmbito da promoção dos objectivos do domínio afectivo, nomeadamente a educação para os valores, convivência democrática e cidadania • disciplina na sala de aula • desinteresse e absentismo de alguns alunos
<p>PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • qualidade da prática lectiva • grau de exigência • formação científica e pedagógica dos professores • relacionamento entre todos os elementos da Comunidade Educativa • oferta educativa diversificada, com ênfase no Ensino Profissional • qualidade dos meios físicos e humanos afectos à Formação Profissional • estratégias e mecanismos do ensino prestado aos alunos com necessidades educativas especiais e dificuldades de aprendizagem • disponibilidade do SPO na resposta às necessidades da Comunidade Educativa • apoio pedagógico e SOS para alunos com dificuldades 	<ul style="list-style-type: none"> • trabalho conjunto ao nível das diferentes estruturas e ao nível da prática pedagógica • burocratização do trabalho pedagógico em detrimento da prática lectiva • dinâmica das estruturas de orientação educativa, em particular dos Departamentos • excessiva utilização de métodos expositivos e reduzida utilização de meios audiovisuais e de TIC • estratégias e mecanismos do ensino prestado aos alunos com capacidades e aptidões excepcionais

DOMÍNIOS AVALIADOS	PRINCIPAIS PONTOS FORTES	PRINCIPAIS PONTOS FRACOS
<p>ORGANIZAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR</p>	<ul style="list-style-type: none"> • imagem da escola • organização da escola • conhecimento e aplicação das normas e regulamentos da escola • valorização da continuidade pedagógica • horário escolar dos alunos • gestão da atribuição de tempos não lectivos à Direcção de Turma • incentivo à participação dos encarregados de educação e instituições da comunidade no contexto da vida escolar • atendimento pelos órgãos da escola aos Pais e Encarregados de Educação • infra-estruturas e equipamentos escolares (biblioteca/centro de recursos e equipamento informático) 	<ul style="list-style-type: none"> • número de alunos por turma • actividades de ocupação dos tempos escolares em situação de ausência do professor • dinâmica de clubes e alguns projectos de complemento e enriquecimento curricular • fraco envolvimento e participação dos Pais e Encarregados de Educação nas actividades da escola • número e qualificação/especialização do pessoal não docente • horários dos serviços • funcionamento do bar e refeitório • infra-estruturas e equipamentos escolares (balneários, laboratórios e respectivo equipamento, climatização, mobiliário e iluminação dos quadros das salas de aula) • espaço destinados a algumas estruturas • adaptação do espaço escolar às necessidades dos alunos com deficiência visual • aplicações informáticas de apoio à organização e gestão escolar • tecnologias de apoio à Educação Especial, principalmente, no âmbito da deficiência visual
<p>LIDERANÇA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • imagem da Escola • liderança forte • adequação e pertinência da oferta formativa • dinâmica relacional da Escola (capacidades de integração e articulação com o exterior) • incentivo a protocolos/parcerias com instituições de âmbito educativo, social e empresarial • articulação entre Directores de Turma e Direcção • recurso às novas tecnologias da comunicação • abertura a experiências inovadoras 	<ul style="list-style-type: none"> • mecanismos de reconhecimento do desempenho • insuficiente cultura de partilha de liderança sobretudo numa lógica de fomento de lideranças intermédias (falta de autonomia das estruturas intermédias) • o Conselho Pedagógico surge como ponto de partida e não como ponto de chegada • participação dos Pais e Encarregados de Educação nas actividades desenvolvidas pela respectiva Associação • reduzido número de equipas de trabalho na vertente técnico-pedagógica com capacidade de liderança e de tomada de decisões

DOMÍNIOS AVALIADOS	PRINCIPAIS PONTOS FORTES	PRINCIPAIS PONTOS FRACOS
<p>CAPACIDADE DE AUTO-REGULAÇÃO E MELHORIA DA ESCOLA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • avaliação sistemática de actividades e desempenhos através de relatórios • definição de estruturas e estratégias promotoras da avaliação interna • abertura a sugestões de diversos âmbitos 	<ul style="list-style-type: none"> • divulgação dos resultados escolares • definição de planos de acção • aplicação de estratégias de melhoria • monitorização dos principais instrumentos de autonomia da escola (Projecto Educativo, Plano Anual de Actividades, etc...)

CAPÍTULO 3 – MISSÃO E OBJECTIVOS DO AGRUPAMENTO

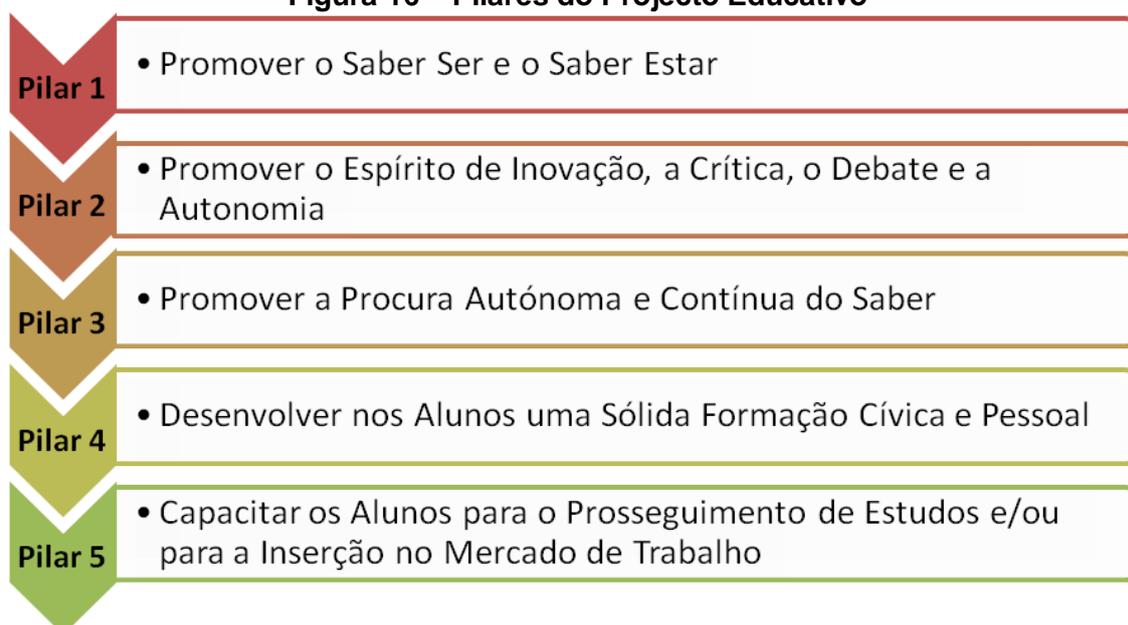
3.1 – A Missão e a Visão do Agrupamento

A ESCOLA tem como **Visão** o desenvolvimento de uma organização orientada para a excelência, o optimismo e o sucesso. Para atingir estes patamares, baseia todo o seu trabalho no sentido da cooperação, partilha e inovação, tendo sempre em conta a realidade local.

A **Missão** do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado está suportada por cinco pilares fundamentais:

1. Promover um percurso de formação que fomente os laços afectivos que permitam uma maior coesão social, baseada no saber SER e no saber ESTAR.
2. Promover o espírito de inovação, permitindo a investigação, a crítica e o debate e a autonomia.
3. Capacitar os alunos de mecanismos que proporcionem a procura autónoma e continua do saber
4. Desenvolver nos alunos atitudes que revelem uma sólida formação cívica e pessoal
5. Capacitar os alunos para o prosseguimento de estudos e/ou para a inserção no mercado do trabalho

Figura 16 – Pilares do Projecto Educativo



Tendo por base o trabalho desenvolvido anteriormente nos processos de auto-avaliação do Agrupamento de Escolas de Mem Ramires e da Escola Secundária Dr. Ginestal Machado e, ainda, tendo por base os principais pontos fortes e pontos fracos, identificam-se cinco eixos prioritários de desenvolvimento para o novo Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado”

Estes eixos procuram, a um tempo, desenvolver e consolidar os principais pontos fortes e, a outro, atenuar e ultrapassar os principais pontos fracos detectados.

O primeiro eixo procura **mobilizar / envolver os membros da Comunidade Educativa**, por forma a criar uma cultura de concertação e de mobilização dos diversos elementos da comunidade na vida do agrupamento.

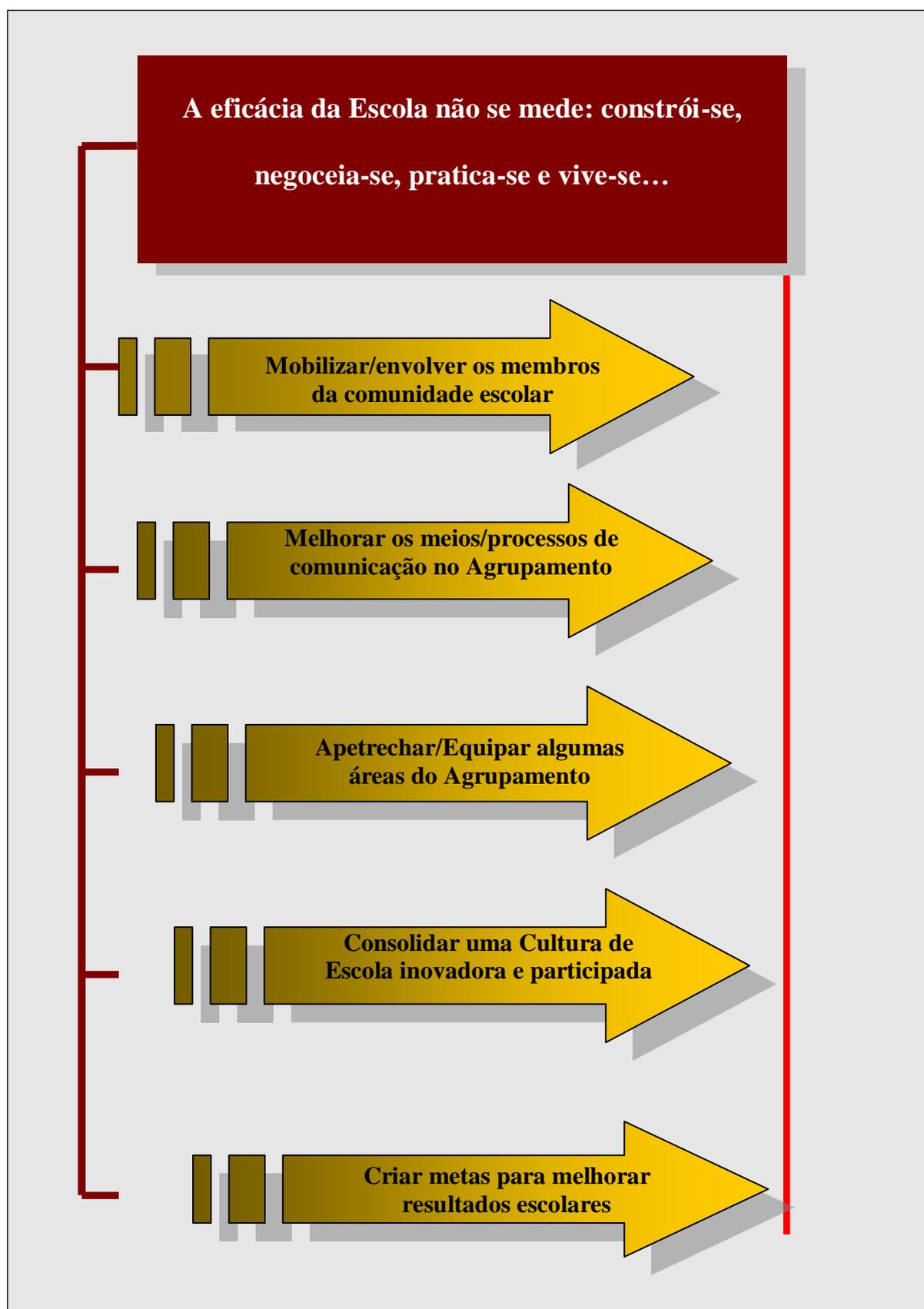
Seguidamente, pretende-se **melhorar os meios/ processos de comunicação**, o que permitirá, por um lado, obter ganhos de eficácia e de eficiência e, por outro, facilitar a concretização da linha de orientação anterior.

Em terceiro lugar, visa-se **apetrechar/ equipar algumas áreas**, de modo a resolver alguns problemas existentes na equipamentação e infra-estruturação dos estabelecimentos.

Outro eixo consiste em **consolidar uma cultura de Escola Inovadora e Participada**, dando ênfase à utilização de novos recursos (caso das TIC) e de novas abordagens metodológicas, que constituam mais-valias à concretização do processo de ensino-aprendizagem.

Finalmente, **pretende-se criar metas para melhorar resultados escolares**, através da implementação de um sistema de monitorização que inclua alguns indicadores que possam aferir de um modo sistemático os resultados escolares obtidos pelo agrupamento.

Figura 17 – Eixos Definidos em Função dos Pontos Fortes e Fracos



Para cumprir os seus propósitos, o Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado estabelece que um dos vectores fundamentais da missão do agrupamento prende-se com a sua oferta educativa.

Esta deverá ser balizada pela sua tipologia/ oferta actual, pela capacidade dos estabelecimentos, bem como pelos investimentos em curso e/ou previstos a curto prazo. Para uma melhor percepção dos objectivos desta missão, estrutura-se a oferta em três grandes grupos: educação pré-escolar/ 1º ciclo do ensino básico, 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário (na dupla vertente de cursos gerais e de cursos profissionais).

No que se refere à educação pré-escolar e ao 1º ciclo do ensino básico, a principal transformação prende-se com o início da construção do Centro Escolar do Sacapeito (com 4 salas para o pré-escolar e 8 salas para o 1º ciclo) que deverá entrar em funcionamento no início do ano lectivo de 2012/13, altura em que se procederá ao encerramento do Jardim de Infância da Feira. A implementação deste investimento deverá levar ao encerramento da oferta do pré-escolar no Pereiro, devendo a oferta educativa dos Leões ser fundamentalmente associada ao 1º ciclo; o possível alargamento da oferta do pré-escolar aos Leões dependerá da procura no 1º ciclo e da garantia de todo o funcionamento do agrupamento em regime normal. Em síntese para o pré-escolar e para o 1º ciclo do ensino básico pretende-se:

- aumentar a oferta da educação pré-escolar no agrupamento;
- assegurar o funcionamento de todas as turmas do 1º ciclo em regime de oferta normal;
- melhorar a qualidade da oferta da componente de apoio à família (educação pré-escolar) e das actividades de enriquecimento curricular (1º ciclo).

Relativamente aos 2º e 3º ciclos do ensino básico, a oferta de ensino deverá ser prioritariamente efectuada na Escola de Mem Ramires, dado o seu âmbito de acção fundamental. Não obstante, o facto de este estabelecimento ter uma tipologia de T24 (capacidade para 24 turmas) tem gerado dificuldades em dar resposta a toda a procura existente para o seu público alvo (fundamentalmente residente e/ou que trabalha na freguesia de Marvila e no planalto da cidade de Santarém), pelo que se considera pertinente a existência de uma oferta complementar na Escola Ginestal Machado no que se refere ao 3º ciclo do ensino básico. A alteração desta situação poderá ser equacionada em caso de ampliação da Escola Mem Ramires para T30.

No que diz respeito à Escola Secundária Dr. Ginestal Machado, entende-se que esta deverá ter como alvo preferencial (o seu “core-business”) os alunos do ensino secundário. Em primeiro lugar, através da oferta de todos os quatro cursos gerais (cursos científico-humanísticos) de modo a preparar os alunos para o ingresso no ensino superior e, em segundo lugar, através da oferta de um conjunto diversificado de cursos profissionais devendo privilegiar os cursos em que exista uma maior procura por parte do mercado, sobretudo nos domínios em que a escola possui recursos físicos e humanos necessários para a sua concretização, em particular na área das novas tecnologias. A intervenção da Parque Escolar prevista a partir de 2013 para a Escola Secundária Dr. Ginestal Machado deverá permitir, a um tempo, qualificar a oferta existente, permitindo o funcionamento de todas as turmas em horário normal e, a outro, diversificar a oferta existente, tendo por base novas oportunidades e exigências do mercado local e regional de trabalho. Como foi referido anteriormente, o 3º ciclo deverá assumir-se como uma oferta de retaguarda e complementar à existente no planalto e, em particular, à Escola Mem Ramires.”

Figura 18 – Missão do Agrupamento Versus Oferta Educativa



3.2 – Gestão Relacional do Agrupamento

Enquadramento¹²

O posicionamento estratégico do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado tem como fim imediato a realização da sua missão específica e como fim mediato, a garantia da sua viabilidade como um sistema formado por seis estabelecimentos de ensino, do pré-escolar ao ensino secundário. Nesta perspectiva, o Projecto Educativo do agrupamento apresenta um modelo dinâmico¹³ que visa a interacção estratégica entre as escolas do agrupamento e estabelece novos mecanismos de coordenação intra-organizacional e inter-organizacional.

A busca pela excelência do ensino num contexto de mudança e complexidade exige a adaptação da organização escolar, tendo em conta todos os elementos que a constituem e a Viabilidade Relacional entre estes. Assim, actuando directamente sobre o clima organizacional do agrupamento, propõe-se uma estratégia de integração designada de Gestão Relacional do Agrupamento (GRA).

É precisamente numa lógica de agrupamento que as técnicas de gestão devem possibilitar e incentivar a cooperação entre as suas escolas. Deste ponto de vista, a sustentabilidade e valor potencial da organização escolar, no sentido de agrupamento de escolas, “é tanto maior quanto maior for a sustentabilidade e o valor potencial da rede ou, sistema em que se inserir e a solidez do processo de inserção.” (ZORRINHO, 2007, p.78)

O comportamento cooperativo do agrupamento deve assumir como princípio orientador a “cooperação competitiva”, ou seja, é fundamental que cada escola, grupo de trabalho ou indivíduo da comunidade escolar dê o melhor de si objectivando, simultaneamente, o melhor resultado global. Numa visão mais ampla, pede-se que cada escola do agrupamento, funcione como subsistema do agrupamento, gerindo as suas funções educativas no sentido de promover a excelência do ensino, não só nessa escola em particular, mas também em todo o agrupamento.

A análise relacional do agrupamento só será viável se este dispuser de ferramentas de diagnóstico e avaliação dinâmica do seu potencial relacional e da sua realidade relacional.

¹² Texto adaptado do livro «*Gerir em Complexidade – um novo paradigma de gestão*» de Carlos Zorrinho, António Serrano e Palmira Lacerda.

¹³ Este modelo baseia-se, fundamentalmente, no modelo descrito por Stafford Beer (BEER, 1972, 1979, 1985) na *framework* analítica que desenvolveu e designou por VSM (*Viable System Model*).

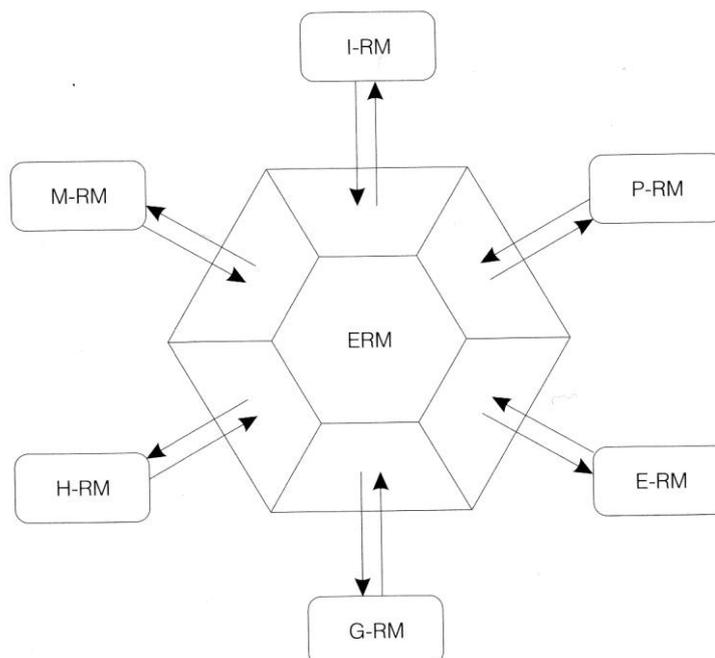
A análise SWOT já efectuada é um exemplo de uma análise das necessidades imediatas para o funcionamento de cada organismo como subsistema do agrupamento. É uma ferramenta de gestão necessária mas não suficiente, pois perde a dinâmica da análise relacional que se pretende como finalidade, ou seja, a natureza da análise SWOT permite a orientação estratégica de cada estabelecimento de ensino do agrupamento, mas despreza o nível da interacção. O aumento da complexidade gera um conjunto de dados que preconizam uma mudança quase constante, os quais não podem ser analisados por uma ferramenta tão “estática” e direccionada como a análise SWOT.

Assim, propõe-se uma ferramenta dinâmica de análise, prospecção e suporte de intervenção, designada por Diamante Relacional¹⁴, que servirá, por sua vez, para apoio da referida Gestão Relacional do Agrupamento (GRA).

Diamante Relacional

O Diamante Relacional permite obter resultados de referência por sectores e áreas de intervenção. Numa primeira fase, os ganhos da aplicação do Diamante serão sobretudo intrínsecos ao próprio processo de auto-conhecimento e análise de contextos. Numa segunda fase, a análise comparada permitirá sinalizar tendências e aproveitar oportunidades de posicionamento estratégico fundamentais para a viabilidade organizacional do agrupamento.

¹⁴ Esta ferramenta “baseia-se em seis categorias principais de relações determinantes e na constituição para cada uma delas de uma bateria de indicadores de diagnóstico, que uma vez valorados permitirão inferir um Indicador Agregado de Viabilidade Relacional (IVR)” (ZORRINHO, 2007,p.79)

Figura 19 – Diamante Relacional (Zorrinho, 1997)

Descrição do modelo de Diamante Relacional:

- A dimensão M-RM (*Meta – Relational Management*) inclui as relações entre as escolas do agrupamento (e do agrupamento em si como meta sistema) com o meio cultural e sócio-empresarial envolvente.
- A dimensão I-RM (*Intra - Relational Management*) inclui as relações no seio da estrutura do agrupamento, entre funções, níveis hierárquicos e estruturas de gestão.
- A dimensão H-RM (*Human - Relational Management*) inclui as relações formais entre indivíduos no quadro relacional intra-organizacional ou inter-organizacional (nas diferentes escolas do agrupamento e no agrupamento em si), com relevância para a definição de performances imediatas ou mediatas no agrupamento.
- A dimensão P-RM (*Public - Relational Management*) inclui as relações institucionais ou informais com entidades reguladoras do espaço de acção do agrupamento e do seu meta sistema de inserção (por exemplo, Câmara Municipal, Governo Civil, etc.).
- A dimensão G-RM (*Geo - Relational Management*) inclui as relações de base territorial estabelecidas entre as escolas do agrupamento e os seus espaços de logística e instituições de apoio à comunidade escolar.

- A dimensão E-RM (Eco - *Relational Management*) inclui as relações das escolas do agrupamento com o seu ambiente físico de intervenção e com a percepção da sua sustentabilidade «ecológica» de curto, médio e longo prazo.

Importa referir que o design organizacional do agrupamento está na base da criação da fluidez entre a dimensão interna e externa do mesmo. A geometria variável desse design determina a gestão relacional entre terceiros e no próprio seio do agrupamento.

“Em todas as dimensões referenciadas no diamante relacional, a análise tradicional das relações identificadas tem que ser completada com a análise das relações tecnologicamente protocoladas por sistemas partilhados ou interconectados de informação, que constituem aceleradores e consolidadores relacionais” (ZORRINHO, 2007, p.81).

As estratégias a definir no âmbito da aplicação do diamante pressupõem uma nova forma de encarar a gestão escolar, cujo cerne de acção deve centrar-se na cooperação entre indivíduos. A criação de um espírito cooperativo consegue-se fundamentalmente pela criação de núcleos de acção procurando novas sinergias resultantes do trabalho em grupo.

No contexto apresentado, o diamante relacional constitui uma ferramenta com a finalidade específica de implementação e disseminação do espírito cooperativo. É neste âmbito que o diamante relacional se interliga com a gestão das relações que a partir dele pode ser efectuada, tendo como consequência um mais profícuo aproveitamento das soluções disponíveis para apoio à gestão do relacionamento com a comunidade escolar, à gestão das redes logísticas, à gestão da aprendizagem organizacional, bem como das soluções emergentes que cada vez mais procurarão integrar todas estas dimensões.

O objectivo final da aplicação do diamante relacional, como suporte de apoio da GRA, é o reforço da garantia da viabilidade relacional e o posicionamento estratégico com vista a enfrentar os desafios colocados prospectivamente.

Um primeiro passo da GRA consiste em gerir os diferenciais entre informação, conhecimento e competência de uso, alargando a capacidade de uso da informação disponível para o exercício de tarefas de espectro alargado, reforçando ainda a capacidade relacional das pessoas que constituem o núcleo central do processo evolutivo e da dinâmica organizacional do agrupamento.

Gestão Relacional do Agrupamento (GRA)

É muito importante o controlo dos fluxos de informação formal ou informal no plano interno do agrupamento. Desta forma deve ser instalado um quadro de controlo para o exercício da H-RM que respeite as fronteiras éticas e deontológicas sem perturbação do direito à privacidade e autonomia.

Este sistema de controlo interno visa a descentralização e permite libertar a gestão de topo para uma função de controlo dinâmico, focalizada na disseminação da missão e dos objectivos centrais do Projecto Educativo do agrupamento e da sua tradução em práticas desejadas e indicadores de sucesso, articulando essa disseminação com políticas activas de reconhecimento e validação de performances.

“Em simultâneo deve ser também dispensada particular atenção à avaliação das relações endógenas e à operacionalidade dos circuitos formais ou informais, utilizando um painel de indicadores de relacionamento interno que funcionem como suporte de I-RM.” (ZORRINHO, 2007, p.87).

Estabelecido um quadro relacional de base, com a aplicação do Diamante Organizacional, a prática da GRA baseia-se numa avaliação da viabilidade relacional, usando uma monitoragem permanente das relações estabelecidas no seio do agrupamento. Para isso poderá aplicar-se o modelo designado por Viable System Model (VSM), isto é, um modelo dedicado à gestão relacional numa perspectiva de interdependência, tirando partido da gestão global dos sistemas informacionais e tecendo a partir daí a base da teia relacional.

A aplicação deste modelo permite reinventar a organização como um processo criativo pautado por uma forte visão. Assim, a reorientação de comportamentos não se resume aos líderes, mas afecta todos os elementos do agrupamento, visando a valorização do potencial humano que, por sua vez, permitirá desenvolver e otimizar a sua actuação na organização escolar. O agrupamento não pode ser um organismo que só reage às transformações que acontecem à sua volta, mas, tem antes que ser ele próprio protagonista da mudança.

Da referida reorientação de comportamentos advém a necessidade de adaptação a novas realidades. O conceito de adaptabilidade é um conceito dinâmico, no qual se inclui o objectivo da construção do futuro. A mudança é a chave para a organização do futuro, e tem que ser encarada como processo constante.

A adaptabilidade e a flexibilidade visam a eficiência, pela optimização de recursos e meios, e a eficácia pela capacidade da organização de se reinventar e de mudar o seu meio e construir o seu futuro. Esses objectivos exigem que o agrupamento tenha capacidade de aprender com as mudanças do seu ambiente.

A aprendizagem organizacional é, por sua vez, um processo de detecção e correcção de erros o qual tem por objectivo aumentar a capacidade da organização para agir com eficácia. A organização que aprende é a que é capaz de criar, adquirir e transferir conhecimento e que, como reflexo dos novos conhecimentos e pontos de vista é capaz de modificar o seu comportamento. A criação e a aquisição de conhecimentos constituem passos fundamentais do processo de aprendizagem, mas não são os únicos. A estes deve acrescentar-se:

- A partilha de conhecimento – A distribuição do que foi aprendido;
- A utilização do conhecimento – A integração da aprendizagem para que seja amplamente acessível permitindo generalizá-la a novas situações.

A cultura de aprendizagem organizacional deve conter as seguintes componentes:

- Um foco nas pessoas, ou seja, em toda a comunidade escolar;
- A crença de que as pessoas querem e vão aprender e valorizam a aprendizagem e a mudança como direitos seus;
- A crença partilhada de que o mundo à sua volta é reconfigurável, de que os indivíduos conseguem mudar o seu ambiente e de que o destino está nas suas mãos;
- A importância de manter a diversidade das pessoas, dos grupos e das sub-culturas, na medida em que é a diversidade que permite a criatividade e o desenvolvimento de novas alternativas;
- A necessidade de existir a todos os níveis um empenho na comunicação aberta, pois a aprendizagem organizacional só é possível se existir uma comunicação aberta na organização;
- Um empenho partilhado no pensamento sistémico;
- A crença partilhada de que as equipas funcionam.

3.3 – Objectivos Gerais do Projecto Educativo

Enquanto instrumento estruturante e orientador são objectivos gerais deste projecto:

- Reforçar e consolidar uma «cultura de Escola/agrupamento», que salvaguardando a especificidade de cada estabelecimento de ensino, assente em lideranças fortes, num corpo docente estável e motivado e ainda em projectos de escola orientados para os resultados pretendidos em função do desenvolvimento integral de cada aluno;
- Criar um ambiente de formação propício ao sucesso, centrado nas crianças e/ou jovens e de acordo com diferentes situações de aprendizagem;
- Desenvolver, no aluno, capacidades habilitantes tais como, o espírito de iniciativa, a responsabilidade, o trabalho em grupo e a capacidade de adaptação à mudança;
- Valorizar a actividade docente, enquanto prática pedagógica assente numa grande margem de autonomia e iniciativa, que permita também ir ao encontro às necessidades culturais do grupo social existente na totalidade do agrupamento;
- Aplicar e generalizar o uso das novas tecnologias e consolidar uma cultura científica e de ensino assente numa base experimental;
- Criar uma cultura de inovação com o incremento dos níveis de qualidade e de produtividade, permitindo à escola oferecer um serviço de excelência;
- Permitir a constante partilha e colaboração de todos os elementos da comunidade escolar, com vista a melhorar a eficácia e eficiência de cada um dos estabelecimentos de ensino;

3.4 – Linhas Gerais de Orientação para a Constituição de Turmas e Distribuição de Serviço

Dada a importância que a constituição de turmas assume juntamente com o processo de distribuição de serviço na organização de cada um dos anos lectivos e tendo também em consideração o quadro legal em vigor, o Projecto Educativo inclui as principais linhas de orientação que deve balizar as principais opções na constituição de turmas e na distribuição de serviço.

Contudo, estas linhas de orientação assumem um carácter global, não devendo substituir a definição de orientações anuais mais específicas por parte do Conselho Pedagógico.

Principais Linhas Gerais de Orientação para a Constituição de Turmas:

- a) Deverão ser respeitadas as orientações anuais referentes à rede escolar para o município de Santarém;
- b) Nos anos de continuidade deverá prevalecer o critério pedagógico de continuidade das turmas/ grupos;
- c) No 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico deverão ser mantidas as crianças que provenham do mesmo grupo da Educação Pré-Escolar, desde que não haja indicação em contrário do respectivo Educador.
- d) O Conselho Pedagógico deverá ponderar situações específicas que possam contrariar a continuidade anteriormente referida, desde que devidamente justificadas pelos Professores Titulares de Turma ou pelos Conselhos de Turma;
- e) Nos anos de escolaridade iniciais de ciclo (7º e 10º anos de escolaridade) deverão, sempre que possível, ser mantidos juntos os alunos provenientes dos diversos grupos-turma de origem;
- f) Em cada ano de escolaridade, a dimensão das turmas deverá ser idêntica, exceptuando as turmas que integrem alunos com Necessidades Educativas Especiais, de acordo com a legislação;
- g) Tomando como referência a legislação actualmente em vigor, considera-se que os grupos/ turmas deverão balizar a sua dimensão de acordo com as seguintes referências:

- entre as 22 e 24 crianças na educação pré-escolar (sendo grupos heterogéneos em relação à idade);
- os 24 alunos no 1º ciclo do ensino básico;
- entre os 24 e 26 alunos para os 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário;
- entre os 20 e os 22 alunos para o ensino profissional;

As turmas que integrem alunos com Necessidades Educativas Especiais, deverão ter uma dimensão de aproximadamente 20 crianças/ alunos;.

- h) Sempre que possível deverão ser respeitadas as opções expressas pelos alunos, nos actos de matrícula ou de renovação da mesma;
- i) Deverão ser colocados na mesma turma, os alunos de origem estrangeira (até 5 elementos) do mesmo nível e grupo linguístico.
- j) As turmas com dimensão diferente da prevista na lei, requerem autorização da DRELVT, após proposta fundamentada do Presidente da CAP, ouvido o Conselho Pedagógico.

Principais Linhas Gerais de Orientação para a Distribuição de Serviço:

- a) Sempre que possível deve ser assegurada a constituição e continuidade das equipas pedagógicas;
- b) Aos coordenadores de estabelecimento não deverá ser atribuído o cargo de coordenador de departamento;
- c) A atribuição de horas de Apoio ao Estudo, no âmbito das AECs, seguirá o critério de atribuição de uma hora ao professor titular de turma, sendo a 2ª hora da responsabilidade, respectivamente: de docentes com redução da componente lectiva, de docentes de Apoio Educativo ou de outros docentes.
- d) A atribuição de horas para a Supervisão Pedagógica das AECs seguirá preferencialmente o critério de atribuição de uma hora ao professor titular de turma.
- e) Sempre que possível deve ser assegurada a continuidade da Direcção de Turma, não sendo aconselhável atribuir duas direcções de turma ao mesmo professor;
- f) Além dos tempos lectivos previstos na legislação para a execução de tarefas inerentes à direcção de turma, é recomendável a atribuição de 1 tempo suplementar da componente não lectiva;
- g) Aos docentes não devem ser atribuídos mais do que quatro currículos distintos;

- h) Os tempos atribuídos para as Actividades de Complemento e Enriquecimento Curricular dos professores deverão ser, preferencialmente, destinadas ao apoio dos alunos (Aulas de Recuperação, de Apoio, Sala de Estudo, entre outras).
- i) A substituição de outros docentes em situações de ausências de curta duração deverá ser efectuada, fundamentalmente, através de permutas, quer entre docentes do mesmo conselho de turma, quer entre docentes do mesmo grupo de recrutamento;
- j) A Área de Formação Cívica do Ensino Básico deve ser, preferencialmente, leccionada pelo Director de Turma;
- k) Nos 2º e 3º ciclos, bem como no ensino secundário, o horário dos docentes não deverá ultrapassar os 4 blocos diários, não podendo em caso algum ultrapassar-se os 3 blocos lectivos consecutivos. Deverá ainda existir um intervalo mínimo de 60 minutos, entre o fim do turno da manhã e o início do turno da tarde.

CAPÍTULO 4 – ÁREAS DE INTERVENÇÃO

4.1 – Dimensão Pedagógico-Curricular

CONTEXTUALIZAÇÃO

As questões curriculares que se colocam hoje à escola são fundamentais para um caminho de sucesso. A gestão curricular coloca problemáticas que envolvem os elementos de uma comunidade escolar. Todos os processos remetem para uma reflexão sobre o que queremos que a escola de futuro responda. Qual o nível a que se deve colocar os diferentes componentes da estrutura curricular? Quais as metodologias que devemos adoptar tendo em conta as orientações nacionais e as necessidades e realidades locais? Quais os objectivos prioritários a privilegiar? Quais as linhas para os diferentes projectos a desenvolver? Quais as relações que devemos estabelecer entre as diferentes disciplinas e áreas do conhecimento?

Esta intervenção, a gestão curricular, deve envolver todos os elementos da estrutura, do professor aos órgãos de gestão, passando pela área disciplinar, pelo departamento e pela direcção de turma. Concretiza-se nos Projectos Curriculares de agrupamento e até nos Projectos Curriculares de Turma que são fundamentais em toda esta questão.

A dimensão curricular pretende, assim, corresponder, às acções necessárias a implementar tendo em conta os fins e os objectivos específicos, assumindo, assim, um processo de autonomia. Refere-se às práticas específicas de ensino e aprendizagem, aos conteúdos curriculares, aos materiais e recursos didácticos e processos de avaliação e classificação.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

- A.1 Promover a melhoria da qualidade do desenho curricular
- A.2 Promover a inovação pedagógica e a transversalidade das aprendizagens
- A.3 Melhorar os resultados escolares

OBJECTIVO ESTRATÉGICO A.1

Promover a melhoria da qualidade do desenho curricular

Acções

- Elaborar os Projectos Curriculares do agrupamento (Educação Pré-escolar, Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Profissional).
- Valorizar o papel dos Conselhos de Turma na construção dos Projectos Curriculares de Turma.
- Desenvolver um Documento Orientador de Ofertas Curriculares.
- Garantir uma gestão do currículo flexível como forma de resposta mais adequada a contextos educativos diferenciados.
- Dar continuidade ao Projecto “Transição para a Vida Activa” no sentido de proporcionar aos alunos com necessidades educativas especiais experiências de carácter laboral em contexto de trabalho com o objectivo de os ajudar a delinear o seu projecto de vida.
- Proporcionar um leque de disciplinas de opção que responda às necessidades dos alunos no ensino básico e secundário.
- Garantir a continuação da oferta de Cursos de Educação e Formação (CEF) de Tipo II, bem como dos Cursos Profissionais.
- Implementar grelhas curriculares que reflectam a autonomia do agrupamento.
- Promover estudos de identificação de preferências, tendo em vista as ofertas curriculares do agrupamento.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO A.2

Promover a inovação pedagógica e a transversalidade das aprendizagens

Acções

- Dinamizar a coordenação curricular no âmbito dos Conselhos de Turma.
- Dinamizar a coordenação curricular transversal no âmbito dos Departamentos e Áreas Disciplinares.
- Incentivar os projectos que promovam a transversalidade e a interdisciplinaridade dos conteúdos.
- Valorizar a dimensão interdisciplinar nas áreas curriculares não disciplinares.
- Elaborar em todos os Departamentos e Áreas Disciplinares planificações da prática lectiva (a longo prazo e a médio prazo).
- Garantir actividades de recuperação e de actividades de enriquecimento.

- Implementar um programa de estratégias de adequação das diferenças dos ritmos de aprendizagem de alunos.
- Recorrer, sempre que necessário para apoio aos alunos, aos serviços de apoio educativo e de psicologia e orientação profissional.
- Promover a integração da Biblioteca/Centro de Recursos no processo de ensino-aprendizagem.
- Valorizar a utilização das novas tecnologias da informação.
- Promover o papel activo dos alunos no processo ensino-aprendizagem.
- Promover as visitas de estudo/ saídas de campo/ aulas no exterior como metodologias pró-activas e motivadoras das aprendizagens dos alunos.
- Promover a realização de Palestras/ Colóquios sobre temáticas relacionadas com os programas das disciplinas e/ou temáticas actuais, convidando especialistas.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO A.3 **Melhorar os resultados escolares**

Acções

- Melhorar a taxa de transição/ progressão do agrupamento, consolidando os bons resultados que o agrupamento vem apresentando nos últimos anos, superiores à média nacional.
- Estabelecer como meta global para o ensino básico uma taxa de transição entre os 90 e 100% (diferenciada de acordo com os anos e ciclos de ensino).
- Estabelecer como meta global para os cursos científico-humanísticos do ensino secundário uma taxa de transição/ progressão entre os 84 e 94%.
- Dar particular ênfase ao aumento da taxa de transição no 12º ano de escolaridade, onde os valores são actualmente modestos.
- Melhorar a taxa de transição/ progressão no ensino profissional, procurando que os alunos consigam concluir cerca de 80% dos módulos em que estão inscritos.
- Contribuir para a redução da taxa de abandono no agrupamento, procurando não ultrapassar os 3% no ensino básico, os 5% nos cursos científico-humanísticos do ensino secundário e de 10% nos cursos profissionais do ensino secundário.
- Tornar residual a Taxa de Abandono/ Desistência do sistema público de ensino dos alunos do agrupamento aos 14, 15 e 16 anos de idade.
- Melhorar os resultados dos exames nacionais nas diversas disciplinas, dando ênfase às de Língua Portuguesa e de Matemática, respondendo assim aos desafios lançados pelo “Programa Educação 2015”.
- Consolidar os bons resultados dos exames nacionais a Língua Portuguesa e

a Matemática no agrupamento, que têm sido superiores à média nacional, regional e concelhia.

- Diminuir as assimetrias nos resultados escolares (taxas de transição e de sucesso nos exames nacionais) no interior do agrupamento.

Metas para a Taxa de Transição/Progressão e de Abandono (2015)

Ano / Ciclo	Tx. Trans./Prog.	Tx. Abandono
1º Ano	100 %	0 %
2º Ano	100 %	0 %
3º Ano	99 %	0 %
4º Ano	96 %	0 %
1º Ciclo	98 %	0 %
5º Ano	96 %	< 1 %
6º Ano	96 %	< 1 %
2º Ciclo	96 %	< 1 %
7º Ano	92 %	< 3%
8º Ano	96 %	< 3%
9º Ano	90 %	< 3 %
3º Ciclo	92 %	< 3 %
10º Ano (CCH)	93 %	< 5 %
11º Ano (CCH)	94 %	< 5 %
12º Ano (CCH)	84 %	< 5 %
Ensino Secundário (CCH)	90 %	< 5 %
Ensino Secundário (EP)	80 % *	< 10 %

* Tendo em consideração o nº de módulos concluídos relativamente ao total de módulos

Metas para as Taxas de Abandono aos 14, 15 e 16 Anos do Sistema Público de Ensino (2015)

Idade	T. Abandono
14 Anos	0 %
15 Anos	< 1 %
16 Anos	< 4 %

Metas para as Taxas de Sucesso dos Exames Nacionais a L. Portuguesa e a Matemática (2015)

Ano / Ciclo	L. Portuguesa	Matemática
4º Ano	96 %	94 %
6º Ano	94 %	82 %
9º Ano	86 %	76 %
12º Ano	74 %	78 %

4.2 – Dimensão das Actividades de Complemento Curricular

CONTEXTUALIZAÇÃO

Sendo o currículo formal a principal prioridade de intervenção de um conjunto de estabelecimentos de ensino, este não deve descuidar outras dimensões de intervenção que contribuam para a formação integral do aluno, nomeadamente as que dizem respeito à componente de complemento e enriquecimento curricular.

As actividades de complemento curricular poderão ser operacionalizadas através de diversas metodologias, entre as quais se destacam os clubes e projectos. Estes podem ter dois tipos de génese fundamentais: as que resultam de iniciativas institucionais (internacionais, nacionais e locais) e as que resultam de iniciativas próprias da comunidade educativa.

Relativamente às primeiras procura-se ir ao encontro das vertentes transversais da educação para a cidadania, que são, essencialmente, objecto de intervenção por parte do Ministério da Educação. Destacam-se os projectos de Educação para a Saúde, do Desporto Escolar, do Plano para a Matemática, do Plano TIC, do Projecto das Escolas Associadas da Unesco, entre outros.

No que diz respeito às iniciativas próprias da comunidade educativa dever-se-á valorizar projectos e actividades para os quais existe potencial humano disponível da escola, indo ao encontro de projectos apresentados pelos professores e por outros elementos da comunidade educativa, designadamente, alunos e encarregados de educação; sempre que possível, estes projectos deverão valorizar a articulação com o meio.

Noutro âmbito e com uma dupla finalidade – de complemento e enriquecimento curricular e de prolongamento do horário no âmbito do plano de acção “Escola a tempo inteiro” – surgem as actividades de enriquecimento curricular no 1º ciclo e as actividades de animação e de apoio à família na Educação Pré-Escolar.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

- B.1 Implementar projectos de âmbito internacional, nacional e local que valorizem a educação para a cidadania
- B.2 Desenvolver projectos e clubes que mobilizem a comunidade educativa da escola
- B.3 Actividades de Enriquecimento Curricular (1º ciclo)
- B.4 Actividades de Animação e de Apoio à Família (Pré-Escolar)

OBJECTIVO ESTRATÉGICO B.1

Implementar projectos de âmbito internacional, nacional e local que valorizem a educação para a cidadania

Acções

- Desenvolver um documento orientador anual referente aos projectos internacionais e nacionais em que o agrupamento pode participar.
- Promover o estabelecimento de protocolos com instituições diversas responsáveis pelos projectos (Ministério da Educação, Câmara Municipal, etc.).
- Desenvolver acções de formação e sessões de esclarecimento sobre temáticas diversas (educação para a saúde, ambiente, etc...).
- Rentabilizar espaços nos diferentes estabelecimentos do agrupamento para actividades de complemento curricular.
- Promover a divulgação dos projectos e respectivos resultados em que o agrupamento está envolvido, nomeadamente através da página da Internet.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO B.2

Desenvolver projectos e clubes que mobilizem a Comunidade Educativa

Acções

- Criar projectos de enriquecimento curricular que vão ao encontro das necessidades e motivações dos alunos.
- Apoiar projectos que valorizem o desenvolvimento de um espírito crítico e de intervenção na comunidade.
- Desenvolver um documento orientador anual referente aos projectos e clubes desenvolvidos pelo agrupamento.
- Incentivar a participação de alunos em projectos e clubes.
- Rentabilizar espaços nos diferentes estabelecimentos do agrupamento para

actividades de complemento curricular.

- Promover a divulgação dos projectos e clubes em que o agrupamento está envolvido, nomeadamente através da página da Internet.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO B.3

Actividades de Enriquecimento Curricular (1º Ciclo)

Acções

- Desenvolver nas escolas do 1º ciclo actividades de enriquecimento curricular, promovidas pela autarquia de Santarém e pelo agrupamento nos termos do Despacho nº 14460/2008, de 26 de Maio.

- As actividades de enriquecimento curricular são: Inglês, Expressão Musical, Actividades Física e Desportiva, Informática (EB1 Leões) e Expressão Dramática (EB1 do Pereiro).

- Ainda como actividade de enriquecimento curricular é desenvolvida a actividade de Apoio ao Estudo, cujos professores são o docente titular de turma ou outro docente do 1º ciclo.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO B.4

Actividades da Componente de Apoio à Família (Educação Pré-Escolar)

Acções

- No âmbito do prolongamento do horário dos estabelecimentos de Educação Pré-escolar e tendo a autarquia de Santarém como entidade promotora, desenvolvem-se nos 3 Jardins de Infância do agrupamento Actividades de Animação e de Apoio à Família.

- As actividades desenvolvidas são: Expressão Musical, Actividade Física e Desportiva e Expressão Dramática.

- Estas actividades têm por objectivo promover o desenvolvimento integral da criança, permitindo-lhes contactar com diferentes áreas artísticas.

4.3 – Dimensão da Formação

CONTEXTUALIZAÇÃO

A presente área de intervenção procura contribuir para o aumento dos níveis de qualificação dos recursos humanos do agrupamento, através de um conjunto de acções imateriais no domínio da formação.

Procura-se, a um tempo, aumentar o número de elementos do agrupamento com acesso à formação (professores, pessoal administrativo, auxiliares da acção educativa, entre outros) e, a outro, assegurar a qualidade, relevância e eficácia das acções de formação a desenvolver.

Deste modo, pretende-se reforçar a relevância do investimento a realizar no domínio da formação contínua, tendo presente, a necessidade de estimular o desenvolvimento de uma cultura de procura de formação por parte da escola e dos seus recursos humanos.

A consubstanciação das acções de formação destina-se a responder a necessidades de competências especializadas dos estabelecimentos do agrupamento, num quadro territorial e sectorial marcado por uma exigência crescente dos níveis de qualificação dos seus recursos humanos.

Para a concretização desta área de Intervenção torna-se fundamental desenvolver um conjunto de parcerias alargadas, envolvendo centros de formação, autarquia, outros estabelecimentos de ensino, associações empresariais e sectoriais, entre outras.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

C.1 Promover a qualificação dos recursos humanos com base no recurso a entidades de formação

C.2 Desenvolver e consolidar a oferta interna de formação

OBJECTIVO ESTRATÉGICO C.1

Promover a qualificação dos recursos humanos com base no recurso a entidades de formação

Acções

- Optimizar a inovação através da formação contínua centrada no agrupamento.
- Fazer o levantamento das necessidades internas de desenvolvimento profissional, procurando a concretização plena das acções de melhoria.
- Organizar um plano de formação para pessoal docente e não docente, com base num levantamento a efectuar anualmente.
- Utilizar as competências dos recursos humanos de que o agrupamento pode dispor para a realização da formação orientada e conseqüente concretização do Projecto Educativo do agrupamento.
- Implementar o Plano de Acção da Matemática - Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos.
- Programa Nacional do Ensino da Matemática para professores, no 1º Ciclo.
- Implementar o Novo Programa de Português do Ensino Básico.
- Implementar o Plano Nacional de Leitura - Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos.
- Realizar uma Oficina de Formação nas Tecnologias de Informação e Comunicação.
- Realizar uma Oficina de Formação na Área da Matemática Aplicada.
- Organizar de Acções de Formação na área da mediação/gestão de conflitos, por técnicos especializados na área da psicologia educacional.
- Dinamizar círculos de estudo em gestão e avaliação de escolas (GIIP).
- Diagnosticar as áreas de formação necessárias e pertinentes para os diversos sectores da escola.
- Promover parcerias e contratos-programa entre o agrupamento e outras instituições de ensino e de formação.
- Promover a troca de experiências e de saberes entre estabelecimentos de ensino e de formação.
- Divulgar as acções de formação disponíveis.
- Promover a participação dos elementos do agrupamento em acções de formação certificadas e em seminários, congressos, colóquios e encontros.
- Incentivar a participação em acções de formação que consolidem um quadro de pessoal (docente e não docente) em competências especializadas, designadamente na vertente da avaliação de desempenho.

- Incentivar a frequência de acções de formação no âmbito das TIC.
- Promover a flexibilização da componente não lectiva do docente para efeitos de formação.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO C.2

Desenvolver e consolidar a oferta interna de formação

Acções

- Elaborar Planos Anuais de Formação para cada um dos sectores dos estabelecimentos do agrupamento (docentes, administrativos, auxiliares, entre outros).
- Criar um quadro qualificado de formadores internos.
- Promover a participação dos diversos elementos dos estabelecimentos do agrupamento (docentes, auxiliares e administrativos) em acções de formação interna.
- Aumentar o número de acções e de formandos internos.
- Incentivar a implementação de acções de formação no âmbito das TIC (vertentes pedagógica, científica, técnica e administrativa da escola).
- Desenvolver acções de divulgação e sessões de esclarecimento sobre acções de formação a desenvolver.
- Promover a realização de palestras/ pequenos seminários que contribuam para a qualificação do pessoal docente e não docente do agrupamento.

4.4 – Dimensão dos Recursos Materiais

CONTEXTUALIZAÇÃO

De acordo com os Relatórios da Avaliação Interna dos estabelecimentos do agrupamento, existem carências ao nível de certos recursos, nomeadamente, materiais de laboratório e informáticos.

Com esta área de intervenção, pretende-se equipar o agrupamento tendo em conta as necessidades sentidas pelos vários elementos da comunidade educativa, de modo a contribuir para um melhor ambiente, no geral, e para uma melhoria no processo de ensino/aprendizagem.

Atendendo ao relevo dado nos programas das várias disciplinas às novas tecnologias esta é uma área onde o agrupamento terá que investir fortemente de modo a corresponder aos novos desafios e a preparar jovens activos, críticos, intervenientes, capazes de responder às exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e globalizado.

Neste sentido será importante o agrupamento estar atento e concorrer a vários projectos que possam trazer benefícios materiais a vários níveis.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

D.1 Equipar as salas específicas com materiais adequados e em número suficiente

D.2 Adquirir materiais que permitam o melhoramento das condições físicas das salas de aula e a integração das novas tecnologias no processo de ensino/aprendizagem.

D.3 Apetrechar e qualificar os diferentes espaços do agrupamento.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO D.1

Equipar as salas específicas com materiais adequados e em número suficiente

Acções

- Melhorar os equipamentos das salas de aula.
- Reforçar junto das entidades competentes a necessidade de proceder com urgência a obras de melhoramento nos laboratórios de Física, Química, Biologia,

Informática, Electrotecnia, Mecânica e Artes na Escola Secundária Dr. Ginestal Machado.

- Criação de um laboratório de Físico-Química na Escola Mem Ramires.
- Criação de “Laboratórios” de Matemática no Pré-escolar e 1ºciclo.
- Inventariar o material existente nas várias salas específicas e proceder à sua recuperação caso não esteja operacional.
- Proceder a um diagnóstico das necessidades sentidas pelas áreas disciplinares em termos de recursos materiais.
- Reforçar junto das entidades competentes a necessidade de criar um quadro técnico na manutenção dos equipamentos informáticos.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO D.2

Adquirir materiais que permitam o melhoramento das condições físicas das salas de aula e a integração das novas tecnologias no processo de ensino/aprendizagem.

Acções

- Efectuar um levantamento das necessidades de equipamentos tais como videoprojectores, quadros interactivos, sensores, computadores portáteis, entre outros.
- Equipar as salas com mobiliário escolar adequado às novas necessidades.
- Aumentar o número de salas com equipamento informático, privilegiando a instalação de quadros interactivos.
- Instalar iluminação nos quadros das salas de aula.
- Climatizar as salas de aula.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO D.3

Apetrechar e qualificar os diferentes espaços da escola

Acções

- Melhorar a infra-estruturação dos diversos espaços do agrupamento.
- Proceder à melhoria de diversos espaços administrativos e de gestão do agrupamento.
- Resolver algumas carências específicas ainda subsistentes nos espaços escolares (caso de gabinetes de trabalho das Áreas e Departamentos; sala de DT e espaços de atendimento aos EE).
- Reforçar junto das entidades competentes a necessidade de proceder com urgência a obras de melhoramento dos refeitórios e balneários.

- Apostar na requalificação dos espaços exteriores dos estabelecimentos do agrupamento.

- Transformação dos Jardins de Infância da Feira, Sacapeito e Pereiro de forma a dar resposta à componente de apoio à família com espaços adequados uma vez que não dispõem de refeitório nem de salas para o desenvolvimento de apoio à família.

4.5 – Dimensão Administrativo-Financeira

CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao agrupamento de escolas dos dias de hoje coloca-se um desafio a que é necessário dar respostas, qual o caminho para a Autonomia? De que modo o agrupamento de escolas consegue responder à questão da autonomia administrativa e financeira?

Esta nova linha de orientação permite recolocar os eixos estratégicos noutra âmbito. O Estado e a sua função, num mundo em transformação, têm vindo a alterar o seu peso e a sua intervenção. As novas formas de administração e planeamento do agrupamento de escolas devem ter em conta novos rumos e interesses.

É evidente que os aspectos administrativos e financeiros têm implicações nos projectos pedagógicos. A gestão escolar, a gestão dos recursos financeiros, deve permitir, sempre, uma gestão democrática e conseqüentemente melhorar a administração do agrupamento de escolas.

Devemos procurar novas formas de financiamento dos projectos de agrupamento de escolas, de modo a atingir os objectivos propostos. A melhoria da qualidade de ensino passa pela melhoria na optimização dos recursos. Deste modo, a questão deve ser colocada numa perspectiva de gestão estratégica dos recursos.

A liderança é o aspecto fundamental para captar a participação da comunidade local na construção desta nova escola. Nesta perspectiva, é muito importante a formação dos serviços e dirigentes na área financeira.

Desta forma, a autonomia do agrupamento de escolas fortalece a sua imagem e identidade e permite uma maior ligação com a comunidade onde se insere.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

E.1 Promover uma melhoria na gestão dos recursos financeiros públicos

E.2 Implementar um modelo de gestão de auto-financiamento

OBJECTIVO ESTRATÉGICO E.1

Promover uma melhoria na gestão dos recursos financeiros públicos

Acções

- Realizar o inventário de recursos materiais.
- Optimizar a utilização dos recursos existentes no agrupamento.
- Melhorar a relação aluno/recursos.
- Promover os investimentos públicos.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO E.2

Implementar um modelo de gestão de auto-financiamento

Acções

- Estabelecer parcerias com entidades da comunidade local.
- Propor acções de formação na área financeira.
- Aumentar os investimentos.
- Candidatar o agrupamento a fundos comunitários.

4.6 – Dimensão da Segurança

CONTEXTUALIZAÇÃO

A questão da segurança é complexa e deve ser colocada, nos dias de hoje, numa perspectiva mais ampla. O conceito de segurança deve aplicar-se a aspectos, tais como: alimentação, saúde, ambiente, informação e condições de protecção pública e ainda catástrofe.

O Projecto Educativo pretende enunciar linhas de orientação que impliquem toda a comunidade nesta temática da segurança. Assim, devemos estar sensibilizados para comportamentos que diminuam os riscos numa perspectiva individual e comunitária.

Em relação à segurança alimentar devemos estar atentos, não só com as questões de higiene/saúde, mas também com a promoção de comportamentos alimentares cada vez mais saudáveis.

A segurança ambiental é fundamental numa perspectiva de vivência institucional – a Escola. Assim, a problemática dos consumos (energia, água e consumíveis) e a dos resíduos (água, bar e refeitório, laboratórios papel e outros consumíveis) deve ser reflectida e colocada na primeira linha das preocupações.

A segurança na informação é crucial, nomeadamente na questão da protecção de dados.

A segurança numa perspectiva de protecção pública perante o outro também deve ser uma preocupação.

Por último, devemos perspectivar a segurança perante a catástrofe: incêndio, sismo, ou outras formas de perturbação do bem-estar da comunidade educativa.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

F.1 Desenvolver o programa de Educação para a Saúde

F.2 Promover um programa de Educação Ambiental

F.3 Desenvolver condutas orientadas para a protecção de dados e maior segurança na escola

OBJECTIVO ESTRATÉGICO F.1

Desenvolver o programa de Educação para a Saúde

Acções

- Dar continuidade ao **Projecto Educação para a Saúde** envolvendo o pré-escolar, ensino básico e ensino secundário.
- Desenvolver projectos conjuntos englobando:
 - benefícios de uma alimentação racional e equilibrada;
 - prevenção de dependências;
 - importância da prática desportiva;
 - sexualidade responsável;
- Promover uma perspectiva para a Educação Sexual.
- Incentivar o desenvolvimento de uma atitude para a saúde.
- Alargar as equipas transversais de Educação para a Saúde.
- Implementar sistemas de HACCP (sistema de gestão de segurança alimentar) nos Buffet e Refeitórios das Escolas Mem Ramires e Dr. Ginestal Machado.
- Melhorar as condições dos refeitórios das Escolas Mem Ramires e Dr. Ginestal Machado.
- Promover a utilização dos refeitórios.
- Melhorar a oferta dos bares em termos alimentares numa perspectiva de saúde.
- Promover informação sobre alimentação para a saúde a toda a comunidade.
- Desenvolver nos alunos hábitos correctos de ergonomia, numa perspectiva de preservação do seu bem-estar físico e psicológico.
- Implementar acções de sensibilização junto dos alunos que contribuam para a diminuição das lesões músculo-esqueléticas.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO F.2

Desenvolver um programa de Educação Ambiental

Acções

- Melhorar a informação sobre Educação Ambiental.
- Promover atitudes adequadas sobre a problemática dos consumos (energia, água e consumíveis).
- Promover atitudes adequadas sobre a problemática dos resíduos.
- Realizar projectos sobre as condições ambientais dos diversos

estabelecimentos.

- Promover protocolos na área do ambiente com as Instituições locais (Câmara Municipal, associações, imprensa local).

OBJECTIVO ESTRATÉGICO F.3

Desenvolver condutas orientadas para a protecção de dados e maior segurança nos estabelecimentos de ensino do Agrupamento

Acções

- Promover atitudes de protecção de dados.
- Criar condições para uma efectiva protecção de dados.
- Dinamizar acções de formação sobre segurança.
- Promover uma atitude de segurança, nomeadamente nos espaços de maior risco, tais como nos laboratórios e espaços desportivos.
- Reforçar a aplicação do Programa Escola Segura.
- Melhorar o controlo de entradas e saídas dos alunos da escola.
- Prevenir situações potenciais de comportamentos que possam colocar em causa a segurança da comunidade escolar.
- Promover um programa para a promoção da disciplina nos diferentes espaços escolares.
- Divulgar perante a comunidade educativa de cada estabelecimento os procedimentos a adoptar previstos nos respectivos Planos de Evacuação.
- Adaptar os Planos de Emergência dos diversos estabelecimentos do agrupamento ao novo quadro legal existente.
- Proceder à implementação dos Planos de Evacuação dos estabelecimentos através da realização de exercícios periódicos em cada um dos anos escolares, acompanhados por relatórios e monitorizados pelas autoridades competentes.

4.7 – Dimensão Operativa

CONTEXTUALIZAÇÃO

Com esta área de intervenção procura contribuir-se para uma melhor comunicação e articulação entre os vários sub-sistemas do agrupamento bem como reforçar as respectivas competências.

Adicionalmente pretende implementar-se uma cultura de colaboração que envolva negociação cuidada, tomada conjunta de decisões, comunicação efectiva e aprendizagem mútua.

A presente dimensão procura privilegiar três domínios de actuação fundamentais.

Em primeiro lugar, procura valorizar-se a eficácia e a eficiência das decisões tomadas pelos diversos órgãos da direcção, administração e gestão do agrupamento, optimizando a divulgação das decisões e das informações a toda a comunidade educativa.

Simultaneamente, importa promover uma boa articulação e concertação entre as diversas estruturas de coordenação educativa e de supervisão pedagógica, privilegiando a intervenção dos departamentos curriculares, sustentados pelo funcionamento das diversas áreas disciplinares.

Finalmente, há que fomentar a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação na consubstanciação dos dois domínios de actuação anteriores, de forma a tornar mais eficazes e céleres os mecanismos de comunicação dentro de toda a comunidade educativa.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

G.1 Melhorar a comunicação entre os diferentes estabelecimentos do agrupamento

G.2 Melhorar articulação e sequencialidade entre ciclos

G.3 Promover o trabalho colaborativo entre estruturas de supervisão e orientação pedagógica

OBJECTIVO ESTRATÉGICO G.1

Melhorar a comunicação entre os diferentes estabelecimentos do agrupamento

Acções

- Fazer a divulgação pública e distribuição de forma personalizada de toda a informação significativa respeitante à vida do agrupamento.
- Envolver os órgãos locais/regionais de comunicação social na divulgação da informação mais relevante da vida do agrupamento.
- Implementar um sistema de encontros alargados entre os Órgãos de Gestão e a comunidade escolar para dar a conhecer e discutir os aspectos mais importantes da vida do agrupamento.
- Reforçar a comunicação entre os diferentes órgãos de gestão (Conselho Geral, Direcção, Conselho Pedagógico).
- Promover a circulação eficiente de informação entre os órgãos de gestão e a restante comunidade educativa, através da afixação das sínteses das actas das reuniões, passando as informações por escrito aos Coordenadores e Representantes.
- Proceder às convocatórias para reuniões por via electrónica, com indicação da documentação a ser analisada.
- Afixar e actualizar as informações nos placards correspondentes.
- Expor e clarificar os regulamentos dos diferentes sectores dos estabelecimentos.
- Proceder à actualização e melhoramento da página da Internet, divulgando o projecto educativo, regulamento interno, projecto curricular de escola, manuais escolares, plano anual de actividades, etc.
- Utilizar plataformas virtuais como forma de promover a interligação entre as diversas estruturas e órgãos existentes na escola.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO G.2

Melhorar articulação e sequencialidade entre ciclos

Acções

- Elaborar uma planificação articulada das actividades curriculares e sua avaliação ao nível de cada disciplina, das disciplinas do mesmo Departamento e de Departamentos diferentes.
- Reforçar a participação dos Serviços de Psicologia do Hospital Distrital e da Câmara Municipal de Santarém em articulação com o CPCJ no apoio a alunos mais problemáticos ou com necessidades educativas especiais e famílias, no sentido de

facilitar as planificações do processo de ensino aprendizagem, bem como a orientação vocacional ao nível do 9º ano.

- Desenvolver as estruturas e processos de gestão participada, potenciando uma cultura colaborativa e de identificação.

- Envolver todos os actores escolares na inventariação dos problemas e na partilha de responsabilidades na sua resolução.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO G.3

Promover o trabalho colaborativo entre estruturas de supervisão e orientação pedagógica

Acções

- Criar oportunidades de trabalho colaborativo no horário dos professores.
- Melhorar a articulação entre as várias estruturas de orientação educativa.
- Dinamizar reuniões de trabalho regulares para partilha, reflexão, divulgação de experiências e construção de instrumentos pedagógicos.

- Proceder à gestão flexível do currículo nos Departamentos Curriculares e nos Conselhos de Turma.

- Elaborar experiências de inovação pedagógica de acordo com os grupos de alunos e o contexto da escola.

- Elaborar e calendarizar as actividades do Plano Anual de Actividades de Escola ao nível dos Departamentos e articular com o Conselho de Directores de Turma e os Conselhos de Turma.

- Elaborar os Projectos Curriculares de Turma, de acordo com as características dos respectivos alunos.

- Potencializar os serviços disponibilizados pelo Núcleo de Apoio Educativo aos Conselhos de Turma e aos alunos, designadamente aos que possuem Necessidades Educativas Especiais.

- Recorrer aos serviços de Psicologia e Orientação Profissional no apoio aos alunos, designadamente na escolha das ofertas formativas nos diferentes níveis de ensino e de ofertas de formação.

4.8 – Dimensão das Relações Humanas

CONTEXTUALIZAÇÃO

Uma das dimensões fundamentais na vida de uma instituição como é um agrupamento de escolas do ensino público prende-se com o relacionamento entre os diversos elementos que constituem a comunidade educativa.

Com efeito, a realização pessoal dos agentes educativos constitui um dos factores chave de sucesso da missão da escola, pelo que se considera essencial a mobilização dos diferentes sectores do agrupamento, designadamente do corpo docente, do pessoal administrativo, do pessoal auxiliar, bem como de toda a comunidade educativa em geral, incluindo os alunos e os pais e encarregados de educação.

Esta dimensão do projecto educativo deverá privilegiar duas vertentes fundamentais de intervenção.

Uma primeira, visa a consolidação de uma cultura de agrupamento que privilegie a mobilização dos diversos agentes educativos, contribuindo para o reforço da sua auto-estima e para o desenvolvimento de boas articulações intra-grupos e inter-grupos profissionais.

Numa segunda vertente, procura reforçar-se a intervenção dos alunos, pais e encarregados de educação de cada uma das escolas do agrupamento na vida do agrupamento, quer através do seu envolvimento em actividades desenvolvidas pelos restantes agentes educativos, quer pela sua própria capacidade de gerar actividades e projectos capazes de envolver toda a comunidade educativa.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

H.1 Criar as condições favoráveis ao desenvolvimento de um bom ambiente de trabalho nas escolas do agrupamento

H.2 Fomentar a participação de alunos, pais e encarregados de educação na vida das escolas do agrupamento

OBJECTIVO ESTRATÉGICO H.1

Criar as condições favoráveis ao desenvolvimento de um bom ambiente de trabalho na escola

Acções

- Criar condições favoráveis a uma maior participação dos elementos da comunidade educativa na vida das escolas do agrupamento.
- Dar a conhecer o regulamento interno da escola à comunidade escolar.
- Promover o cumprimento integral dos direitos e deveres de todos os elementos da comunidade educativa.
- Promover o bom relacionamento entre todos os elementos da comunidade educativa.
- Promover a realização periódica de reuniões de trabalho entre os diversos sectores e elementos da comunidade educativa.
- Implementar convívios periódicos entre os diversos elementos da comunidade educativa.
- Criar diferentes grupos de trabalho (pertencentes a vários sectores) para proceder à organização e implementação do Dia da Escola.
- Promover a organização de Dias / Semanas Especiais.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO H.2

Fomentar a participação de alunos, pais e encarregados de educação na vida das escolas do agrupamento

Acções

- Criar condições favoráveis a uma maior participação dos alunos, pais e encarregados de educação na vida da escola.
- Promover a co-responsabilização da família no processo educativo dos alunos.
- Incentivar a participação dos pais e encarregados de educação nos principais órgãos do agrupamento (Conselho Geral, Conselhos de Turma, ...).
- Implementar convívios periódicos entre os diversos elementos da comunidade educativa.
- Promover a organização de Dias Especiais, de iniciativa dos pais e encarregados de educação.

4.9 – Dimensão Institucional

CONTEXTUALIZAÇÃO

A Agrupamento de escolas Dr. Ginestal Machado ao estar inserido num determinado contexto territorial, sócio-económico e institucional deverá desencadear um conjunto de procedimentos e acções que visem promover a sua integração em espaços mais amplos.

Uma das componentes fundamentais resulta da articulação institucional do agrupamento com outros estabelecimentos de ensino (em particular com os que se localizam no seu concelho) e com a articulação com outras instituições de outras áreas de actividade (económica, social e cultural).

Relativamente à articulação institucional com outros estabelecimentos de ensino, o agrupamento escola deverá participar activamente em reuniões e sessões de trabalho com a outra escola secundária e os cinco agrupamentos verticais existentes no concelho, bem como deverão ser estabelecidas parcerias com as instituições do ensino superior existentes no concelho. Ainda numa lógica sectorial, mas mais alargada, a escola deverá ter um papel activo no Conselho Municipal de Educação, dada a importância que este órgão consultivo pode desempenhar na definição das políticas educativas.

No que diz respeito à articulação institucional extra-escolar, deverá ser fomentada uma lógica de parceria e de obtenção de sinergias e de complementaridades com as principais organizações económicas e empresariais, sociais e culturais do concelho e da região. Pretende-se não só reforçar o papel dinamizador, empreendedor e inovador do agrupamento, mas também incrementar o protagonismo da escola, enquanto entidade de referência nos diversos domínios sócio-culturais.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

I.1 Fomentar a articulação com outros estabelecimentos de ensino.

I.2 Fazer do agrupamento um pólo de cultura e de inovação, com forte dinâmica relacional com o meio

OBJECTIVO ESTRATÉGICO I.1

Fomentar a articulação com outros estabelecimentos de ensino

Acções

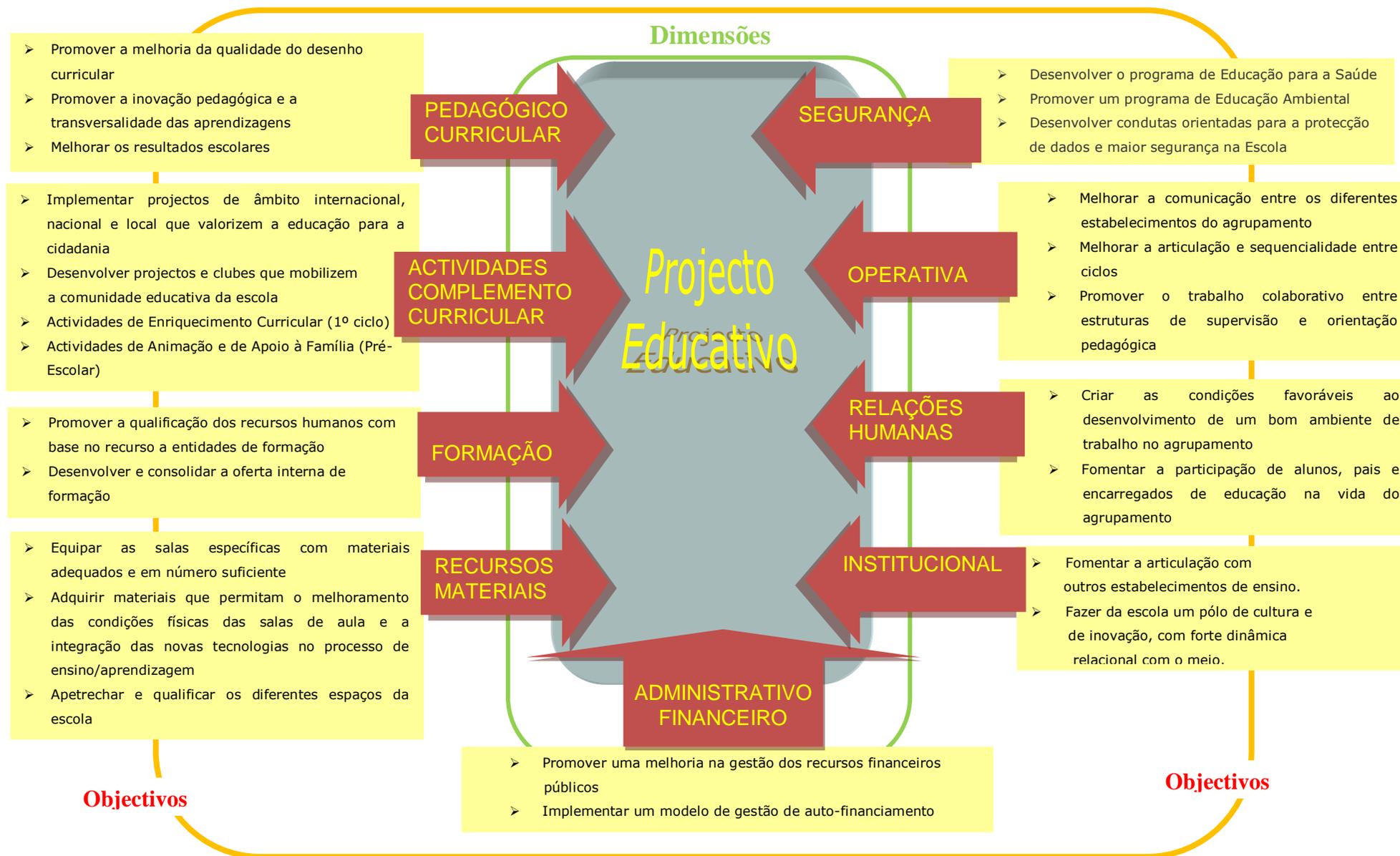
- Promover a troca de saberes e de experiências entre escolas.
- Promover a realização periódica de reuniões de trabalho entre as escolas secundárias e os agrupamentos de ensino do concelho.
- Colaborar activamente na realização de projectos com outras escolas e agrupamentos de ensino.
- Implementar protocolos e parcerias com outros estabelecimentos de ensino e de formação, em particular, com as do ensino superior.
- Participar activamente nas acções do Conselho Municipal de Educação.
- Desencadear esforços para a divulgação de projectos para toda a comunidade educativa.

OBJECTIVO ESTRATÉGICO I.2

Fazer da escola um pólo de cultura e de inovação, com forte dinâmica relacional com o meio.

Acções

- Criar, com as famílias e encarregados de educação, uma política de envolvimento na escola do seu educando.
- Obter recursos adicionais para o agrupamento com a colaboração das Associações de Pais.
- Divulgar projectos e acções para toda a comunidade extra-escolar.
- Implementar parcerias com outras entidades e instituições extra-escolares.
- Valorizar a actuação do Conselho Geral da Escola, enquanto órgão essencial na articulação institucional com o meio envolvente.
- Criar subgrupos de trabalho no Conselho Geral de Escola que se enquadrem nas diferentes áreas de articulação institucional que a escola desencadeie.
- Desenvolver esforços conjuntos que visem a criação de um Observatório das Necessidades Regionais e Concelhias de Formação.



CAPÍTULO 5 – MONITORIZAÇÃO DO PROJECTO EDUCATIVO

O Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado constitui o documento de orientação educativa estratégica com um horizonte temporal determinado, numa perspectiva de flexibilidade, atendendo ao facto de as dinâmicas do sistema educativo assim o exigirem.

Por conseguinte, a implementação do Projecto Educativo deve contemplar um adequado processo de monitorização e avaliação, de forma a estabelecerem-se as necessárias inflexões e reorientações. Este processo de monitorização e avaliação deve ser efectuado com a mobilização dos diversos elementos da comunidade educativa, com particular ênfase para o Conselho Geral e para o Conselho Pedagógico.

Simultaneamente, importa criar um sistema adequado de monitorização que inclua uma bateria de indicadores de medida que permita efectuar a validação das opções tomadas, bateria essa que deve incluir uma vertente macro (indicadores gerais do agrupamento, tendo em consideração também a informação disponibilizada pelos serviços centrais e regionais do Ministério da Educação) e uma vertente micro (indicadores específicos por sector/ Departamento/ Área Disciplinar, devidamente articulados com os indicadores gerais de agrupamento).

A monitorização do projecto educativo considerará as perspectivas de todos os agentes educativos, assumindo-se também como processo e estratégia orientada para a melhoria do agrupamento e não como mero fim em si mesmo. Devem prever-se momentos de avaliação intermédia no sentido de identificar os pontos fortes e fracos e de proceder a adaptações e reajustamentos que possibilitem a elaboração de planos de intervenção. As propostas de alteração/ reformulação poderão ser apresentadas em Conselho Pedagógico e, posteriormente, aprovadas no Conselho Geral.

Pretende-se com este processo de monitorização atingir dois objectivos fundamentais:

- Implementar uma prática intencional, sistemática e consistente ao nível da auto-avaliação;
- Implementar mecanismos de acompanhamento e supervisão do desempenho de docentes e não docentes.

O processo de monitorização deve envolver três componentes fundamentais.

Numa primeira componente, dever-se-á proceder a uma avaliação contínua e sistemática dos diversos objectivos e acções propostas para as diversas áreas de intervenção do Projecto Educativo, ao longo de cada um dos anos lectivos, verificando a sua eficácia e pertinência, identificando, assim, possíveis reajustamentos a efectuar.

Numa segunda, dever-se-á efectuar uma análise de indicadores de acompanhamento e de resultado do agrupamento nas suas diversas dimensões, designadamente no que se refere à componente educativa. Neste contexto, importa avaliar a evolução da oferta formativa (avaliando possíveis necessidades de reajustamento da oferta), da procura educativa, bem como dos indicadores de resultado (taxas de aprovação, repetência, abandono, entre outras).

Finalmente, dever-se-á efectuar uma análise dos principais documentos e relatórios produzidos pelas diferentes estruturas de coordenação educativa e de supervisão pedagógica, designadamente nas vertentes que possuam uma ligação com o Projecto Educativo.

Para a consubstanciação do processo de monitorização do Projecto Educativo importa criar uma equipa de trabalho que envolve docentes de diferentes níveis de ensino e que procure, em articulação, com o Conselho Pedagógico emanar orientações para todo o Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado.

Propõe-se que essa equipa de trabalho se designe por **Núcleo de Inovação e Qualidade Pedagógica** que terá como objectivo central da sua intervenção o processo de acompanhamento e monitorização do projecto educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado.

O Núcleo de Inovação e Qualidade Pedagógica deverá propor ao Conselho Pedagógico Definição os critérios de avaliação e os métodos a utilizar na avaliação de cada uma das áreas de intervenção do Projecto Educativo do Agrupamento, bem como as formas de divulgação, à comunidade educativa, do impacto das avaliações no funcionamento e progressão do agrupamento.

Pretende-se que, anualmente, o Núcleo de Inovação e Qualidade Pedagógica produza um relatório no final de cada ano lectivo sobre a pertinência e eficácia das acções previstas no projecto educativo e sobre o grau de concretização dos objectivos delineados. Este documento deverá ser objecto de análise do Conselho pedagógico e do Conselho geral, devendo estar em estreita articulação com as diversas estruturas de coordenação educativa e de supervisão pedagógica existentes no agrupamento.

O processo de monitorização do Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado deve estar em estreita articulação com outros documentos e instrumentos que o agrupamento dispõe.

No que diz respeito aos instrumentos de autonomia, importa efectuar uma análise das articulações potenciais e efectivas conseguidas com o Projecto Educativo. Referem-se seguidamente os diversos instrumentos de autonomia que o agrupamento dispõe:

- a) Regulamento Interno, que define o regime de funcionamento do órgão de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços escolares, bem como dos direitos e deveres dos membros da comunidade escolar;
- b) Orçamento, que identifica de forma discriminada as receitas a obter e as despesas a efectuar pelo agrupamento em diferentes rubricas;
- c) Plano Anual de Actividades, que define os objectivos, as formas de organização e de programação das actividades e que procedem à identificação dos recursos necessários à sua execução;
- d) Relatório Anual de Actividades, que sistematiza as actividades realizadas ao longo do ano lectivo pelo agrupamento, incluindo os recursos necessários para a sua concretização.
- e) Relatório de Auto-Avaliação, que procura identificar o grau de concretização dos objectivos do projecto educativo e à avaliação da sua organização e gestão, incluindo os resultados escolares e a prestação do serviço educativo à comunidade.

Importa ainda proceder à análise das articulações entre o Projecto Educativo e outros documentos fundamentais do agrupamento, designadamente do Projecto(s) Curricular(es) de agrupamento, do Plano de Formação Anual, dos Projectos de Actividades de Complemento Curricular, entre outros.

BIBLIOGRAFIA

Obras publicadas:

- Arendt, H., *La crise de la culture*, Gallimard, Paris, ed. de 2006 (1ª ed. de 1954)
- Avelino, José Luís – *O Protagonismo Territorial das Cidades Intermédias; O Sistema Urbano Local de Santarém/ Almeirim/ Cartaxo*. Estudos para o Planeamento Regional e Urbano, Nº 48. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1998.
- Bauman, Z., *O Mal-estar da Pós-Modernidade*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998
- Bertrand, Yves; Valois, P., *Paradigmas Educacionais – Escolas e Sociedades*, Instituto Piaget, Lisboa, 1996
- Campos, B., *Educação e desenvolvimento pessoal e social*, Edições Afrontamento, 2ªed., Porto, 1997
- Conferência Internacional sobre Educação, *Actas*, Lisboa, 2005
- Cunha, P., *Ética e Educação*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1996
- Grilo, M., *Se não estudas estás tramado*, Tinta da China Edições, 2010, Lisboa
- Leite, C., *As palavras mais do que os actos? O multiculturalismo no sistema educativo português*, Tese de Doutoramento, Porto: FPCE da UP, 1997
- Resende, J., *A Sociedade contra a Escola? – A Sociabilização Política Escolar num Contexto de Incerteza*, Instituto Piaget, Lisboa, 2008
- Zorrinho, C., Serrano, A., Lacerda, P., *Gerir em Complexidade – Um Novo Paradigma de Gestão*, Ed. Sílabo, Lda., 2ªed., Lisboa, 2007

Documentos (projectos, artigos e trabalhos) não publicados:

- Beirante, D., *Construção de um modelo holístico de avaliação*, no âmbito da componente curricular do Mestrado em Gestão e Administração Escolar, Évora, 2007
- Câmara Municipal de Santarém (2009) – *Monitorização da Carta Educativa do Município de Santarém*. CMS, Santarém, Policopiado.
- Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (2006) – *Carta Educativa do Município de Santarém*. CULT, Lisboa, 2006.
- Escola Mem Ramires, *Plano de Desenvolvimento Estratégico do Agrupamento*, Santarém, 2007
- Escola Mem Ramires, *Projecto Educativo do Agrupamento*, Santarém, 2007
- Escola Secundária Dr. Ginestal Machado, *Projecto Educativo*, Santarém, 2008
- Sá, A.; Marques, C., Beirante, D., *Motivação e Gestão de Recursos Humanos*, no âmbito da componente curricular do Mestrado em Gestão e Administração Escolar, Évora, 2007